

JOSÉ WALBER BORGES PINHEIRO

**ALUNOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS DE ALUNOS DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA DA ACADEMIA NACIONAL DE POLÍCIA**

**Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Educação
Goiânia — 2008**

JOSÉ WALBER BORGES PINHEIRO

**ALUNOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS DE ALUNOS DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA DA ACADEMIA NACIONAL DE POLÍCIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Dr^a. Joana Peixoto.

Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Educação
Goiânia — 2008

JOSÉ WALBER BORGES PINHEIRO

**ALUNOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS DE ALUNOS DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA DA ACADEMIA NACIONAL DE POLÍCIA**

Dissertação aprovada em 20/09/2008 como requisito parcial para obtenção do grau Mestre em Educação, no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás, pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Joana Peixoto (UCG)

Prof. Dr. Gilberto Lacerda dos Santos (UNB)

Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Rincón Afonso (UCG)

DEDICATÓRIA

A todos que estiveram presentes neste processo de desenvolvimento pessoal e profissional, com palavras de carinho e estímulo, em especial aos meus amados pais e à Jullena Normando, Marcelo Rauber e Andréia Magalhães.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que sempre me deu coragem para seguir em frente e nunca desistir.

Agradeço a minha família e amigos pela compreensão e incansável estímulo e que, consciente ou inconscientemente, me ajudaram nesta dissertação.

Agradeço também a minha orientadora Profa. Dra. Joana Peixoto que, com sua sabedoria, esteve sempre pronta a me ajudar, com incentivo e compreensão em vários momentos da concepção deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Gilberto Lacerda pela disponibilidade, apoio e orientações prestadas durante a trajetória desta investigação e também a todos os alunos da Academia Nacional de Polícia que participaram da pesquisa.

Agradeço também aos demais professores e amigos do Mestrado em Educação da UCG, pelo encorajamento e pelas indicações de leituras que contribuíram para o meu crescimento.

“O mundo que está emergindo rapidamente do choque de novos valores e tecnologias, novas relações geopolíticas, novos estilos de vida e novos modos de comunicação exige idéias e analogias novas, novas classificações e novos conceitos. Não podemos enfiar o mundo embrionário de amanhã em cubículos convencionais. (...) Com a informação ficando mais importante do que nunca o foi, a nova civilização restaurará a educação (...).”

Alvin Toffler

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	vii
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I BASES FUNDAMENTAIS, CONCEITUAIS E HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	15
1.1 DEFINIÇÕES DA EAD	16
1.2 CARACTERIZAÇÃO DA EAD	24
1.3 EAD: UMA SOLUÇÃO OU UM PROBLEMA?	26
1.4 A EAD NO BRASIL.....	31
1.5 A LEGISLAÇÃO REGULAMENTADORA DA EAD NO BRASIL.....	34
CAPÍTULO II CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA O ESTUDO DA EAD	40
2.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL: CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	41
2.2 AS PESQUISAS EM REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA ÁREA DA EAD.....	48
2.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA E SEU CONTEXTO	53
2.3.1 O programa de educação a distância da Academia Nacional de Polícia. 53	
2.3.2 Caracterização dos Sujeitos	57
2.3.3 Procedimentos de coleta de dados.....	58
CAPÍTULO III A VISÃO DO ALUNO NO ESTUDO DA EAD.....	61
3.1 A VISÃO DO ALUNO.....	61
3.2 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS	66
3.3 COMO SE VÊM OS ALUNOS DE EAD	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	78
ANEXOS	83

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABT	Associação Brasileira de Teleducação
ANP	Academia Nacional de Polícia
CEP	Curso Especial de Polícia
CSP	Curso Superior de Polícia
DPF	Departamento de Polícia Federal
EAD	Educação a Distância
FEPLAM	Fundação Padre Landell de Moura
IES	Instituição de Ensino Superior
IUB	Instituto Universal Brasileiro
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PROINFO	Programa Nacional de Informática na Educação
PRONTEL	Programa Nacional de Telecomunicação
RS	Representação Social
SACI	Sistema Avançado de Comunicação Interdisciplinar
SATE	Avaliação de Tecnologias Educacionais
SESC	Serviço Social do Comércio
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem
SIRENA	Sistema Rádio Educativo Nacional
TVE	Emissora de Televisão Educativa
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UCG	Universidade Católica de Goiás

UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNITINS	Universidade do Tocantins
UC	Universidade Corporativa

RESUMO

Academia Nacional de Polícia (ANP) promove para os policiais federais cursos de requalificação, como o Curso Superior de Polícia (CSP) e o Curso Especial de Polícia (CEP), oferecidos a distância. Para apreciar a visão que os alunos têm do curso, o presente trabalho a estuda pela ótica da teoria das Representações Sociais. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi feita com base em entrevistas e análise de dados, coletados junto aos alunos que freqüentaram ou freqüentam o sistema de Educação a Distância, nos anos de 2005 a 2008. Para atingir tal objetivo, os alunos foram indagados quanto à visão geral que tinham do curso após sua vivência e às dificuldades enfrentadas. Também lhes foi pedido que discorressem quanto à diferença entre a situação de aluno presencial e de participantes de um curso a distância, contrastando vantagens e desvantagens.

Palavras-chave: Representações Sociais, Educação a Distância, visão do aluno.

ABSTRACT

The National Police Academy (Academia Nacional de Policía - ANP) promotes requalification courses for their officers, such as the Superior Police Course (Curso Superior de Policía - CSP) and the Special Police Course (Curso Especial de Policía - CEP). These courses are offered in a distance education system. This paper aims to understand how the student sees the distance education, through the theory of Social Representations. The present is a qualitative research, which was carried out via interviews and data analysis. The data was collected among the students who attended the distance education system, from 2005 and 2008. In order to fulfill the research's objectives, the students were asked about their general view of the distance education course as well as the difficulties they faced. They were also asked to discuss and contrast the two different educational parameters, distance and presential.

Key words: Social representations, distance education, student's view

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende estudar as Representações Sociais de alunos do Curso Superior de Polícia (CSP) e do Curso Especial de Polícia (CEP), oferecidos pela Academia Nacional de Polícia (ANP), que prevêem a requalificação de policiais federais e são oferecidos a distância. O objetivo principal do trabalho é buscar o entendimento sobre como o aluno vê um curso a distância a partir da experiência adquirida. É importante ressaltar que os policiais federais progridem na carreira até chegarem a um último estágio, denominado classe especial. Para isso, faz-se necessário um curso de formação oferecido pela ANP, na modalidade a distância.

Tendo em vista a atuação do Estado na proteção do cidadão, o Projeto de Modernização da Polícia Federal recomenda, entre outros elementos, o uso de tecnologias educativas no processo de melhoria do perfil profissional, oferecendo ao policial federal uma formação continuada abrangente e conhecimentos tecnológicos avançados, condizentes com as atuais demandas nacionais e internacionais.

Por considerar a distribuição geográfica da ANP, o número de policiais a serem requalificados e o tempo previsto para a obtenção de resultados, o projeto em questão optou pela adoção de estratégias de Educação a Distância (EAD), a fim de atingir, em médio prazo, o maior número possível de policiais. No entanto, é importante observar que um sistema de EAD demanda uma série de condições para oferecer resultados significativos. Por um lado, há a questão da infra-estrutura necessária à implementação do sistema: redes telemáticas, laboratórios de informática, salas de aula virtuais, videoconferências, material didático especialmente desenvolvido, etc. Por outro, há a importante questão das características pedagógicas desta modalidade de ensino.

Enquanto na educação presencial o aluno é extrinsecamente motivado, contando com a presença do professor e a dinâmica dos pares, na EAD ele precisa ser autônomo para buscar conhecimentos, para motivar-se intrinsecamente, gerenciar seu próprio tempo de estudos, desenvolver

trabalhos de forma individual e coletiva, integrar saberes coletivos e saberes individuais e lidar com conhecimentos oriundos de campos distintos, entre outros aspectos.

Em função das particularidades da modalidade de EAD, considera-se que o aluno deste sistema tem de se colocar diante da estratégia de ensino não-presencial munido de atitudes, habilidades e conhecimentos específicos para que compreenda perfeitamente esta dinâmica e possa com ela interagir de maneira adequada, avançando na construção de conhecimentos.

As atitudes do estudante com relação à EAD são indicadores tão importantes quanto seu desempenho na identificação da eficácia dos cursos e dos programas realizados a distância. Em função disso, é necessário explorar tais atitudes e opiniões na implementação de tecnologias educacionais, considerando qual a importância desse ensino, que motivação ele precisa ter para que seu aprendizado se desenvolva e como atuar enquanto sujeito participativo de sua própria educação. No entanto, muitas vezes um curso a distância é elaborado sem a preocupação com a visão do aluno diante dessa modalidade, se esta corresponde às suas expectativas e como a sua opinião pode influenciar na qualidade do ensino.

Diante do fato de que os alunos não têm voz durante o processo de decisão e implementação do curso, decidiu-se realizar este estudo, a fim de melhor explorar a questão. Percebeu-se que importantes escolhas como a instituição de ensino, a grade curricular, o conteúdo das ementas, bem como o material didático a ser adotado são tomadas à revelia dos alunos. Além disso, a visão do curso parte dos agentes promotores e das instituições realizadoras, sem a participação efetiva dos maiores interessados no assunto, no caso, os alunos. Nesse contexto, ao observar empiricamente uma série de reclamações por parte dos estudantes dos cursos citados, engendrou-se um estudo que pudesse balizar possíveis sugestões para melhorias dos próximos a serem oferecidos.

A partir da situação supracitada e tendo em vista as características apresentadas pela estratégia da EAD, bem como os respectivos pré-requisitos que o corpo discente deve apresentar, investigamos as Representações Sociais (RS) de alunos do sistema de EAD, implantado pela ANP. A

investigação parte das seguintes questões: qual a visão da EAD detida pelos alunos após a experiência vivida no curso? Que dificuldades vivenciaram? Tendo em vista a natural experiência dos alunos em situações de educação presencial, como eles se vêem sendo discentes de um curso a distância?

A partir dessas considerações, esta dissertação apresenta uma pesquisa qualitativa, com base na teoria das Representações Sociais (RS), cujos dados foram coletados junto aos alunos que freqüentaram ou freqüentam o sistema de EAD, nos anos de 2005 a 2008 promovido pela ANP.

A teoria das RS foi adotada por fornecer os meios que permitem evidenciar os valores, as imagens e as representações construídas individual e coletivamente. Assim, ela pode ser uma interessante e útil ferramenta para se apreender como o conhecimento comum circula no interior dos grupos, e especialmente como o indivíduo é influenciado pelas verdades deste grupo ao mesmo tempo em que o influencia de maneira constante. (MOSCOVICI, 2003)

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro aborda as definições, características, o histórico e a legislação sobre EAD. O segundo trata das RS, do contexto e dos sujeitos da pesquisa. Por fim, no terceiro capítulo, são apresentadas as análises das entrevistas realizadas.

CAPÍTULO I

BASES FUNDAMENTAIS, CONCEITUAIS E HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Este capítulo aborda as definições sobre EAD, suas bases fundamentais e conceituais. A partir daí, apresenta sua evolução no Brasil, considerando referências históricas, bem como a legislação que a regulamenta.

A EAD não é algo recente na sociedade. Ela existe há várias décadas, principalmente, sob a forma de cursos por correspondência, através dos Correios. Consiste em uma modalidade de ensino que pode assegurar oportunidades mais flexíveis de aprendizagem individual ou em grupo.

Belloni (1999) afirma que o desenvolvimento da EAD foi extremamente impulsionado nas décadas recentes pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Através da televisão, do computador e da Internet, o ensino não-presencial adquiriu um novo impulso, estendendo suas possibilidades de acesso e aplicação. Com a combinação das tecnologias de comunicação como televisão, computador, telefone e, principalmente, a Internet, a EAD assumiu um novo papel, apresentando inúmeras possibilidades de atender às necessidades multiculturais relacionadas ao saber de diferentes alunos potenciais, distantes no tempo e no espaço.

É ainda Belloni (1999) quem indica que a transformação que os meios de comunicação, como extensões do homem, promovem na sua forma de pensar, de agir, os afeta individualmente. Segundo esta autora, os meios de comunicação proporcionam uma nova abertura e novas possibilidades de ensino e de educação. Assim, cabe ao professor e aos programas de EAD, se apropriarem desses meios no processo de transmissão de conhecimento.

1.1 DEFINIÇÕES DE EAD

Há um grande debate sobre qual a terminologia mais apropriada para designar a educação na modalidade a distância. Diversas são as denominações relacionadas: “*e-learning*”, “*e-training*”, “ensino a distância”, “formação a distância”, “ensino-aprendizagem a distância”, “educação a distância”. Seja qual for o termo utilizado, sua definição não é propriamente consensual.

No Brasil, usam-se, freqüentemente, os termos Ensino a Distância e Educação a Distância como se fossem sinônimos, expressando um processo de ensino-aprendizagem. Landim (2003, p. 24) salienta as diferenças conceituais entre eles:

Ensino: instrução, transmissão de conhecimentos e informações, adestramento, treinamento. *Educação*: prática educativa, processo de ensino-aprendizagem, que leva o indivíduo a aprender a aprender, a saber a pensar, criar, inovar, construir conhecimentos, participar ativamente de seu próprio crescimento. É um processo de humanização que alcança o pessoal e o estrutural, partindo da situação concreta em que se dá a ação educativa numa relação dialógica.

A autora ainda enfatiza que existem situações e objetivos que se esgotariam no “ensino”, mas a proposta mais complexa e essencial está, certamente, na “educação”. Assim, compreende-se que é sobre a Educação a Distância que se deve desenvolver este trabalho, por ser considerada uma expressão idiomática muito relevante e dinâmica em seu conteúdo e por conduzir o debate para a questão da qualidade da educação.

Segundo Kearsley e Moore (2007, p. 25), a EAD se caracteriza como

[...] A família de métodos instrucionais nos quais os comportamentos de ensino são executados em separado dos comportamentos de aprendizagem, incluindo aqueles que numa situação presencial (contígua), seriam desempenhados na presença do aprendente, de modo que a comunicação entre o professor e o aprendente deve ser facilitada por dispositivos impressos, eletrônicos, mecânicos e outros.

A EAD constitui-se como uma modalidade não-tradicional, típica da era industrial e tecnológica, envolvendo diversas formas de ensino-aprendizagem, fazendo uso de métodos, técnicas e recursos postos à disposição da sociedade. Para Belloni (1999), a EAD emerge como alternativa que pode contribuir com as instituições de ensino na definição de políticas sociais que a educação formal e presencial não tem atendido.

Conforme Kearsley e Moore (2007), o desenvolvimento da Educação a Distância acompanhou a evolução das tecnologias de comunicação disponíveis em cada momento histórico.

Os inúmeros recursos tecnológicos hoje disponíveis oferecem uma enorme diversidade de arranjos possíveis, no entanto, é importante considerar que nem sempre as tecnologias mais evoluídas são as mais indicadas, uma vez que muitas pessoas podem não ter acesso a elas ou ainda, não saber utilizá-las. É fundamental conhecer a capacidade de acesso daqueles a quem se destina o curso e quais meios possuem, para que seja possível selecionar as tecnologias mais adequadas.

Assim, com base na leitura dos autores que tratam do tema, é oportuno relacionar alguns elementos constitutivos do conceito de Educação a Distância, segundo Belloni (1999, p. 6):

a distância: indica separação física do professor e do aluno. Não exclui o contato direto dos alunos entre si ou do aluno com os profissionais que possam apoiá-lo no processo de aprendizagem. Ter ou não ter momentos de presencialidade é uma opção estratégica que pode ser prevista em plano ou projeto pedagógico;

estudo individualizado e independente: reconhece a capacidade do estudante de construir o seu caminho, seu conhecimento por ele mesmo, de se tornar autônomo, ator e autor de suas práticas e reflexões;

um processo ensino-aprendizagem mediatizado: a EAD deve oferecer suportes e estruturar um sistema que viabilize e incentive a autonomia dos alunos nos processos de aprendizagem. Isto acontece por meio do tratamento dado aos conteúdos e formas de expressão mediatizados pelos materiais didáticos, meios tecnológicos, sistemas de tutoria e avaliação;

uso de tecnologias: os meios de comunicação rompem com as barreiras da distância geográfica. No entanto, há de se levar em conta o perfil do público usuário do curso, na escolha da tecnologia mais adequada;

comunicação bidirecional: o aluno não é um mero receptor de informações e mensagens. Apesar da distância, deve-se

estabelecer relações de diálogo, criativas, críticas e participativas.

Para Cropley e Kahl (*apud* BELLONI, 1999, p. 26)

[...] EAD é uma espécie de educação baseada em procedimentos que permitem o estabelecimento de processos de ensino e aprendizagem, mesmo onde não existe contato face a face entre professores e aprendentes – ela permite um alto grau de aprendizagem individualizada.

Dessa forma, a EAD não é um modismo tecnológico, uma vez que ela já existe há pelo menos 150 anos no mundo. Porém, seu crescimento e desenvolvimento aconteceram principalmente nas três últimas décadas, tendo um grande impulso em 1990, devido ao surgimento das megauniversidades que se espelhavam na Universidade Aberta de Londres, criada em 1969.

Malcom e Tight (*op. cit.* BELLONI, 1999, p. 26), definem:

A EAD se refere àquelas formas de aprendizagem organizada, baseadas na separação física [e temporal] entre os aprendentes e os que estão envolvidos na organização de sua aprendizagem. Esta separação pode aplicar-se a todo o processo de aprendizagem ou apenas a certos estágios ou elementos deste processo. Podem estar envolvidos estudos presenciais e privados, mas sua função será suplementar ou reforçar a interação predominantemente a distância.

É importante considerar que, independente da denominação utilizada, o que caracteriza a modalidade educacional a distância é a separação entre professor e aluno no espaço e/ou no tempo e o fato da comunicação ser mediada por alguma forma tecnológica.

A este respeito Almeida; Prado e Valente (2003, p. 67) afirmam que

A EAD é desenvolvida atualmente por meio de ambientes virtuais, com base em princípios educacionais que privilegiam a (re) construção do conhecimento, a autoria, a produção de conhecimento em colaboração com os pares e a aprendizagem significativa do aluno.

Sendo assim, a EAD é vista como uma modalidade de educação presente nas sociedades contemporâneas. Ela objetiva atender às novas demandas educacionais em decorrência das transformações na nova ordem

econômica mundial, que requerem novos desafios nos sistemas de educação, a introdução de meios tecnológicos e uma maior flexibilidade quanto às condições de acesso a currículos, metodologias e materiais.

Para Alves (*apud* ALMEIDA; PRADO E VALENTE, 2003, p. 118), “a EAD é uma comunicação mediatizada” em que o sujeito deve ter clareza da existência de um interlocutor do outro lado.

Alguns autores como Barreto (2001, 2003, 2004) e Belloni (1999), colocam em questão o discurso que enfatiza a relação entre a utilização das TICs em programas de EAD como uma forma de democratização do acesso à educação, por meio da flexibilização curricular e da expansão da oferta de oportunidades educacionais. Na formação a distância:

o acesso às TIC fica restrito à condição de usuários ou consumidores, até mesmo essa podendo ser perdida ao final do processo, em face das condições materiais de existência dos sujeitos em formação e da remuneração que percebem quando formados. (BARRETO, 2004, p. 6).

Isso porque, para que seja possível a sua implantação, aplicam-se as idéias de Belloni (1999) sobre a necessidade de se haver conversação didática orientada, diálogo e pesquisa nessa modalidade de ensino. Assim, é passível de crítica a EAD proposta como “pacote instrucional”, que apenas instrui os estudantes sobre o que fazer e o que pensar sem exercício de senso crítico.

O atendimento àqueles “novos desafios educacionais” (citados acima) pode, na realidade, representar a preparação de mão-de-obra para exercer, de maneira mais adequada, as suas funções numa ordem econômica globalizada. O que não significa necessariamente um maior acesso desta mão-de-obra aos bens culturais e educacionais. Pelo contrário, pode representar simplesmente o acesso da massa às TICs, não como elemento de inclusão social, mas de acentuação das diferenças sociais e econômicas.

As tecnologias (“um sistema tecnológico”) são, ao mesmo tempo, fetichizadas e reduzidas a estratégias e até mesmo materiais de educação a distância. Na configuração da SEED, parece não haver espaço para outras relações entre tecnologias e educação a distância. De um lado, é possível verificar o acatamento e até agudização das recomendações e

“condicionalidades” dos organismos internacionais.
(BARRETO, 2003, p. 5)

Tal reflexão nos remete ao conceito de EAD adotado pelo Ministério da Educação:

Educação a Distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (DECRETO 2.494, de 10.02.1998 – artigo 1º).

Os referenciais de qualidade para a educação superior a distância do MEC regem que:

O estudante deve ser o centro do processo educacional e a interação deve ser apoiada em um adequado sistema de tutoria e de um ambiente computacional, especialmente implementados para atendimento às necessidades do estudante (BRASIL, MEC, 1997, p. 12).

O Ministério entende que os tutores devem ser sujeitos que participam ativamente da prática pedagógica, sendo suas atividades descritas da seguinte maneira:

[as atividades] desenvolvidas a distância e/ou presencialmente devem contribuir para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem e para o acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico (Idem, p. 21).

O Ministério da Educação, com o objetivo de orientar alunos, professores, técnicos e gestores de Instituições de Ensino Superior – que, por sua vez, podem usufruir dessa modalidade de educação no empenho por maior qualidade em seus processos e produtos – estabelece indicadores para a autorização de cursos de graduação a distância. Ainda estabelece que para os cursos de nível fundamental e médio, inclusive técnico, esses indicadores serão definidos pelos Conselhos Estaduais de Educação, órgãos responsáveis pela normatização, autorização e supervisão desses níveis de ensino, conforme Decreto 2.561 de 27 de abril de 1998. Neste decreto também se encontram os dez itens considerados básicos pelo Ministério da Educação e

que devem merecer a atenção das instituições que preparam seus programas de graduação a distância. São eles:

1. Integração com políticas, diretrizes e padrões de qualidade definidos para o ensino superior como um todo e para o curso específico;
2. Desenho do projeto: a identidade da Educação a Distância;
3. Equipe profissional multidisciplinar;
4. Comunicação/interatividade entre professor e aluno;
5. Qualidade dos recursos educacionais;
6. Infra-estrutura de apoio;
7. Avaliação de qualidade contínua e abrangente;
8. Convênios e parcerias;
9. Edital de informação sobre o curso de graduação a distância;
10. Custos de implementação e manutenção da graduação a distância.

Assim, torna-se indispensável que todos aqueles que pretendem trabalhar com Educação a Distância, na produção de cursos ou como usuários, tenham conhecimento desses critérios de qualidade e também da legislação que regulamenta a educação nesta modalidade.

Outra definição sobre a EAD que merece ser destacada é a de Peters (*apud* BELLONI, 1999, p. 28).

A EAD implica a divisão do trabalho de ensinar, com a mecanização e automação da metodologia de ensino e a dependência da efetividade do processo de ensino com relação às tarefas prévias de planejamento e organização dos sistemas (mais do que à habilidade do professor), conduzindo a uma transformação radical do papel do professor. As relações professor/estudante se caracterizam por aspectos essencialmente diferentes daqueles que ocorrem no ensino convencional: elas são controladas por regras técnicas mais do que por normas sociais; são baseadas em pouco ou nenhum conhecimento das necessidades do aprendente; são construídas a partir de orientações e diretivas e não no contato pessoal; e buscam atingir os objetivos pela eficiência e não pela interação pessoal.

Neste sentido, de acordo com a definição proposta por Peters (2004) , a EAD é a forma mais industrializada de educação, refletindo os princípios da produção industrial em sua organização institucional e pedagógica.

O autor afirma que, além da distância – e do uso de diversos tipos de mídias (meios portadores de informação) para superá-la – existem ainda outras características fundamentais da EAD que a diferenciam da educação presencial. A situação educacional, o clima de aprendizagem, os métodos de apresentação e de aquisição do conhecimento são diferentes. Além disso, não há uma interação direta entre docentes e discentes, pois é uma educação mediada por artefatos, como a linguagem escrita¹, ao invés da linguagem oral. Todos esses aspectos, segundo o autor, caracterizam um rompimento com a tradição acadêmica presencial.

Outro fato relevante enfatizado por Peters (2004) é de que, geralmente, a EAD destina-se aos excluídos do sistema tradicional de ensino, principalmente do ensino superior. São adultos, com responsabilidades profissionais e familiares, que encontram na EAD uma possibilidade de aprendizagem permanente.

Esta visão é refutada por autores como Barreto (2003), que denuncia a articulação dos programas de EAD ao projeto econômico neoliberal, condicionando o financiamento de projetos sociais nos países em desenvolvimento à implantação de projetos educativos de massa e pouco qualificados. Além disso, percebe-se no discurso do MEC, a valorização do produto, ao invés do foco no processo.

Tem sido possível desenvolver um discurso híbrido, conjugando os sentidos do termo “diretrizes” com uma perspectiva de “flexibilidade”, bem como produzir, em larga escala, materiais a serem veiculados por meio das TICs, visando a traduzir as diretrizes flexíveis em competências e habilidades específicas que, por sua vez, serão objeto de avaliação centrada no produto, em detrimento do processo, assim como nos aspectos quantitativos, em prejuízo dos qualitativos (BARRETO, 2003, p. 278).

Pretti (2000) apresenta a EAD, no âmbito político-social, como uma alternativa educacional positiva em diferentes aspectos, principalmente para a formação profissional continuada. Na esfera econômica, ela favorece a redução de custos frente a um curso presencial. No aspecto pedagógico, é uma modalidade mais flexível, adaptável à realidade dos educandos. Finalmente, no

¹ Embora os recursos tecnológicos disponíveis permitam a utilização de ferramentas audiovisuais nos programas de EAD, ainda prevalecem os modelos que priorizam a linguagem escrita.

que se refere à dimensão tecnológica, a EAD contempla a possibilidade de atingir um número maior de alunos, por facilitar a discussão do conhecimento. Todavia, também ressalta alguns desafios, como a necessidade de se produzir uma educação de qualidade, de promover a socialização de conhecimentos e a integração social, e a busca pela superação da dimensão reprodutivista do ensino e da individualidade acrítica.

O autor alerta para a conscientização de que a EAD não pode substituir por completo o sistema educacional presencial. Ela deve ser entendida como uma opção a mais e como a busca por uma realidade de acesso à educação mais justa, sendo o conhecimento, um bem de todos.

De qualquer forma, o discurso predominante entre os pesquisadores da área e do MEC converge para a utilização da EAD como um projeto de qualificação e atualização de ensino. A EAD é vista como uma modalidade que pode vir a contribuir para a transformação das práticas e da organização do trabalho nos sistemas convencionais de ensino, bem como para a utilização adequada das tecnologias de mediatização da educação. Com relação a essas transformações, Mata (*apud* LOBO NETO, 2001, p. 79) afirma que

[...] se a educação é um processo de toda a vida, é evidente que ultrapassa o âmbito das estruturas escolares, abarcando todos os fatores e todos os elementos que possam concorrer para a ação formativa do indivíduo. Os sistemas educacionais, sob muitos aspectos, se encontram impotentes para fazer frente aos desafios de uma formação contínua, crítica, não alienadora. Se as formas escolares tradicionais não dão conta nem do “antigo”, como pedir-lhes que assumam o “novo”, ampliando sua ação? Os desafios da revolução tecnológica exigem um sistema aberto, que possibilite à população, de maneira rápida e eficaz, se apropriar das mudanças tecnológicas.

Assim, a EAD se apresenta como uma das alternativas tecnológicas de democratização da educação, para atender as diversas necessidades da população brasileira que o sistema de ensino regular não pode suprir, e também para uma constante atualização e formação continuada. Além disso, por ser mediatizada, permite incorporar as mais modernas tecnologias de comunicação, ultrapassando as barreiras de tempo e espaço.

Com a redução nos custos dos equipamentos e a necessidade crescente de formação, aperfeiçoamento profissional e expansão do ensino, a EAD surge como uma modalidade acessível e conveniente a várias pessoas que se encontram dispersas geograficamente. Ela dispensa deslocamentos, possibilitando ao estudante aprender em seu ritmo, no tempo e local que lhe é mais conveniente, além de favorecer o desenvolvimento de habilidades e competências cognitivas como autonomia, criatividade e autodisciplina.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DA EAD

A EAD, desenvolvida atualmente por meio de ambientes virtuais², tem em seus princípios educacionais aspectos que privilegiam a construção do conhecimento, a autoria, a produção de conhecimento em colaboração com os pares e a aprendizagem significativa do aluno. Tais aspectos requerem uma forma particular de conceber o planejamento, a organização das informações, as interações e a mediação pedagógica.

Vale mencionar que, em termos de metodologia, a EAD possui algumas características essenciais, quando comparada à educação presencial.

Vianney (2006) ressalta que Peters (2004) listou os tópicos básicos que caracterizam a Educação a Distância, sendo possível compreender a modalidade como um fenômeno da era moderna, aliando educação por auto-aprendizagem e meios de comunicação de massa. Assim, além do uso dos meios técnicos, a EAD traz um componente de autonomia do aprendente. Para Peters (2004) os tópicos fundamentais que caracterizam a EAD são: aprender por meio de leitura de material impresso; aprender através de estudo próprio dirigido; aprender por meio de trabalho científico autônomo; aprender por meio de comunicação pessoal; aprender com a ajuda de meios auditivos e audiovisuais; aprender com auxílio de computador pessoal; e aprender com auxílio dos recursos da Internet.

Os cursos apresentam-se geralmente como auto-instrucionais, mediante a elaboração de materiais para o estudo independente, contendo objetivos

² Segundo Almeida e Valente (2007), podem ser considerados como ambientes virtuais as diferentes ferramentas de comunicação, interação, gerenciamento de informações, entre outros, que estão presentes nas plataformas como ProInfo, TelEduc, Blackboard, Moodle, etc.

claros, auto-avaliações, exercícios, atividades e textos complementares. São produzidos, utilizando-se, geralmente, textos impressos, mas, combinando-os com uma ampla variedade de recursos e meios como: suplementos de periódicos e revistas; livros adicionais; rádio e televisão educativos em circuito aberto ou fechado; filmes; computadores; videodiscos; videotextos; comunicações mediante telefone, rádio, satélite, dando um enfoque multi-meio a esse tipo de integração.

Na visão de Peters (2004) esses cursos indicam a característica da industrialização do processo ensino-aprendizagem, resultando em clara divisão do trabalho entre criação, produção e utilização do material didático. Além disso, a tendência desses cursos é de adotar estruturas curriculares flexíveis, via módulos e/ou créditos para permitir uma maior adaptação às possibilidades e necessidades dos estudantes.

Ainda sobre os cursos na modalidade a distância, sua população se apresenta relativamente dispersa, devido à posição geográfica e à faixa etária – predominante adulta – sendo que o estudo da população abordada pelo autor é individualizado e possibilita a relação interpessoal entre pessoas de diferentes formações, cultura e raça.

Uma vez preparado e testado, é conveniente e economicamente vantajoso utilizar o curso para um grande número de estudantes, expondo-os a uma comunicação massificada. Esta é organizada em duas direções: a primeira entre os estudantes e a segunda entre o centro produtor dos cursos, podendo ser feita através de tutoriais, orientações, observações sobre trabalhos, ensaios realizados pelos estudantes, auto-avaliações e avaliações.

A comunicação processa-se por vários meios (dentre eles: escrita, telefone, fax, rádio, videoconferências) e a forma mediadora de conversação é guiada, face à separação física entre professor e aluno. Esses meios de comunicação favorecem a instauração de estratégias de interação entre professores e alunos como também de alunos entre si. Porém, tais estratégias não dependem apenas dos meios, mas da forma como eles são apropriados pelos sujeitos. O aumento da interatividade é o principal desafio e problema em EAD, pois, como afirma Belloni (1999, p. 58):

A comunicação é intermediada por equipamentos que permitem não só a transmissão de informações, mas a construção de conhecimentos, variando os graus de interação conforme o suporte técnico que media essa comunicação e que influencia tanto no conteúdo da comunicação quanto na sua forma.

A característica básica de todo e qualquer sistema de Educação a Distância é o estabelecimento de uma comunicação de mão dupla, na medida em que o professor e o aluno não se encontram fisicamente na mesma sala, requisitando, assim, meios que possibilitem a comunicação entre eles (PERRY e RUMBLE, 1987). Dentre as características fundamentais para o desenvolvimento de um sistema de EAD, destacam-se:

- Separação física entre professor e aluno, que a distingue do ensino presencial;
- Influência da organização educacional, que a diferencia da educação individual;
- Utilização de meios técnicos de comunicação para unir o professor ao aluno e transmitir os conteúdos educativos;
- Previsão de uma comunicação de mão dupla – o estudante se beneficia de um diálogo e da possibilidade de iniciativas de ambas as partes;
- Possibilidade de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização.

Considerando as características citadas, é bastante claro que o aluno de um sistema de Educação a Distância deve colocar-se diante da estratégia de ensino não-presencial, munido de atitudes, habilidades e conhecimentos específicos. Além disso, ele precisa adaptar-se à dinâmica dessa estratégia para interagir de maneira adequada, avançando na construção de conhecimentos.

1.3 EAD: UMA SOLUÇÃO OU UM PROBLEMA?

As novas tecnologias de comunicação estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e têm proporcionado novas maneiras de viver, de trabalhar, de estudar e de se organizar socialmente. Assim, essas possibilidades

tecnológicas respaldam as transformações das ações, as condições de pensar e de representar a realidade, até mesmo o ato de educar.

Sob esta perspectiva, Kenski (2006, p. 29) argumenta que

Tradicionalmente, a aprendizagem de informações e conceitos era tarefa exclusiva da escola. Os conhecimentos teóricos eram apresentados gradativamente às crianças após o ingresso nas instituições formais de ensino. Eles eram finitos e determinados. Na atualidade, o que se desloca é a informação, em tempo real e pelas transformações permanentes.

Assim, as idéias de Kenski (2006) evidenciam que as rápidas mudanças tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. Com isso, é possível considerar o ser humano em constante formação e construção do saber científico.

Os diferentes segmentos e instituições sociais passaram por transformações profundas, em virtude do desenvolvimento dos meios de comunicação e informação. Ao serem integradas à educação, as TICs permitiram a abertura de novas formas de ensino e deram impulso à EAD, a partir de seu desenvolvimento.

É o que sustenta Valente (*apud* ALMEIDA; PRADO E VALENTE, 2003), quando diz que a EAD se insere no cenário mundial atual ao mesmo tempo em que seu surgimento se deve ao desenvolvimento das Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs). Essa modalidade de ensino também serve aos novos pressupostos do conhecimento e da permanente formação exigidos pela nova realidade. Através da EAD, o acesso ao aprendizado torna-se mais fácil para muitas pessoas, as quais podem se manter atualizadas e preparadas para os desafios do mundo atual.

Kenski (2006) sustenta que, com as tecnologias, a escola se torna mais aberta, pois permite a realização do processo educativo por meio de novas metodologias e novas formas de ensino, como ocorre com a EAD. Portanto, cabe ao ser humano a utilização criativa dos meios de comunicação e informação na EAD, com base na clara percepção das potencialidades de cada meio e da função da educação na formação da experiência, na transmissão do conhecimento e na construção das diferentes Representações Sociais.

Peters (2004) destaca ser fundamental que o estudante da EAD desenvolva as habilidades necessárias para pensar e agir independentemente; tenha clareza sobre seus próprios requisitos de aprendizagem; tenha ainda iniciativa e capacidade de reconhecer diferenças qualitativas rapidamente e seja capaz de avaliar as vantagens e desvantagens dos caminhos de aprendizagem definidos. Constata-se, com isso, que a EAD solicita uma postura pró-ativa por parte dos estudantes, esperando que eles percebam sua parcela de responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem.

Como já foi abordado, o autor ainda ressalta que o perfil mais comum do estudante que procura a EAD é de alunos adultos, geralmente engajados no mercado de trabalho, afastados da dinâmica ensino-aprendizagem formal há algum tempo, na maioria das vezes sem experiência anterior na modalidade. Este grupo de estudantes pode apresentar certas resistências ou inseguranças perante os novos valores e conhecimentos propostos pela EAD. Assim, na qualidade de trabalhadores e chefes de família, esses alunos muitas vezes têm condições pouco favoráveis para dedicação ao estudo a distância, como a exigüidade de tempo para o estudo e a necessidade de afazeres domésticos e familiares.

É importante evidenciar que, tanto na EAD quanto no ensino presencial, todos os esforços devem ser colocados para que se tenha uma educação de qualidade. Peters (2004) destaca que a EAD deve ter os mesmos propósitos da educação presencial, e ainda deve ampliar o acesso à educação, ao ensino, à pesquisa e à extensão, reiterando seu compromisso histórico, político e cultural com a sociedade.

Deve-se esclarecer que a EAD é uma forma de fazer educação e, por isso, os desafios que vemos pela frente são da educação em geral, não de uma modalidade sobre a outra. É necessário desenvolver uma atitude crítica avaliativa com o propósito de elevar o padrão da educação como um todo.

Vianney (2006) sustenta que, para exercer o seu papel no contexto atual, a EAD não pode ser concebida meramente como sucedânea da educação presencial. Sua função social não se restringe a promover a ampliação do número dos que têm acesso à educação, essa é, certamente, uma de suas mais relevantes características e que muito contribui na definição de seu papel social, mas é, sobretudo, um instrumento de qualificação do

processo pedagógico e do serviço educacional. Em outras palavras, a EAD traz uma fundamental contribuição, que é sua utilização para a capacitação e atualização dos profissionais da educação e a formação e especialização em novas ocupações e profissões. Sem dúvida, esta foi um dos mais importantes motivos do crescimento desta modalidade de ensino nos níveis médio e superior.

Além disso, a EAD, por suas próprias características, constitui-se em canal privilegiado de interação com as manifestações do desenvolvimento científico e tecnológico no campo das comunicações. Reafirmando a posição adotada, Evans e Nation (*apud* BELLONI, 1999, p. 48) destacam que

O diálogo deve ser encorajado através de materiais de curso que ofereçam aos estudantes conhecimentos, habilidades, idéias e valores que sejam relevantes para seus interesses e necessidades, e que eles possam usar ativamente para entender, gerir e mudar seus mundos sociais através do diálogo com seus companheiros.

Ao observar o contexto da globalização, é possível notar que as fronteiras educacionais estão deixando de existir na educação escolar, que desde o início da modernidade tem sido considerada elemento fundamental à construção e propagação do saber sistematizado e científico. Esta vem se transformando cada vez mais para adequar-se às novas exigências – mudanças acometidas, em grande parte, pela introdução das novas Tecnologias de Informação e Comunicação na educação.

A era digital engendra não apenas a utilização de novos equipamentos para a produção e a apreensão de conhecimentos, mas também novos comportamentos de aprendizagem, racionalidades e estímulos perceptivos. Seu acelerado alastramento e sua veloz multiplicação nos obrigam a não mais ignorar sua presença e sua importância.

É relevante enfatizar o despreparo dos professores na escola, frente às mudanças trazidas pelas novas tecnologias da informação e comunicação – um grande desafio a ser incorporado no seu cotidiano. Essas evidências merecem uma investigação detalhada para que se conheça efetivamente a realidade na qual o professor está inserido, levando em conta que a prática

docente pouco mudou ao longo do tempo e, no entanto os alunos não são mais os mesmos.

Se, por um lado, não temos profissionais da educação bem preparados para o uso do computador como ferramenta no processo ensino-aprendizagem, fica evidente também que equipar laboratórios com modernos computadores e treinar professores não garante efetivamente avanços na qualidade do ensino. Tomar posicionamento sobre que utilidade terá a escola, em qualquer de suas modalidades, é ponto de partida.

Kenski (2006) evidencia que oferecer ao professor oportunidade de formação contínua não basta. É fundamental que ele o queira, e sinta necessidade dessa formação. De nada adianta apenas a escola fazer o seu papel, montando laboratórios de informática, se não houver formação continuada aos docentes. Isto significa dizer que o professor deve conhecer e ter o domínio primeiramente para si e depois para seu aluno, caso contrário, o laboratório permanecerá fechado e os computadores sem uso, ou quando muito, usados indevidamente.

Os professores representam o “elemento-chave” para que o trabalho pedagógico possa cumprir seu objetivo, que é o de transmitir o saber sistematizado aos alunos, produzido historicamente pela humanidade. Assim, dá-se início a um processo contínuo de formação docente, que abrange conhecimentos específicos sobre informática e conhecimentos sobre o processo de ensino-aprendizagem, cujas teorias subsidiam a escolha de diferentes ferramentas informatizadas.

Com relação a isso, Almeida; Prado e Valente (2003) endossam que aprender é um processo e, como tal, é gradual e contínuo, necessita que as informações adquiridas sejam aplicadas ao contexto para serem reelaboradas, modificadas.

A formação profissional continuada é um elemento que assume importância significativa no cenário atual da sociedade do saber e da informação. Com o volume e a velocidade de informações disponibilizadas pelas novas tecnologias, os trabalhadores constantemente sentem a necessidade de buscar informações e conhecimentos que os diferencie no concorrido mercado de trabalho, por diferentes fontes de acesso.

Essa nova modalidade de ensinar e aprender vem exigindo uma postura diferente por parte do docente e do discente e, portanto, possibilita uma transição de paradigmas. Nesse novo cenário, é fundamental a inserção de novos procedimentos didático-metodológicos e também de atitude crítica e criativa.

Será apresentada no próximo tópico uma visão sobre a EAD no Brasil, que nos permite acompanhar o processo evolutivo e nos situar nesse contexto.

1.4 A EAD NO BRASIL

A primeira geração de EAD no Brasil surgiu em 1904, com o ensino por correspondência, que consistia na oferta de iniciação profissional em áreas técnicas por instituições privadas sem exigência de escolarização anterior. De acordo com os estudos de Nunes (1992), no Brasil a EAD teve início com a implantação do Instituto Rádio Monitor, em 1929. Após dez anos (1939), veio a consagração, juntamente com a criação do Instituto Universal Brasileiro (1941).

Essas duas organizações, entre outras similares, tornaram-se responsáveis pelo atendimento de mais de 3 milhões de alunos em cursos abertos de iniciação profissionalizante até o ano de 2000, pela modalidade de ensino por correspondência (ALMEIDA; PRADO E VALENTE, 2003).

A EAD também passou a ser conhecida no Brasil a partir de projetos de ensino supletivo via televisão e fascículos. Porém, adquiriu popularmente o significado de “educação pela televisão”, tal como para a maioria das pessoas, os tele cursos eram (e são ainda) “cursos pela televisão”.

.As experiências brasileiras, governamentais ou não, têm sido caracterizadas pela descontinuidade dos projetos e por certo receio em se adotar procedimentos rigorosos e científicos de avaliação. Nas últimas décadas, a EAD tomou um novo impulso com o uso das tecnologias tradicionais de comunicação, como o rádio e a televisão. Essas ferramentas, associadas aos materiais impressos enviados pelo correio, favoreceram a disseminação e a democratização do acesso à educação em diferentes níveis e permitiram atender à grande massa de alunos.

Nunes (1992) esclarece que alguns programas de EAD marcaram sua história. Dentre estes, na década de 30, destacam-se: a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro Roquette-Pinto (1930); a Rádio-Escola Municipal Rio de Janeiro (1934); o Instituto Rádio Técnico Monitor, em São Paulo, instituição privada que oferecia cursos profissionalizantes (1939); a Universidade do Ar, da Rádio Nacional, voltada para o professor leigo e o Instituto Universal Brasileiro (1941).

Na década de 50 destacaram-se: em 1954, a Universidade do Ar – criada para treinar comerciantes e empregados em técnicas comerciais no Serviço Social do Comércio (SESC) e no Serviço Nacional de Aprendizagem (SENAC); o Sistema Rádio Educativo Nacional (SIRENA), que passa a produzir programas transmitidos por diversas emissoras (1957); a Arquidiocese de Natal no Rio Grande do Norte, que lança um sistema de radiodifusão, cujo sucesso inspirou a criação do Movimento de Educação de Base, em 1958.

Nos anos 1960, foram destaque: o MEB, concebido pela Igreja e patrocinado pelo Governo Federal (1961); a solicitação do Ministério da Educação de reserva de canais VHF e UHF para a TV Educativa; a criação da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa na UFRJ/ Fundação Padre Landell de Moura - FEPLAM - RGS/ TV Universitária de Recife – Pernambuco (1967); a Fundação Maranhense de Televisão Educativa (1969) e o Decreto n.º 65.239, de 1969, que criou o Sistema Avançado de Tecnologias Educacionais – SATE, em âmbito Federal.

Já na década de 1970 destacaram-se: a Associação Brasileira de Teleducação (ABT) ou Tecnologia Educacional/ Projeto Minerva, em Cadeia Nacional; a fundação Roberto Marinho inicia a educação supletiva a distância para primeiro e segundo graus; o Programa Nacional de Teleducação (PRONTEL); o Projeto Sistema avançado de Comunicações Interdisciplinares (SACI); a Emissora de Televisão Educativa (TVE) Ceará; o Projeto de Piloto de Teledidática da TVE; Projeto Logos - MEC; Telecurso do 2º grau; Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa/ MEC; Projeto Conquista; Programas de alfabetização como o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Nos anos 1980: a Universidade de Brasília cria os primeiros cursos de Extensão a distância; Curso de Pós-Graduação Tutorial a distância; televisão

educativa do Mato Grosso do Sul; Projeto Ipê; TV Cultura de São Paulo; Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos.

Na década de 1990: Telecurso 2000 e Telecurso Profissionalizante – Fundação Roberto Marinho e SENAI; TV Escola – Um Salto para o Futuro; Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO); Canal Futura – canal do conhecimento; Criação do Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa – SINRED; Sistema Nacional de Educação a Distância SINEAD; PROFORMAÇÃO – Programa de Formação de Professores em Exercício.

No entendimento de Faria e Medeiros (2003), a EAD tornou-se mais importante no Brasil a partir da década de 1970, com a oferta de programas de teleducação, e, nesse novo século, o país busca alcançar formas alternativas concretas para, ao lado do sistema convencional, assegurar que a educação seja direito de todos e facilitar uma inovação cultural em toda a sociedade, objetivando a diminuição das desigualdades sociais.

Para Barreto (2001), a maior parte das instituições de ensino superior passou a se mobilizar em direção à EAD, a partir do uso das TICs, somente na década de 1990. Em 1994, iniciou-se a expansão da internet no ambiente universitário e, dois anos depois, surgiu a primeira legislação específica para EAD no ensino superior.

As dimensões brasileiras, as enormes demandas para a capacitação da força de trabalho nacional, em especial dos professores da educação básica, e o potencial das novas tecnologias permitiram considerar a modalidade da EAD como uma contribuição metodológica para responder aos desafios da aceleração do processo técnico. Assim como no ensino presencial, embora a modalidade a distância permita uma organização autônoma dos estudantes, não se deve esquecer que nela selecionam-se os conteúdos, orienta-se o prosseguimento dos estudos e propõem-se atividades para que os estudantes resolvam os mais complexos ou interessantes problemas. Sendo assim, os programas de EAD contêm uma proposta didática que coloca em pauta a necessidade de construção, intercâmbio e divulgação do conhecimento.

Barreto (op. cit.) também confirma que a EAD passou a ser assumida como compromisso nacional em 1996. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) abriram-se novas perspectivas e responsabilidades, uma vez que essa lei, em seu artigo 80, atribuiu ao poder público o papel de

“incentivar o desenvolvimento de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades, e de educação continuada”.

Através da LDB, pela primeira vez, na história da legislação, segundo Almeida, Prado e Valente (2003), o tema EAD se converte em objeto formal, consubstanciado em quatro artigos que compõem um capítulo específico: o primeiro determina a necessidade de credenciamento das instituições; o segundo define caber à União a regulamentação dos requisitos para registro de diplomas; o terceiro disciplina a produção, o controle e a avaliação de programas de educação a distância e o quarto faz referência a uma política de facilitação de condições operacionais para apoiar a sua implementação.

Além disso, decretos e portarias específicas já foram aprovadas, regulamentando aspectos da EAD no País. Portanto, embora essa proposta de educação no Brasil esteja em fase de estudo, discussão e pesquisa, muitas instituições vêm implementando ações concretas para seu desenvolvimento.

No próximo item, será tratado mais especificamente acerca da legislação que regulamenta a EAD no Brasil.

1.5 A LEGISLAÇÃO REGULAMENTADORA DA EAD NO BRASIL

As primeiras normas sobre a EAD surgiram na década de 1960, destacando-se o Código Brasileiro de Comunicações (Decreto-Lei nº 236/67) e a LDB (Lei 5.692/71) como as mais importantes. Essa última abria a possibilidade para que o ensino supletivo fosse ministrado mediante a utilização do rádio, televisão, correspondência e outros meios de comunicação.

Inúmeros outros atos legislativos foram editados, tanto pelo Governo Federal, como pelo Distrito Federal e Estados. Também várias tentativas de criação de universidades abertas e a distância e de regulamentação da EAD surgiram no Congresso Nacional, mas a maioria não obteve êxito, sendo os projetos de lei arquivados pelas mais diversas razões.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) possibilitou avanços, admitindo que existisse, em todos os níveis, a EAD. O artigo mais expressivo é o de nº 80, que assim estabelece:

O poder público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

Parágrafo 1º - A Educação a Distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

Parágrafo 2º - A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diplomas relativos a cursos de Educação a Distância.

Parágrafo 3º - As normas para produção, controle e avaliação de programas de Educação a Distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

Parágrafo 4º - A Educação a Distância gozará de tratamento diferenciado que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - concessão de canais com finalidade exclusivamente educativa;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

Objetivando regulamentar o artigo supracitado, o Executivo Federal baixou, em 10 de fevereiro de 1998, o Decreto nº 2.494, vindo, pouco mais tarde (em 27 de abril do mesmo ano), a ser modificado pelo Decreto nº 2.561.

Os referidos decretos serviram de apoio para os primeiros credenciamentos de cursos superiores de graduação a distância, entretanto, não contemplavam os programas de mestrado e doutorado. Assim, foram revogados por um novo Decreto - o de nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005 - objeto do presente estudo, e que será comentado a seguir.

O primeiro diploma legal que registrava determinações a respeito do ensino/EAD – embora remetendo suas normas a futuras regulamentações – foi a Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, Decreto nº 5622/2005) que, em seu Art. 80, Título VIII, das Disposições Gerais, dispunha em linhas gerais os seguintes pontos:

- a) O Poder Público deve incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância;
- b) O ensino a distância desenvolve-se em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada;
- c) A educação a distância organiza-se com abertura e regime especiais;
- d) A educação a distância será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União;

- e) Caberá à União regulamentar requisitos para realização de exames para registro de diplomas relativos a cursos de educação à distância;
- f) Caberá aos sistemas de ensino normatizar a produção, controle e avaliação de programas e autorizar sua implementação;
- g) Poderá haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas;
- h) A educação a distância terá tratamento diferenciado, que incluirá: custos reduzidos na transmissão por rádio e televisão; concessão de canais exclusivamente educativos; tempo mínimo gratuito para o Poder Público, em canais comerciais.

De acordo com as disposições gerais do capítulo I, artigo 2.º, da LDBEN n.9.394/96, a educação a distância poderá ser ofertada nos seguintes níveis e modalidades educacionais:

- I - educação básica, nos termos do art. 30 deste Decreto;
- II - educação de jovens e adultos, nos termos do art. 37 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996;
- III - educação especial, respeitadas as especificidades legais pertinentes;
- IV - educação profissional, abrangendo os seguintes cursos e programas:
 - a) técnicos, de nível médio; e
 - b) tecnológicos, de nível superior;
- V - educação superior, abrangendo os seguintes cursos e programas:
 - a) seqüenciais;
 - b) de graduação;
 - c) de especialização;
 - d) de mestrado; e
 - e) de doutorado.

No artigo 32, parágrafo 4º, o legislador, ao determinar que o ensino fundamental seja presencial, só permite a EAD, neste nível, em casos de complementação da aprendizagem e situações emergenciais.

A menção explícita no artigo 47, parágrafo 3º, referido ao ensino superior, isenta professores e alunos da frequência obrigatória nos programas de EAD.

O artigo 87, que é o inicial do Título IX *Das Disposições Transitórias*, dedicado à Década da Educação (dezembro de 1997 – dezembro de 2007), apresenta, no parágrafo 3º, a determinação aos municípios de “III – realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando, também, para isto, os recursos da EAD”.

A referência implícita à EAD no artigo 37, parágrafo 1º, se dá quando, ao tratar da educação de jovens e adultos, o mesmo estabelece que “os sistemas de ensino assegurarão oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

Em 10 de fevereiro de 1998, o Decreto n.º 2.494 deu regulamentação ao artigo 80 supra-referido, e, em 7 de abril desse mesmo ano, o Ministério da Educação e do Desporto emitiu Portaria de n.º 301/98, estabelecendo “os procedimentos para o credenciamento de instituições e a autorização de cursos à distância no nível de graduação” (ibidem). Concretizava-se, assim, a inserção da EAD no sistema educativo brasileiro.

Na expressão de Lobo Neto (2001) a EAD tornou-se um dos desafios que a política governamental brasileira deveria encarar com maior afinco, a exemplo da educação – base fundamental de todo processo social, que deve buscar equidade, sem diferenciação de qualquer espécie. Mas, na verdade, não parece estar ocorrendo isso. Vejamos o que o autor afirma a esse respeito (da igualdade de direitos à educação):

A EAD de que trata a LDBEN é a mesma educação de que sempre tratamos e que sempre concebemos como direito preliminar de cidadania, dever prioritário do estado democrático, política pública básica e obrigatória para ação de qualquer nível de governo, conteúdo e forma do exercício profissional de educadores. É preciso ter muita clareza sobre as condições de ser a EAD uma alternativa de democratização do ensino. As questões educacionais não se resolvem pela simples aplicação técnica e tecnocrática de um sofisticado sistema de comunicação, num processo de “modernização cosmética”. Não nos serve – como a ninguém serve – qualquer tipo de educação a distância. A razão é simples e objetiva: não nos serve – como a ninguém serve – qualquer tipo de educação (LOBO NETO , 2001, p. 58).

Contundente e verdadeira, a exposição de Lobo Neto, retrata uma realidade do nosso sistema educativo de maneira geral, desde seus primeiros degraus até os níveis mais elevados de pós-graduação. O tema da EAD, para o autor, é movido, hoje, por três aspectos fundamentais que tentam lhe dar um contorno modernizador, dada a necessidade de se fazer algo novo pela educação brasileira. Tais pontos seriam: a abertura e ampliação de

oportunidades de acesso a uma educação de qualidade, como resposta adequada às exigências de mais e melhor formação em uma modernidade globalizada e competitiva; a consistência como solução de problemas e dificuldades colocados pela indisponibilidade de tempo de candidatos a cursos de diferentes níveis e modalidades; e seu valor como instrumento eficaz de renovação e mudança de paradigmas pedagógicos diante das ilimitadas potencialidades das novas tecnologias de informação e comunicação.

As idéias de Lobo Neto (2001) podem ser apropriadas a um projeto que aponta, na verdade, para a acentuação das desigualdades sociais. Um projeto educacional baseado na competição e em outros princípios da economia pode estimular o acesso diferenciado ao conhecimento e à informação em detrimento à equidade. A EAD, como canal de democratização, precisa atribuir poder e autonomia aos seus sujeitos. Além disso, o processo de democratização depende muito mais do modelo educacional adotado do que da utilização dos recursos tecnológicos avançados.

Nesse sentido, dimensionar o conflito de interesses que pauta a EAD é interessante para que se perceba a orientação mercantilista ou em outros termos, as características neoliberais que vêm abarcando a temática. Peixoto (2006, p. 5) considera que “A mercantilização [do ensino] está imbricada com a tendência massificadora dos processos formativos ligada a um modelo de EAD industrial, questionável do ponto de vista de uma educação democrática.”

As pretensões apresentadas pela norma regulamentadora da EAD são dignas de atenção e, principalmente, de implementação em toda sua extensão, da maneira mais abrangente possível. Uma completa estrutura jurídico-legal foi montada para dar sustentação ao sistema de EAD, visando sua perfeita implementação como canal de democratização do ensino brasileiro (notadamente, superior, de pós-graduação e continuado). Resta, agora, saber se efetiva e eficazmente, este é o caminho mais apropriado para a solução de um problema educativo nacional, relacionado à qualidade da educação como um todo e não apenas ao ensino presencial ou a EAD.

Da máquina de ensinar à realidade virtual, do lápis ao teclado, do correio à Internet, houve um avanço considerável na incorporação da tecnologia ao processo ensino-aprendizagem presencial e a distância.

Os desafios tecnológicos e pedagógicos da informática educativa, especialmente para a EAD, são muitos e complexos. O caminho para o uso das novas tecnologias educacionais está em aberto, encontra-se em fase inicial, mas de acelerada expansão. As experiências são ainda isoladas e incipientes. Sua consolidação depende de muitos fatores: requer tempo, planejamento, trabalho de equipe, profissionais preparados, equipamentos e outras condições para a realização de bons programas educacionais. Além disso, a maior parte desses fatores depende diretamente da ampliação dos investimentos financeiros.

Mudanças de mentalidade e competência são exigidas dos profissionais envolvidos, principalmente do professor, figura central neste processo e que deve estar preparado para utilizar a tecnologia como meio e ferramenta (e não fim em si mesmo) para fazer educação. Por esta razão, ensinar, mas também aprender, constituem sua maior tarefa.

Além do preparo profissional, é fundamental que as interfaces dos ambientes informatizados de aprendizagem sejam desenvolvidas para que seus usuários possam interagir de modo eficaz, seguro e amigável, com a maior adequação possível às suas necessidades.

CAPÍTULO 2

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA O ESTUDO DA EAD

O conjunto de informações e os resultados apurados na pesquisa permitirão uma análise contextualizada e em profundidade deste estudo qualitativo.

Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo (LUDKE e ANDRÉ 1986, p. 12).

A análise dos fatores que determinam a escolha dos candidatos, entre tornarem-se alunos presenciais ou a distância, exige o estudo das Representações Sociais. É possível investigar valores relacionados às distintas modalidades educativas, verificar crenças constituídas no senso comum e, ainda, a interveniência desses fatores de decisão para se tentar decodificar como os indivíduos atuaram ou decidiram diante de situações do cotidiano e em consideração às representações sociais construídas em seus respectivos grupos.

O objetivo desta pesquisa consiste em investigar as RS de alunos do sistema de EAD, implantado pela ANP, com o intuito de angariar subsídios para responder às questões que nortearam esse estudo. Como já colocado, foram elas: qual a visão da EAD detida pelos alunos após a experiência vivida no curso? Que dificuldades vivenciaram? Tendo em vista a habitual experiência dos alunos em situações de educação presencial, como eles se vêem sendo discentes de um curso a distância?

2.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL: CONSIDERAÇÕES GERAIS

A utilização da teoria das RS em educação tem possibilitado a investigação dos fenômenos educacionais, considerando as subjetividades dos sujeitos como uma construção individual e coletiva.

A origem da expressão “Representação Social” é Européia. Ela remete ao conceito de representação coletiva de Émile Durkheim, no início do século passado, retomado pelo psicólogo francês Serge Moscovici para desenvolver uma teoria das representações sociais no campo da psicologia social.

Na expressão de Durkheim (1970, p. 13) “a vida psíquica é um curso contínuo de representações, de forma que nunca se pode dizer onde que uma começa e outra acaba”. Assim, as representações individuais relacionam-se com outras representações sociais, num processo de construção de novas representações. O autor propõe que a individualidade humana se constitui a partir da sociedade. A “representação coletiva” não é somente a soma das representações dos indivíduos, mas é a formação de um novo conhecimento que supera a soma dos indivíduos e propõe uma recriação do coletivo. Um exemplo de representação coletiva é a transmissão de heranças dos antepassados, que acrescentariam às experiências individuais tudo o que a sociedade acumulou de sabedoria e ciência com o passar dos anos.

Já a Teoria das Representações Sociais nasce em 1961, com a publicação de *Psychanalyse: son image et son public* de Serge Moscovici, e se distingue por sugerir a existência de um pensamento social resultante das experiências, das crenças e das trocas de informações presentes na vida cotidiana, visando desenvolver uma teoria menos individualista que a psicologia social norte-americana e, também, um posicionamento mais sociológico para as psicologias sociais, mediadoras entre o homem e o seu meio. Sua análise foi desenvolvida a partir do pressuposto de que a sociedade atual, mais técnica e complexa, necessitaria de outro conceito, menos genérico do que as representações coletivas de Durkheim, para acompanhar, explicar e compreender a formação do pensamento e do conhecimento social (FARR, *apud* GUARESCHI E JOVCHELOVITCH, 2003, p. 31).

Sabe-se que as RS são elementos simbólicos, expressados mediante o uso de palavras e gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da

linguagem oral ou escrita, as pessoas explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo e assim por diante. Evidentemente, o maior ou o menor nível de sofisticação da linguagem está circunscrito às condições de subsistência que, historicamente, determinam diferenças entre os grupos sociais.

Pode-se acrescentar a essa afirmação que a sociedade se constrói dia a dia, inclusive por meio das novas representações que se constituem. A vida coletiva não surge de uma entidade exterior, mas das relações cotidianas entre os membros de um mesmo grupo social e das contradições e lutas travadas no campo de sua materialidade. Para Abric (*apud* CAMPOS E LOUREIRO, 2003), as Representações Sociais ajudam a decodificar a vida cotidiana. Elas acessam o aqui e agora, o inteligível, o ausente, o novo, o desconhecido.

Guareschi e Jovchelovitch (2003) acrescentam que, nesse processo de representação, são acionados conhecimentos de um universo “consensual”, constituído de informações, normas, valores, crenças, etc. Para Spink (1995, p. 10), as representações vão emergir “onde existe perigo para a identidade coletiva” isto é, “quando a comunicação subestima as regras que um grupo social se colocou”. Nesses momentos, a mobilização de referenciais da sociedade, elementos que permitem que um grupo se identifique e se entenda como tal, interferem no estabelecimento de novos referenciais, novas representações, conservando seus elos. É nesse contexto que as transformações da sociedade precisam se dar, enfrentando os sentidos estabelecidos, atualizando-os, reconstruindo-os.

Moscovici (2003) afirma que a psicologia social interessa-se não apenas pelas representações mentais, examinadas no plano individual, mas quer saber, a partir destas, como se chega às representações sociais, que integram estruturas maiores, organizadoras dos esquemas cognitivos. Quando se fala em RS, parte-se da idéia de que elas são elaborações mentais construídas socialmente, considerando a dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento – relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza pela linguagem.

Na teoria de Moscovici, a RS refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir

percepções por parte dos indivíduos. Nesse contexto, as representações de um objeto social passam por um processo de formação, entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais no cotidiano do mundo moderno. Dessa forma, o fenômeno das RS é próprio das sociedades pensantes, em que os acontecimentos ocorrem em ritmo acelerado, onde não há tempo suficiente para que as representações se tornem uma tradição, ou seja, das sociedades contemporâneas. Este fenômeno fundamenta uma forma de pensamento social que inclui as informações, experiências, conhecimentos e modelos que, recebidos e transmitidos pelas tradições, pela educação e pela comunicação social, circulam na sociedade.

Com base neste argumento, Moscovici (2003) refuta a representação vista como um elemento estático, e por isso defende que o ser humano não é receptor passivo, mas, ao contrário, é participante desta sociedade pensante, elaborador de um pensamento social que constantemente (re) avalia e re-significa seus problemas e soluções. Esta re-significação possui um fim prático ao sujeito: permitir que as RS demonstrem os conflitos, apresentar uma nova compreensão e ainda permitir que discursos diferentes convivam num mesmo ambiente.

O autor destaca a existência de dois universos de pensamento que compõem as representações sociais: o consensual e o reificado. O primeiro é o lugar onde as RS são construídas, o conhecimento é espontâneo e são elaboradas as opiniões. O universo reificado é o científico, onde se presencia “o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o autorizado e o não autorizado, o qualificado e o não qualificado” (MOSCOVICI, 2003, p. 57). Considera-se que as RS são comportamentos que permitem ao sujeito inferir suas concepções de mundo e, também, deduzir sua orientação para a ação.

É neste contexto que se apresenta a relevância de se conhecer o aluno de EAD da ANP, compreendendo-o como um ser histórico, inserido em uma determinada realidade cultural, com expectativas diferenciadas, dificuldades variadas e distintos níveis de apreensão crítica da realidade.

Abric (*apud* CAMPOS E LOUREIRO, 2003) afirma que as RS são um sistema sócio-cognitivo particular, composto por um núcleo central e um periférico. O núcleo central é constituído de um ou alguns elementos que

asseguram três funções essenciais: “o significado da representação (função geradora); a organização interna (função organizadora); e a estabilidade (função estabilizadora)” (ABRIC, idem, 2003, p. 38). O essencial do núcleo central de uma RS é exatamente constituído pelos valores associados ao objeto representado. Enquanto o núcleo central constitui o significado e a consistência da representação social, o sistema periférico é mais flexível e apresenta as seguintes funções: “concretização, regulação, prescrição de comportamentos, proteção do núcleo central e personalização (individualização da representação coletiva)” (ABRIC, ibidem, 2003, p. 38). Dessa forma, as RS são fenômenos sempre ativados e em (re) construção na vida social. O estudo de tais fenômenos possibilita a análise de fenômenos diretamente observáveis ou os que são reconstruídos por meio de um trabalho científico.

Analisando ainda o fenômeno das RS como construções mentais, evidências que fazem parte do dia-a-dia, Sá (1998) enfatiza o fato de que, como ser social, o homem precisa ajustar-se ao mundo em que vive, sobretudo, no que se refere a comportamento e sobrevivência. Isso implica uma busca contínua de informações sobre esse mundo, que são de grande importância à vida cotidiana, na medida em que instrumentalizam o indivíduo para o convívio em sociedade.

Sá observa que, em decorrência dessa realidade, criam-se representações e esse é um ato fundamental, uma vez que a existência humana não transcorre em um vazio social. Compartilha-se um mundo povoado de objetos, acontecimentos e pessoas, portanto, um viver marcado tanto pela convergência quanto pelo conflito. Face à complexidade desse grande contexto, é preciso compreender o mundo em que vivemos e nele sobreviver, quer administrando-o, quer enfrentando-o. Por isso, as representações que criamos acerca de um dado objeto são sociais. Através delas, nomeamos, definimos e interpretamos diferentes aspectos da realidade diária. Enfim, nossas decisões são tomadas em conformidade com as representações sociais que elaboramos ao longo da vida. O modo pelo qual surgem essas representações, como acredita a autora, está relacionado à construção de significados que vão se configurando sobre os dados dos quais dispomos.

Sá (1998) elucida representações coletivas e representações sociais com o propósito de diferenciá-las. Segundo o autor, as representações coletivas atuam por sobre a sociedade, enquanto as representações sociais constroem-se em e para grupos sociais, para que estes o utilizem nas construções: das funções de saber, que por sua vez permitem compreender a realidade; das funções identitárias, que promovem ao indivíduo a sensação de pertencimento a uma determinada representação social; das funções de orientação que atuam para a definição de comportamentos; e das funções justificadoras que fornecem os elementos explicativos em relação a posições tomadas.

Para Sá (1998, p. 33), a representação social significa

[...] uma construção e uma expressão do sujeito, que pode ser considerado do ponto de vista epistêmico [se se focalizam os processos cognitivos] ou psicodinâmico [se a ênfase é sobre os mecanismos intrapsíquicos, motivacionais etc.], mas também social ou coletivo, na medida em que sempre se há de integrar na análise daqueles processos o pertencimento e a participação social e cultural do sujeito. Além disso, enquanto uma forma de saber, a representação se apresenta como uma modelização do objeto, que pode ser apreendida em diversos suportes lingüísticos comportamentais ou materiais.

Portanto, com relação a esta definição, pode-se apreender ainda que toda representação está relacionada a um conjunto de outras representações sociais que constituem o ambiente histórico e social dos indivíduos. Elas são o fundamento dos modos de vida e garantem a identidade e a permanência de um grupo social, pois é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes que constroem um sistema sócio-cognitivo particular.

Ao encontro da concepção de Sá (1998), Moreira (2005) analisa o constructo das RS, entendendo-o como processo pelo qual o sujeito atribui sentido a um dado objeto, a partir de suas experiências e relações. Esse sentido se faz num movimento que implica a consideração de relações complexas, as quais envolvem diferentes níveis em que se constituem sujeito e objeto, vinculando-os ao dinamismo de uma cultura e de uma história.

Para Moreira (2005), tais concepções de RS reportam à afirmação de que o sentido atribuído a um dado objeto e o processo mesmo da atribuição

desse sentido não são aspectos a serem estudados isoladamente, na medida em que ambos são construções psicossociais do homem – uma ação que envolve integração de história pessoal à dos grupos com os quais interage, quer direta ou indiretamente. Portanto, um processo que requer a articulação do particular e do social de forma indissociável.

Guareschi e Jovchelovitch (2003, p. 79) definem que:

As representações sociais, porque simbólicas, se constroem sobre a capacidade representacional de um sujeito psicológico. Essa capacidade representacional por sua vez não pode ser entendida fora de uma dimensão de alteridade e equacionada à atividade representacional. Estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura. A realidade social – representada por outros – desempenha um papel constitutivo na gênese das representações, da atividade simbólica e do próprio sujeito individual.

De acordo com o entendimento desses autores, ao analisar as RS, é fundamental considerar o social enquanto totalidade, pois elas são construídas pelas mediações sociais, em suas mais variadas formas. Por isso elas são sociais, tanto na sua criação como na sua forma de ser. Elas não teriam qualquer utilidade em um mundo de indivíduos isolados.

Spink (1995) relata que as RS determinam a interpretação dos comportamentos, designa uma forma de pensamento social, cujo conhecimento provém da observação. Nesta perspectiva, as RS estão sempre vinculadas às experiências, à cultura assimilada no decorrer da vida, à linguagem que utiliza nas relações sociais, enfim à própria história pessoal e do grupo social com o qual convive e se relaciona. O conhecimento dessas representações oferece a compreensão de como os sujeitos sociais apreendem os acontecimentos da vida diária, as características do meio, as informações que circulam as relações sociais.

Minayo (2003 *apud* GUARESCHI e JOVCHELOVITCH, 2003, p. 108-109), defende que

[...] As Representações Sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada,

porém, é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e de interação social. Na verdade, a realidade vivida é também representada e através dela os atores sociais se movem, constroem sua vida e explicam-na mediante seu estoque de conhecimentos. Portanto, tanto o “senso comum” como o “bom senso”, são sistemas de representações sociais empíricos e observáveis, capazes de revelar a natureza contraditória da organização em que os atores sociais estão inseridos.

De acordo com esta afirmação, parte-se da premissa de que as RS são elaborações construídas na dinâmica estabelecida entre a atividade psíquica do sujeito que conhece e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza por via da linguagem. O produto pensado e falado é, portanto, fruto da atividade humana, ou seja, uma réplica interiorizada da ação.

Segundo Wagner (*apud* GUARESCHI E JOVCHELOVITCH, 2003, p. 181):

As representações sociais geralmente podem ser explicadas através das condições sócio-estruturais e sócio-dinâmicas de um grupo. Isso implica uma visão mais profunda dos processos sócio-genéticos que dão origem à formação de representações sociais e a sistemas de crenças. Enquanto elemento que explica em uma proposição explicativa, procurou-se argumentar que as representações e os comportamentos a elas associados permitem analisar por que eventos sociais ocorrem e como objetos sociais são construídos. São, entretanto, os resultados da ação e do comportamento que são explicados causalmente pela representação e não o comportamento em si mesmo.

Com base nos pressupostos desenvolvidos por Guareschi e Jovchelovitch (2003), Moreira (2005), Moscovici (2003), Sá (1998) e Spink (1995), é possível dizer que as RS se constituem, na atualidade, em uma linha de pesquisa que, sob a perspectiva da racionalidade científica, clarifica os estudos voltados a questões pertinentes à identidade social, estereótipos, preconceitos, valores, atitudes, desvelando o que está subjacente nas relações e articulações dos grupos sociais e, possibilitando assim, maior compreensão do objeto pesquisado. As representações constroem significados e possibilidades de ocorrência do comportamento, de modo que o sujeito não reage à realidade, mas a constrói.

2.2 AS PESQUISAS EM REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA ÁREA DA EAD

Verifica-se que não há muitos estudos sobre RS de alunos, o que indica tratar-se de um campo de investigação a ser explorado, para que se lancem novas luzes sobre as próprias situações de educação a distância, sobre a pertinência dos cursos e sobre a forma como tais cursos são concebidos, gerenciados e oferecidos.

Entre as raras investigações sobre o assunto, destaca-se a de Moraes e Siqueira (2002), sobre as representações de aprendizagem em educação *on-line*, cujas questões de pesquisa são as seguintes: como o aprendiz percebe o novo ambiente e as novas ferramentas de interação? Como reage diante de uma nova temporalidade que alterna momentos síncronos com assíncronos? Como se sente em relação à nova sociabilidade? Como utiliza a escrita em meio eletrônico? Como se vê diante da questão do conhecimento revelado por seus colegas?

Neste estudo, as autoras, a partir do referencial teórico proposto no que concerne à construção social da realidade, articulam categorias analíticas, a saber: a realidade da vida cotidiana, a interação social; a linguagem e o conhecimento das "falas" dos alunos de um curso a distância, sobretudo no que dizem respeito à percepção de um novo espaço, de uma nova temporalidade, de novas formas de sociabilidade; e a retomada da linguagem escrita – finalizando com algumas reflexões sobre os desafios que estão sendo postos aos educadores para essa nova era da humanidade.

As conclusões a que chegaram Moraes e Siqueira (2002) demonstram preocupações de aprendizes de cursos *on-line* no que se refere a itens importantes como o reconhecimento e a adaptação a um novo espaço de aprendizagem, a administração do próprio tempo, as novas formas de sociabilidade e a retomada da expressão escrita, a quebra da rotina tradicional do ensino presencial e as dificuldades dos alunos em assimilar a temporalidade assíncrona que caracteriza a educação a distância.

Em outra investigação sobre o tema, Araújo (2002), procurando elucidar o que os aprendizes esperam dos professores na educação a distância *on-line*,

constata que os aprendizes adultos nesta modalidade tendem a esperar que seus professores/instrutores demonstrem estar “presentes” por meio de um retorno constante e individualizado. É mesmo possível que tal fator seja relativamente mais importante, na perspectiva desses aprendizes, do que o material didático e a tecnologia empregada nos cursos.

Testa e Schuler (2000), por sua vez, investigaram representações sociais de estudantes da grande Porto Alegre sobre a educação, tendo em vista a necessidade de se programar projeto de educação a distância via Internet e concluem que a interação e a convivência dos alunos entre si e com os professores constitui um elemento do núcleo central da representação social do processo de ensino-aprendizagem. Essa constatação traz como consequência a necessidade de que o aluno perceba na educação a distância a existência de uma interação similar à que ocorre no ensino presencial, caso contrário, ele não entenderá esta nova modalidade de ensino como válida.

Gonçalves (2007) disponibilizou um estudo sobre representações da tutoria em sistemas de educação a distância, em que focaliza a aceitação da modalidade de EAD no estado do Tocantins e a atuação mediadora dos tutores em cursos a distância. A autora conclui que, para que o tutor seja capaz de efetivamente ter a sua ação dirigida para a construção de uma melhor educação em modalidade não presencial, é necessário que ele reveja o seu papel de mediador.

Kemczinski et al (2001), pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina, sem adotar o viés da representação social, avançaram na realização de um estudo de opiniões de alunos, com o objetivo de avaliar o grau de desempenho e satisfação discente em um modelo de ensino-aprendizagem semi-presencial, aplicado no curso de graduação em engenharia. Como um dos resultados da investigação, os autores enfatizam que o aluno é um elemento ativo no processo de ensino-aprendizagem, devendo ter iniciativa, comprometimento, responsabilidade, ética para obter êxito e apropriar-se dos conhecimentos. Estas características são percebidas em outros estudos que dão voz aos discentes em EAD. Por meio de suas falas percebe-se a importância do aprendiz durante o processo.

Azevedo (2001) buscou analisar seis depoimentos de alunos que acreditam ser possível uma educação totalmente a distância. Neste estudo,

que tinha como meta verificar a credibilidade da educação a distância em alunos que freqüentam esse tipo de modalidade de ensino, o pesquisador destacou, entre outros aspectos, que os alunos apreciam os cursos a distância devido às novas possibilidades de interação e de uso de recursos como *chats*, listas, fóruns e cafés virtuais. O trabalho de Azevedo não trata especificamente de RS, porém, a informação de que EAD detém credibilidade para um determinado grupo de discentes é de grande valia para professores e instituições de ensino que estejam traçando políticas para este tipo de modalidade. Talvez o estudo ainda tenha uma perspectiva vanguardista, entretanto, a possibilidade da tendência tornar-se realidade para a maioria dos alunos é real.

Já Sarmiento (2001), em uma investigação sobre o percurso da aprendizagem dos alunos em educação a distância, apontou, como aspectos dificultadores da aprendizagem, o problema de acesso à rede Internet e a adoção de equivocado conceito de *design* instrucional. Tal investigação, contudo, não avança na direção da teoria das Representações Sociais de Moscovici (2003) e de suas implicações sobre as ações efetivas do indivíduo na sociedade. Mesmo que a abordagem do problema de acesso a Internet não seja aplicável à presente pesquisa (realizada com os alunos da Academia Nacional de Polícia), as assertivas de Sarmiento servem para evidenciar alguns aspectos que merecem atenção, especialmente as dificuldades enfrentadas pelos alunos durante todo o processo.

A dissertação de mestrado de Casartelli (2002) trata de uma pesquisa de opinião junto aos alunos dos cursos de especialização a distância da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), objetivando mensurar o nível de satisfação desses alunos quanto aos serviços educacionais prestados. Os resultados da pesquisa indicam que os níveis de satisfação dos alunos são baixos, o que pode comprometer seriamente iniciativas pedagógicas empregadas na educação a distância. Evidentemente, uma pesquisa de satisfação não tem a abrangência de um estudo mais amplo no campo das Representações Sociais, mas trata-se de um dos poucos estudos nesse campo que faz emergir opiniões, visões e pontos de vista de alunos sobre situações de educação a distância.

Detectar que os níveis de satisfação estão aquém do ideal evidencia não apenas a opinião dos alunos. Em uma leitura mais atenta dos dados, percebe-se que o grande problema está na expectativa que tais estudantes nutrem acerca da EAD, e não em questões como formação dos docentes, nível do material didático, recursos e ferramentas disponibilizadas, entre tantos outros elementos que envolvem o processo de ensino não presencial.

O risco de comprometer as iniciativas de ensino a distância não deve ser superdimensionado por conta de uma pesquisa de satisfação, uma vez que, o objetivo principal deste tipo de pesquisa é detectar quais expectativas não estão sendo atendidas, para que estratégias (mercadológicas ou pedagógicas) sejam traçadas ou adaptadas.

Argento (2004) traça um estudo sobre o ensino *on-line* e formação continuada, buscando redimensionar a prática pedagógica. Ela parte do princípio de que a crescente circulação de informações é facilitada por fatores como: a) tecnologias da informação e comunicação; b) rápida obsolescência de conhecimentos ocasionada por numerosas descobertas científicas e tecnológicas; c) ênfase à formação continuada e d) aumento da competição por postos de trabalho. São analisadas as contribuições da EAD, mormente as ferramentas de ensino *on-line* (como espaço de atualização profissional) e discutidas as alternativas de ensino-aprendizagem implementadas nesta modalidade. Para isso, a pesquisadora realiza uma investigação de natureza qualitativa e se fundamenta em um vasto referencial teórico.

Para a autora, as atividades *on-line* são práticas de auto-formação e tanto alunos quanto docentes do curso já vêem a EAD *on-line* como importante possibilidade de formação continuada. O mote do trabalho não tange às Representações Sociais, mas nem por isso deve ser desconsiderado. As afirmações sobre o papel da interação entre os sujeitos são de grande valia para a melhor compreensão da prática pedagógica num modelo de ensino não presencial. Outro elemento interessante neste trabalho é a percepção dos alunos sobre as possibilidades de ensino a distância.

Outra autora que trata de assunto semelhante, porém sob a perspectiva da formação dos docentes, é Garfinkel. Em sua dissertação, defendida em 2004, ela analisa o ambiente *on-line*, a fim de investigar se este favorece a formação de educadores. Partindo de uma perspectiva dialógico-reflexiva, a

autora identifica estratégias pedagógicas utilizadas em cursos *on-line* de qualificação para os professores.

Para tanto, a autora aborda temas como: dialogia, reflexividade e ambiente *on-line* na formação do educador. De maneira qualitativa, ela analisa o ambiente *on-line* e percebe a necessidade de uma formação específica para docentes que atuam nesta modalidade de ensino e vislumbra o *chat* como espaço de grande relevância no processo. A autora considera, inclusive, que tal recurso da plataforma de interação ainda é pouco explorado, já que suas potencialidades são amplas. Problemas de interação com professores, respostas às perguntas de alunos e orientações de monografias poderiam, na visão da pesquisadora, ser sanados com o bom aproveitamento dos *chats*.

Além delas, Formiga (2003) realiza um estudo comparativo sobre o uso da EAD por empresas e escolas. O autor apresenta experiências em EAD consideradas paradigmáticas por adotar uma visão positiva da globalização empresarial. O autor sugere que se aprenda com experiências deste tipo e amplitude.

Em sua análise, ele atribui à legislação brasileira grande parcela de responsabilidade pelo insucesso das práticas de EAD no país, ao coibir tal modalidade na educação básica. Para o autor, o equívoco está focado na maneira de se ver a EAD – como uma modalidade de ensino-aprendizagem, cuja ênfase no ensino prevalece sobre o processo de aprendizagem.

Apesar de bastante incisivo quanto às políticas governamentais, Formiga deixa claro ser muito interessante observar o sucesso da EAD nas empresas brasileiras e finaliza considerando que tais empresas estão, pela suas experiências de sucesso na área, credenciadas a ministrar lições às nossas escolas. Esta pesquisa é relevante não só por chamar a atenção para experiências bem-sucedidas, mas também por colocar em pauta a questão das políticas públicas acerca da EAD. Mesmo sem entrar no mérito das perspectivas e opiniões do autor, é inegável a necessidade de reflexão, visão crítica e criteriosa ao analisar a Legislação sobre EAD.

Nesse contexto, reitera-se a importância de se conhecer as RS dos alunos do Curso Especial de Polícia (CEP) e do Curso Superior de Polícia

(CSP) para que os pontos propostos na problemática da presente pesquisa sejam elucidados.

Vale lembrar que uma análise baseada na teoria das Representações Sociais requer não apenas os dados fornecidos pelo levantamento da pesquisa e pelo processamento das informações, mas um conhecimento acerca do contexto amplo dos entrevistados e da temática.

2.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA E SEU CONTEXTO

O entendimento dos pressupostos e do desenvolvimento da teoria das RS requer, para a sua identificação e análise, as devidas caracterizações dos grupos pesquisados e do objeto de análise estabelecido, bem como de um levantamento de contextualizações – tanto dos grupos e do perfil de seus componentes como acerca das dimensões do objeto. Toma-se como ponto de partida o próprio contexto escolar, a identificação de fatores sócio-econômicos atuais e as premissas existentes na realidade a ser estudada.

2.3.1 O programa de educação a distância da Academia Nacional de Polícia.

No estudo em questão, como já foi explicitado, os entrevistados precisam participar e concluir o Curso Especial ou Superior de Polícia, para progredirem à última classe da carreira de Policial Federal. Justamente por isso, tal curso é percebido como obrigatório. Na estrutura do Departamento de Polícia Federal, inicia-se a carreira na terceira classe, no momento da posse, e a cada cinco anos ininterruptos, progride-se uma classe, até chegar à primeira. A partir daí, a Instituição oferece o Curso Especial de Polícia (para agentes, escrivães e papiloscopistas) e Curso Superior de Polícia (para delegados e peritos, todos posicionados na primeira classe) como pré-requisito para ascensão funcional à classe especial, última etapa da carreira.

A matrícula dos alunos que atendem aos requisitos acontece mediante portaria do Diretor da Academia Nacional de Polícia (ANP), em conformidade

com a relação fornecida pela Coordenação de Recursos Humanos da Diretoria de Gestão de Pessoal do Departamento de Polícia Federal.

Observando a distribuição geográfica da ANP, que se situa em Brasília-DF, o número de policiais a ser requalificado e o tempo de aproximadamente seis meses previsto para a obtenção de resultados, optou-se pela adoção de estratégias de EAD. É importante observar que um sistema de EAD demanda uma série de condições para oferecer resultados significativos. De um lado, há a infra-estrutura necessária para a implementação do sistema – redes telemáticas, laboratórios de informática, salas de aula virtuais, videoconferências, material didático especialmente desenvolvido, etc. Por outro, há a importante questão das características desta modalidade de ensino.

Enquanto na educação presencial o aluno é extrinsecamente motivado, contando com a presença do professor e com a dinâmica dos pares, na EAD o aluno precisa ser autônomo para buscar conhecimentos, motivar-se intrinsecamente, gerenciar seu próprio tempo de estudos, desenvolver trabalhos produtivos em equipe, integrar saberes coletivos e individuais e para lidar com conhecimentos oriundos de campos distintos.

Considerando o exposto, é bastante claro que o aluno de um sistema de EAD tem de se colocar diante da estratégia de ensino não-presencial munido de atitudes, habilidades e conhecimentos específicos para que compreenda perfeitamente a dinâmica desta estratégia e possa com ela interagir de maneira adequada, avançando na construção de conhecimentos.

O Serviço de Capacitação e Ensino a Distância, chamado SECAED, foi criado na estrutura da ANP em 2004, com a participação de dois especialistas contratados pelo Projeto de Modernização da ANP. Já naquela época, elaborou o primeiro treinamento a distância, por meio do Manual de estudos autônomos para o Plano Especial de Cargos do DPF, que resultou em um curso para 2.686 servidores administrativos. Com o fim do projeto, os especialistas deixaram a ANP e o SECAED começou a se reestruturar. Recebeu três servidores do Plano Especial de Cargos, que também deixaram o DPF para assumir outros cargos na Administração Pública. Foram realizados convites dentro do DPF com o intuito de trazer para o SECAED servidores com afinidade em EAD, porém, dos quatro convidados, apenas os dois últimos permanecem no Serviço. Devido a essa alta rotatividade de pessoal,

dificuldades têm surgido na organização dos processos necessários à EAD e na efetiva implementação da Universidade Corporativa³.

Em 2004, foi celebrado um convênio com a Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), que gerou a criação de uma rede de ensino a distância para a Segurança Pública. Atualmente, dezessete cursos são oferecidos. Essa estrutura serve para suprir uma demanda de todas as áreas de segurança pública e entre esses alunos, 629 são policiais e 250 são administrativos. Esses dados demonstram que a EAD possui espaço dentro das corporações policiais, mas, apesar do grande esforço empreendido pelo Projeto ANP/SENASP, é necessário que a Polícia Federal encontre um espaço próprio para que possa trabalhar os conteúdos próprios da forma e da profundidade que eles necessitam.

Visando conceber um sistema de treinamento e capacitação em EAD que pudesse atender às demandas do DPF, iniciaram-se trabalhos de *benchmarking* em diversas instituições, a fim de definir qual seria a melhor direção para o SECAED. O resultado desse trabalho gerou, em 2007, o projeto *ANP.net*, que visa dotar o DPF de um sistema de EAD que possa ser transformado em Universidade Corporativa Virtual.

Os servidores do SECAED são, hoje, três policiais – um dos quais, recém lotado – e dois administrativos: um sociólogo e um filósofo. Em que pese a boa vontade e disposição dos servidores, estes não possuem ainda qualificação para o trabalho em ensino a distância. Tudo o que atualmente sabem é fruto do trabalho que até então desempenharam. Dos policiais, apenas o último tem conhecimento em EAD (Mestrado). Os demais são o gestor e o especialista em programação, responsável pela plataforma *ANP.net*.

Atualmente, trabalha-se na elaboração de conteúdos para transposição ao ambiente educacional e da customização da plataforma própria. A base da plataforma é o software Moodle, de código aberto.

³ Segundo Silva e Balzan (2007) A expressão “Universidade Corporativa” (UC) foi criada na década de 80, nos Estados Unidos, com o aparecimento das primeiras instituições de ensino desenvolvidas por empresas privadas, para complementar a formação profissional de seus funcionários. Apesar de não serem tão recentes, somente a partir dos anos 90 do século passado é que as UCs estabeleceram-se como alternativa no Brasil, conquistaram e adquiriram dezenas de empresas adeptas a essa modalidade de ensino.

O programa de formação da ANP é dividido em dois cursos: Curso Especial de Polícia (CEP) e Curso Superior de Polícia (CSP).

Tabela 1 - OS CURSOS

Curso Especial de Polícia	Curso Superior de Polícia
<ol style="list-style-type: none"> 1. Curso oferecido a policiais agentes, escrivães e papiloscopistas aptos à progressão à classe especial. 2. O curso é metodologicamente dividido em parte presencial e parte a distância, respectivamente 174 e 210 horas. 3. O curso tem como objetivo geral aprimorar os conhecimentos técnico-científicos, desenvolvendo suas capacidades de executores para o exercício das atividades próprias da respectiva classe especial, definidas na Portaria 523-GAB/SEPLAN, de 28/07/1989. 4. O CEP é acompanhado por um supervisor em todas as suas etapas, sendo o ciclo presencial com métodos e técnicas de ensino individualizado. 5. O CEP tem seu ciclo a distância coordenado e fiscalizado, em todas as suas etapas, sendo exigida apresentação de “Trabalho de Conclusão de Curso” à banca examinadora para obtenção de diploma. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Curso oferecido a policiais, peritos criminais e delegados, aptos a progressão à classe especial. 2. O curso é metodologicamente dividido em parte presencial e parte a distância, respectivamente 180 e 244 horas. 3. O curso tem como objetivo geral aprimorar os conhecimentos técnico-científicos, desenvolvendo suas capacidades de gestores para o exercício das atividades próprias da respectiva classe especial, definidas na Portaria 523-GAB/SEPLAN, de 28/07/1989. 4. O CSP é acompanhado por um supervisor em todas as suas etapas, sendo o ciclo presencial com métodos e técnicas de ensino individualizado. 5. O CSP tem seu ciclo a distância coordenado e fiscalizado, em todas as suas etapas, sendo exigida apresentação de “Trabalho de Conclusão de Curso” à banca examinadora para obtenção de diploma.

FONTE: Academia Nacional de Polícia

No que diz respeito à organização do curso, vale a pena informar que o material pedagógico foi criado pela instituição responsável por sua realização. Todas as aulas presenciais são ministradas por professores da ANP e as aulas a distância estão sob a responsabilidade de tutores, indicados pelas instituições parceiras, nas primeiras versões, e pela ANP, na versão mais recente.

O Departamento de Polícia Federal faculta duas horas diárias para estudos durante o horário de expediente de trabalho, por um período de oito meses.

A amostra participou dos cursos acima citados, em quatro momentos distintos, entre os anos de 2005 e 2008. A parte a distância foi ministrada em parceria com três instituições: Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 2005, Universidade do Tocantins – UNITINS em 2006, Faculdade Senac/Rio em 2007 e atualmente Academia Nacional de Polícia (ANP).

2.3.2 Caracterização dos Sujeitos

Para efeito desta investigação, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com dezoito estudantes dos Cursos Superior e Especial de Polícia, conforme categorização a seguir:

Ano	Entrevistados
2005	02
2006	06
2007	07
2008	03

A seleção do grupo a ser entrevistado buscou encampar todos os quatro cursos ministrados a partir de 2005, sendo que o quarto ainda está em andamento. Os critérios para escolha pautaram-se em facilidade de acesso às fontes e disponibilidade dos mesmos em participar da pesquisa.

A coleta de dados se deu no próprio ambiente de trabalho, devido à facilidade de acesso aos entrevistados. Essas entrevistas, já gravadas digitalmente através de um gravador MP3, foram transcritas fidedignamente.

2.3.3 Procedimentos de Coleta de Dados

A entrevista é um instrumento de coleta de dados que permite explorar as opiniões dos participantes da pesquisa. Esta técnica apresenta uma série de características positivas em relação a outros instrumentos de coleta, que reforça a sua importância, destacando-se devido aos seguintes pontos:

- a) permite ao pesquisador observações sobre a aparência física, conduta, atitudes e reações do entrevistado;
- b) supera os questionários, pois pode ser aplicada a qualquer pessoa (analfabeta ou não);
- c) os dados obtidos tornam-se fáceis para classificação e quantificação;
- d) permite esclarecimentos sobre as perguntas;
- e) há oportunidades de se obter dados relevantes e mais precisos sobre o objeto de estudo.

Em relação ao tipo de entrevista, elas podem ser estruturadas, semi-estruturadas, parcialmente estruturadas ou não estruturadas (GIL, 1999). Para esse trabalho, optou-se pela entrevista semi-estruturada, apesar do pesquisador dispor de um roteiro prévio. Esta forma de entrevista permite um melhor direcionamento, não permitindo deslizes tanto do pesquisador como do entrevistado para assuntos alheios ao objeto de estudo.

A entrevista semi-estruturada é definida por Minayo (apud GUARESCHI E JOVCHELOVITC, 2003, p. 108) como uma “conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistado) em temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”. Por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos, sendo importante deixar que o entrevistado responda em seus próprios termos.

A análise dos dados foi realizada com a técnica de análise de conteúdo descrita por Bardin (2006), que define essa modalidade como sendo um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Para o sucesso da entrevista enquanto técnica, algumas regras devem ser seguidas, segundo Chizotti (1991, p. 55),

é preciso que o pesquisador saiba claramente as informações que busca, o objetivo da pesquisa e de cada uma das questões, o que e como pretende medir ou confirmar suas hipóteses. É uma tarefa que exige critério e planejamento para exaurir todos os aspectos dos dados que se quer obter, sem negligenciar os aspectos essenciais da pesquisa.

A prática de pesquisa proposta se assenta num processo que envolve questões internas dos sujeitos, que por sua vez tendem, a partir de uma reflexão, buscar soluções para os problemas de seu contexto. Esta atividade exige um trabalho com características específicas, por constituir-se numa proposta que pretende sanar a incapacidade de se repensar de maneira constante, dialogar com as transformações que acontecem na sociedade, nos alunos e na própria educação. Outro indicador aliado é o fato de possibilitar a superação de amarras que impedem o educando de pensar por si mesmo, construir uma nova relação educativa baseada em princípios de autonomia, colaboração, criatividade, resolução de problemas, integração, entre outros.

É possível reconhecer muitas vantagens nesta modalidade de ensino, porém diversas dificuldades foram experimentadas pelos alunos. Vários obstáculos ao desenvolvimento do processo de aprendizagem tinham como origem certo desconhecimento por parte do grupo pesquisado sobre a realidade, as características e as habilidades necessárias aos alunos de ensino a distância. Além disso, detectou-se uma falta de experiência e de visão teórica por parte dos mesmos, no que se refere à EAD.

É justamente neste espaço que se pretendeu desencadear a pesquisa. Sendo assim, baseando-se nos procedimentos e nos instrumentos de pesquisa descritos neste capítulo, buscar-se-á, a partir dos dados coletados, realizar uma análise do processo de apreensão da realidade, dos resultados das entrevistas e das representações dos alunos da ANP sobre a EAD.

Os objetivos da pesquisa, vale lembrar, referiram-se a investigar a visão dos alunos sobre a EAD, as dificuldades e experiências vividas durante o curso na perspectiva dos discentes de um curso a distância. O protocolo de

entrevistas utilizado consistiu em nove perguntas que serão explicitadas e comentadas a seguir.

1) Você já havia feito algum curso a distância antes desse oferecido pela ANP?

2) Você procurou alguma literatura a respeito de EAD ou algum colega que já havia feito um curso a distância?

3) Utilizando a experiência que você adquiriu nesse curso a distância, oferecido pela ANP, gostaria que você comentasse o que pensa e o que acha sobre EAD.

4) Você conseguiu se comunicar satisfatoriamente com os tutores, alunos, professores e a instituição?

5) Considerando a experiência do ensino tradicional presencial que você cursou durante a sua vida acadêmica e essa experiência com ensino a distância, qual dos dois processos você gostou mais? Comente sobre isso.

6) Fazer esse curso utilizando EAD foi uma escolha ou uma obrigação? Comente.

7) O tempo que lhe foi facultado, tanto no horário de trabalho quanto de duração do curso, foi suficiente?

8) De acordo com essas experiências adquiridas, você faria um outro curso a distância?

9) Na sua perspectiva, após passar por uma experiência de EAD, quais as características necessárias para que o aluno tenha um bom aproveitamento em um curso a distância?

As duas primeiras perguntas foram formuladas para permitir um conhecimento prévio com relação ao pesquisado, sendo apenas questões instrumentais.

As perguntas 3, 8 e 9 permitiram identificar qual a visão da EAD detida pelos alunos e a experiência vivida no curso. Nessa mesma linha, as de número 3, 4, 6 e 7 identificam quais dificuldades vivenciaram durante o curso. As de número 3, 5 e 9 subsidiam responder como se vêem, os discentes de um curso a distância.

CAPÍTULO 3

A VISÃO DO ALUNO NO ESTUDO DA EAD

O processo de interpretação dos dados se dará aqui, considerando os três eixos adotados para a análise: a visão do aluno sobre a EAD, as dificuldades enfrentadas no decorrer do curso e como eles se vêem sendo alunos de EAD.

Os estudiosos da área de EAD no Brasil são tomados como referência para a categorização e o exercício da compreensão das falas dos sujeitos desta pesquisa. De uma maneira geral, os sujeitos não manifestaram preconceitos ou barreira iniciais em relação à EAD. Alguns entrevistados confessaram possuir certas reservas em um primeiro momento, mas enfatizaram que elas foram dissipadas logo no início do curso.

Para a grande maioria da amostra (16 alunos), esta foi a primeira experiência em EAD. Por esta razão, entende-se que o parâmetro de comparação dos entrevistados tangia a outra modalidade de ensino, ou seja, a presencial e que esta única experiência balizou as opiniões e percepções acerca de EAD.

3.1 A VISÃO DO ALUNO

No que diz respeito à visão sobre EAD, os alunos apontaram, basicamente, elementos que foram categorizados em: tempo, autonomia, conteúdo e alcance. Na categoria tempo, o que apareceu com mais frequência foi a possibilidade de adequação que a EAD permite. Vários entrevistados apontaram também que a flexibilidade implica uma maior necessidade de organização e programação das atividades.

Este relato relaciona-se com o que afirmam Costas, Fagundes e Nevado (1998, p. 99), para quem o aluno "(...) pode estabelecer seus horários, e o tempo necessário para realizar o curso e concluí-lo, porém deve ter claro que deve seguir o ritmo que ele próprio estabeleceu através do seu plano de curso".

Liberdade e comodidade foram termos citados, sendo relacionados com a necessidade de disciplina no intuito de minimizar interrupções no fluxo de estudos. A autonomia de gerir o próprio tempo, proporcionada pela EAD, garante, na visão de Peters (2003), possibilidade de se autodeterminar e se responsabilizar por aspectos como: onde, quando, por quanto tempo, quanto, com que intensidade, em que seqüência e em que ritmo os alunos querem estudar. O fato de poder administrar o tempo de estudos (de participação nos fóruns e execução dos trabalhos) foi visto por vários alunos como um aspecto positivo.

Pela facilidade de estudar, do horário você tem um horário mais flexível de estudar, você pode estudar, em regra você pode estudar de manhã ou de madrugada, ou à tarde, o horário que é mais disponível. Não precisa... o dia que você tá cansado você muda o seu horário, flexibiliza o seu horário e estuda em outros horários **S18**⁴.

Porém, alguns deles relataram certas dificuldades em lidar livremente com esta questão, o que nos reitera aquilo que Pretti (2000, p. 32) aponta ao afirmar que “a administração do tempo na EAD é ainda problemática porque requer que os alunos tenham uma postura autônoma frente ao seu processo de construção do conhecimento”.

De modo geral, se pôde notar que várias das colocações dos entrevistados condizem com o que vem sendo publicado sobre EAD. A flexibilidade dos modelos de aprendizagem, como descreve Updegrove (1995), situa o estudante no processo de ensino sem que haja a necessidade de co-presença entre professor e aluno. Isso o permite adequar o processo a suas disponibilidades temporais, ao seu estilo de aprendizagem e ao acesso aos conteúdos.

Desta forma, “dá-se ao aprendiz a gestão da sua atividade de aprendizagem e propondo tarefas autênticas, todas as adaptações são possíveis” (BÉDARD, 1998, p. 8). Tal flexibilidade, porém, exige do aluno maturidade e organização no que se refere, por exemplo, à gestão do tempo de estudo, como podemos aferir em uma das colocações obtidas nas entrevistas.

⁴ Os sujeitos são identificados por **S1**, **S2**...

É importante que a pessoa tenha disciplina com relação a tempo **S1**.

Nos cursos em questão, assim como na maior parte dos programas atuais de EAD, o processo de ensino e aprendizagem ocorre preponderantemente a partir do contato do aluno com o material didático e com o tutor. Assim, além das aulas presenciais conduzidas pelos professores, os alunos contam com os tutores para a orientação e o esclarecimento de dúvidas quanto ao conteúdo e aos procedimentos necessários para a condução de seus estudos.

O que foi percebido, porém, é que na vivência durante o curso, a relação entre tutores e alunos não foi considerada satisfatória pela grande maioria:

Não tive nenhum contato mais próximo de alguém ou um retorno instantâneo daquilo que eu tava precisando **S13**.

O que eu senti uma dificuldade foi na questão das dúvidas. Às vezes você não conseguia, a resposta não chegava em tempo hábil, porque tinha fórum, então às vezes você não conseguia uma resposta rápida né **S16**.

Além disso, a interação foi classificada como impessoal, confusa e dificultadora de respostas rápidas. No entanto, também apareceu a possibilidade de participação maior de alunos que porventura se sentiam intimidados nas aulas presenciais, indicando que a virtualidade neste tipo de interação incentiva a participação de alunos tímidos ou introvertidos. O que nos remete a Palloff e Pratt (1999), ao afirmarem que é através do relacionamento e interação entre indivíduos no contexto digital que se gera, a priori, conhecimento.

Eu percebi que muitos colegas que tem uma timidez muito grande ali na aula eles conseguiam se soltar, muitos alunos que depois na aula presencial não se manifestavam, ficavam mais quietos, no ensino à distância eles se manifestavam, expunham idéias e eram até idéias boas, idéias boas, mas que a timidez os impedia de falar isso numa sala padrão **S11**.

As respostas dos professores aos questionamentos e necessidades de orientações dos alunos foram consideradas demoradas por oito dos entrevistados. Apenas um deles considerou-a satisfatória.

Com relação à intensidade da interação durante o curso, 10 alunos consideraram boa, 6 consideraram-na satisfatória e 2 deles definiram como excelente. Por outro lado, 8 alunos classificaram como ruim tal intensidade. Alguns citaram a disponibilidade de recursos para a interação, mas apenas dois dos alunos tiveram interesse por utilizá-los.

A interação não foi tão intensa como deveria ser, como é num estudo presencial, por exemplo. E também faltou, sei lá, a divulgação dos canais de interatividade serem mais divulgados e tal, de forma que não houve uma interação completa e intensa como eu acho que deveria ter tido **S3**.

eu acho que se tiver um canal pra se tirar dúvida e como tinha mas, eu não recorria a esse canal, porque achei desnecessário, eu acho que se tiver uma mesa redonda, uma oportunidade de interação maior, acho que é válido, não vejo grande limitação **S10**.

Esta falta de interesse ou motivação dos alunos pode prejudicar a aprendizagem neste tipo de modalidade de ensino, já que a EAD é caracterizada como

um processo comunicativo que pressupõe um alto intercâmbio de conhecimentos por meio de recursos tecnológicos, além, do interesse do aluno em se relacionar por tais meios. Esta modalidade depende fortemente de sistemas de informação e comunicação que sejam adequadas às necessidades e concepções teórico-metodológicas do curso proposto. A natureza com que as trocas se dão propõe a necessidade de um sistema que garanta uma grande interatividade entre docentes, tutores e alunos (SÁ e BARRENECHEA, 2000, p. 80).

Essas considerações nos remetem ao pensamento de Saraiva sobre a necessidade de respostas rápidas aos alunos de EAD. “O professor deve monitorar permanentemente a produção dos alunos, respondendo perguntas e enviando comentários com a maior rapidez possível” (SARAIVA, 2006, p. 142).

Ao mesmo tempo, o processo de EAD parece exigir muito mais do tutor no que se refere a tempo dedicado ao aluno, uma vez que cabe a eles produzir materiais didáticos, enviar e receber *e-mails* e entrar em contato com os mesmos.

[...] aqui se constata um novo paradigma, onde os professores de EAD precisam de mais tempo de dedicação aos alunos, pois dentre as varias atribuições do professor, há uma grande diferença entre se reunir e atender a uma classe de 30 a 40 alunos e responder seus e-mails (PAULA; FERNEDA; CAMPOS FILHOS, 2004, p. 9)

Como já apresentado, a visão da EAD, detida pelos alunos após a experiência vivida no curso analisado, considera aspectos relacionados a tempo, autonomia, conteúdo e alcance.

O tempo foi classificado como insuficiente para a maior parte dos entrevistados. No entanto, é interessante destacar que a diferença não foi tão significativa nesse quesito. Enquanto para dez alunos entrevistados o tempo foi insuficiente para um bom aproveitamento do curso, oito deles consideraram o contrário.

Como não há controle de continuidade dos estudos, alguns alunos identificaram o risco de fragmentação do tempo interferir negativamente no processo de aprendizagem.

A autonomia conferida pela EAD foi descrita como capaz de estimular a aprendizagem individual. Segundo os sujeitos, a autonomia também pode conferir grande liberdade aos discentes para organizar suas rotinas de estudos e demais elementos do processo de aprendizagem na EAD.

Os alunos perceberam ainda que tal autonomia requer maior disciplina e empenho, para que a aprendizagem não seja pulverizada e acabe por prejudicar o resultado final almejado.

o curso a distância, ele te deixa livre pra você mesma fazer o seu horário, muitas das vezes. Então é importante que a pessoa, ela não deixa acumular as disciplinas, as missões, pra que ela possa fazer bem **S1**.

O aluno reconhece que itens como força de vontade, compromisso e organização são comportamentos relevantes para um bom aproveitamento do conteúdo ministrado.

Da mesma forma, conceitos como força de vontade e empenho foram muito evidenciados pelo grupo, no que se refere ao compromisso e à organização, fundamentais para aprender a distância

tem que se dedicar, ele tem que ter uma força de vontade, de forma a se concentrar, tem que ser um pesquisador, alguma coisa assim **S4**.

O quesito conteúdo foi considerado fraco por dois alunos, no que se refere à qualidade e à relação com a área de atividade. O volume de matérias ministradas foi considerado elevado também por quatro alunos.

Outra categoria relevante na análise da visão dos alunos sobre a EAD pauta-se no alcance que tal modalidade pode possuir. Esse fator foi citado destacando-se a possibilidade de massificação do ensino, uma vez que não exige a presença física dos alunos e professores em ambiente de sala de aula e também a otimização do tempo, por não haver necessidade de deslocamento. Além deste aspecto, a EAD permite o acesso aos estudantes distantes dos grandes centros.

é uma ferramenta muito boa, principalmente pra quem não tem condição de acessar um grande centro onde ele pode tá usufruindo de estruturas boas e de bom material humano pra poder aprender. Acho que assim, se não tem condição de ter acesso a esse tipo de material, humano e institucional **S13**

3.2 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS

Outra questão pesquisada buscou detectar as dificuldades vivenciadas durante o curso, a fim de tentar compreender os problemas enfrentados pelos alunos durante o processo.

Pouca intimidade com computadores, internet e demais aparatos tecnológicos foram destacadamente citados por alunos que se consideraram avessos ou pouco cientes de ferramentas tecnológicas. Para eles, tais limitações prejudicaram a aprendizagem em EAD.

eu achei um pouco difícil o curso a distância, até pra, de início, eu não tenho, não sou expert em informática **S9**.

Eu sofro uma limitação porque eu não sou uma pessoa que tem facilidade pra lidar com informática, mas uma pessoa bem afiada nessa área com essas ferramentas, é possível fazer um curso satisfatório **S10**.

Kearsley e Moore (2007) confirmam esta idéia ao indicar a falta de habilidade para usar a tecnologia corretamente como uma das três principais causas de insatisfação e de resistência à EAD por parte dos alunos.

Embora as considerações sobre o tempo disponível para o curso tenham sido percebidas como satisfatórias, a maioria considerou ter tido pouco tempo e também pouca orientação para a elaboração da monografia.

Não, pra mim eu acho insuficiente. Principalmente com relação à pesquisa pra monografia, eu tô sentindo um pouco de dificuldade em achar tempo pra isso **S6**.

Quando tinha dúvida principalmente na área da monografia, eu não conseguia (contato com o professor). Às vezes eu ficava dois três dias sem obter resposta, mandava e-mails, telefonava **S2**.

A interação entre os alunos... os demais alunos foi boa, com os instrutores também... os tutores foi interação boa. Só que deixou a desejar foi no caso da monografia. O orientador praticamente não orientou você **S9**.

A interação entre tutores e alunos foi descrita como difícil, lenta e restrita.

Eu enviava alguns e-mails e demorava a ter retorno. No meu caso, o curso a distância foi feito com a Universidade de Tocantins, nosso Curso Especial de Polícia. E às vezes os retornos demoravam, e tinha que insistir também **S1**.

Faltou aquela orientação, aquele... a dificuldade é se você mandava aquelas dúvidas que você tinha você passava um e-mail, às vezes você não tinha respostas como você desejaria **S9**.

Mais uma vez, retoma-se a idéia de Saraiva (2006), quando este afirma que “o relógio da sala de aula” foi substituído por uma temporalidade contínua, sem delimitação dos períodos de trabalho.

Além de lenta e restrita, a interação é também considerada problemática pela maior parte dos entrevistados.

O que eu senti uma dificuldade foi na questão das dúvidas. Às vezes você não conseguia, a resposta não chegava em tempo

hábil, porque tinha fórum, então às vezes você não conseguia uma resposta rápida, né **S16**.

Segundo Holmberg (*apud* BELLONI, 1999) é preciso enfatizar abordagens realmente interativas. E como a principal função da EAD é facilitar a aprendizagem a distância, é fundamental prover os estudantes de meios que permitam relações pessoais, embora não contíguas, e a oportunidade de discussão. Tais fatores exigem a escolha de meios não apenas em virtude de suas potencialidades puramente técnicas, mas em função dos objetivos pedagógicos e de sua acessibilidade aos estudantes.

A autora ratifica ainda que o aspecto temporal, embora muitas vezes negligenciado, é de extrema importância e que o contato regular e eficiente – que facilita uma interação satisfatória e propiciadora de segurança psicológica entre os estudantes e a instituição “ensinante” – é crucial para a motivação do aluno e condição indispensável para a aprendizagem autônoma.

Elemento fundamental no processo de ensino, o material didático fornecido não foi bem avaliado pelo grupo, que salientou, ainda, que as formas de avaliação eram muito discrepantes em relação ao material disponível.

O material didático fornecido e o cobrado às vezes eles não estavam de acordo, algumas coisas que eram cobradas às vezes não estavam no material didático fornecido pela instituição **S16**.

Muitos autores defendem a idéia da importância na produção do material didático.

No material impresso especificamente destinado à educação a distância, é fundamental que se consiga estabelecer uma comunicação de mão dupla. Para isso, o estilo do texto deve ser dialógico e amigável: o autor tem de “conversar” com o aluno, criar espaços para que ele expresse de sua própria maneira o que leu, reflita sobre as informações patentes no texto e as das entrelinhas, exercite a operacionalização e o uso dos conceitos e das relações aprendidas e avalie a cada momento como está o seu desempenho. (SALGADO E MIRANDA, 2002, p. 55)

Conforme Peters (2003, p. 303), “os materiais de ensino a distância estruturados e impressos pretendem oferecer ajuda de modo eficiente aos que

tem ficar sentados sozinhos em casa e estudar, por isso devem ser auto-instrutivos”.

Ainda segundo Peters (2003), a avaliação e o monitoramento são operacionalizados através da interatividade. Para concretização desse elemento, são criadas ferramentas de aprendizagem mediadas pela Internet, as que são denominadas estratégias pedagógicas comunicacionais, pois contemplam uma formação a distância cujas produções dos alunos, em sua totalidade, são desenvolvidas e registradas em um ambiente virtual de aprendizagem.

O acompanhamento do caminho percorrido pelo aluno para a resolução da situação-problema, suas intervenções durante os chats e fóruns, suas reflexões, dúvidas e indagações aos tutores-orientadores, são elementos do processo de aprendizagem que o tutor-orientador deve acompanhar e avaliar constantemente e dar retorno imediato ao aluno (SANTOS; REZENDE, 2002, p. 27).

Além da falta de preparo técnico, do tempo e da orientação insuficientes para a elaboração da monografia, da lenta e insuficiente interação com os tutores, das deficiências no material didático e no processo de avaliação, outra dificuldade enfatizada pelos sujeitos da pesquisa foi a interrupção do fluxo de estudos.

A distância, como fica muito a critério do aluno, você acaba ficando dez minutos, um pouquinho hoje, aí você interrompe, amanhã você volta e fica mais cinco minutos, ou mais meia hora, uma hora, quer dizer, então parece que não tem uma continuidade né, não dá pra você ficar ciente de um tema e de qualquer outra matéria totalmente. Então, você fica interrompendo isso, eu acho que atrapalha um pouquinho o entendimento mesmo das matérias **S6**.

O depoimento acima remete aos autores que destacam a necessidade de se melhor controlar o tempo destinado aos estudos. Coelho e Haguenaer (2004, p. 6) argumentam que “(...) a flexibilidade de horários, de local, e de ritmo de aprendizado propiciado pelo ensino *on line* pode contribuir para a percepção de que o conhecimento está disponível e não depende do lugar e do momento”. Já para Saraiva (2006), esses fragmentos podem apontar para um entendimento de que o uso individualizado do espaço e do tempo na EAD torna

possível atender às diferentes necessidades, interesses e ritmos de aprendizagem.

Ainda sobre a flexibilização, Belloni (1999) discorre sobre algumas acepções usadas em educação e destaca a flexibilização de aprendizagem no sentido de exigir do estudante mais autonomia e independência, propiciando o desenvolvimento de sua capacidade de gerir seu próprio processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva, cabem as considerações da autora de que os esforços de flexibilização não significam o abandono de critérios de qualidade do ensino oferecido, ao contrário, os cuidados com os critérios de avaliação devem ser redobrados, especialmente para os estudantes a distância, evitando quaisquer dúvidas quanto à credibilidade e à qualidade dos cursos oferecidos.

3.3 COMO SE VÊEM OS ALUNOS DE EAD

Por fim, buscou-se compreender como os alunos se vêem na situação de discentes de um curso a distância. Eles discorrem com certa clareza sobre as características que um aluno de EAD deve possuir, mas nenhum dos entrevistados se identifica claramente como possuidor de tais predicados.

Dentre as “qualidades” citadas aparecem disciplina, dedicação, força de vontade, concentração e interesse.

tem que se dedicar, ele tem que ter uma força de vontade, de forma a se concentrar, tem que ser um pesquisador, alguma coisa assim **S4**.

Pra fazer o curso tem que ter dedicação, compromisso, mais compromisso do que um aluno de um curso presencial **S16**.

Com certeza ele tem que ter um domínio de informática. Ele tem que ter, ele tem que aceitar essa concepção de ensino do futuro, tecnologia da informação, ele tem que gostar disso, acreditar nisso daí, porque a distância, o fato de não estar visualmente vendo o professor, os outros colegas, uma pessoa que não é preparada pra isso, talvez pode provocar algum sentimento ou até algum desinteresse pra algumas pessoas. Não foi o meu caso, mas acredito que isso possa acontecer com alguém. Talvez o implemento de videoconferência, até no EAD, eu acho que seja uma das formas de minimizar isso daí **S11**.

São termos, como se pode notar, que tangenciam os estudos teóricos sobre as características dos alunos de EAD, como destaca Peters

Os alunos têm que desenvolver, se acostumar e até mesmo internalizar uma nova abordagem, porque têm que organizar a aprendizagem independente e têm que assumir para si muitas responsabilidades que antes eram dos professores. Têm que ser ativos não apenas ao executar suas tarefas de aprender, mas também ao interpretar e refletir criticamente sobre o que estão fazendo quando aprendem. De outra forma não podem jamais melhorar a aprendizagem sem intervenção externa. Se não forem ativos, nada acontecerá (PETERS, 2003, p. 72).

Observa-se, então, que os alunos listam uma série de características para um bom aproveitamento do curso e admitem que o fato de não possuírem tal perfil compromete a aprendizagem em EAD. A partir daí, é possível inferir que o curso por eles realizado não foi bem aproveitado.

De acordo com o entendimento de Oliveira (2003, p. 13) a mediação da comunicação, a orientação sistemática e o acompanhamento constante no processo de ensino a distância permitem “a formação de competências e atitudes que possibilitem, ao sujeito aprendiz, autonomização do processo de aprender sempre, numa autoformação contínua”. Essa associação de fatores, muitas vezes, transpareceu nas falas dos entrevistados:

O ensino a distância é um ensino que nos transforma, que nos, deixa, como eu direi, autodidatas. Estimula a gente a ser autodidata **S5**.

Assim, a EAD foi apontada por alguns dos entrevistados (4 alunos) como capaz de estimular o autodidatismo na medida em que exige concentração, disciplina e interpretação individualizada do conteúdo. Também foi mencionado o preparo e a maturidade do aluno para as discussões nesse tipo de modalidade de ensino.

Outro aspecto que foi evidenciado nas respostas dos sujeitos desta pesquisa refere-se à ruptura do vínculo espaço-temporal no processo de aprendizagem, conforme sustenta Aretio (1994, p. 167), “a educação superior a

distância rompe as barreiras tempo-espaciais, as psicológicas e sociológicas e se propõe chegar a todos”.

eu achei o ensino à distância uma iniciativa legal, bem econômica, prática, ela possibilita a algumas pessoas que não tem disponibilidade de tempo de ficar assistindo aula, de ter aquele ensinamento, obter aquela informação **S11**.

Um curso a distância seria um aprimoramento de seus conhecimentos, sem estar presente na sala de aula. E também interagindo com outras pessoas, e era feito isso, tinha fóruns. Também o tempo, a necessidade do tempo, você tá, na tua hora que você tem à disposição, não é um horário programado todo dia, você vai lá na hora que você puder você faz essa pesquisa **S12**.

A massificação foi outro aspecto relevante e freqüente nas respostas e relaciona-se a uma das características apontadas por Armengol (1987), para quem a educação a distância caracteriza-se principalmente por ter uma população estudantil adulta, relativamente dispersa e massiva. A massificação foi citada por alguns entrevistados, como a seguir

É uma ótima forma de ensino, porque você consegue, como eu disse, talvez atingir um grande número de pessoas **S6**.

Ensino a distância é uma forma de abranger mais, no caso do DPF, mais sevidores né, uma vez que não há necessidade de deslocamento **S8**.

A pessoa vai evitar aquela perda de deslocamento que tem pra faculdade, ou pra escola, que é muito grande em alguns centros **S18**.

Os sujeitos também fazem referência à atualidade deste tipo de ferramenta de que a nova tecnologia dispõe, assim como à viabilidade econômica e diminuição de custos por ela permitidos.

No que se refere à preferência pela modalidade a distância ou presencial, treze alunos declararam preferir a presencial, no entanto a EAD não foi totalmente descartada. Dentre os entrevistados, dois alunos indicam esta como a melhor opção de ensino na atualidade e apontam comodidade, flexibilidade de tempo e facilidade de acesso como vantagens desta.

Com certeza o presencial é um sistema bem melhor, proveitoso, acho que a interação com o mestre, com o professor, é muito importante, e você às vezes no curso a distância você não sente isso, fica meio artificial. Então, eu acho que a presença do professor na sala e ali com você é muito importante, pro aprendizado e até pra interação professor aluno **S3**.

Para analisar a aceitação da EAD, foi perguntado se o aluno espontaneamente voltaria a fazer outro curso nessa modalidade. Verificou-se que a maioria (15 estudantes) respondeu positivamente, apenas um aluno não faria de maneira alguma.

Olha, a distância foi o primeiro e único até então. Toda a minha vida, todo o meu passado eu estudei no tradicional, mas eu gostei muito do ensino a distância. Eu acho que o ensino a distância, bem coordenado, com algumas aulas presenciais, participações presenciais em algumas provas, algumas palestras, eu acho que é o ideal. Eu gostei muito. Gostei do... eu gostaria e faria um outro **S11**.

Parece um método eficaz de ensino, uma vez que utiliza de uma ferramenta atual. Estou gostando **S4**.

É a nova solução pra capacitação, educação e capacitação dos elementos sociais, porque a facilidade de penetração dos professores é muito grande e a possibilidade de utilização de multimídias pra instrução e capacitação de um aluno é muito maior e muito mais fácil do que num ensino convencional **S17**.

De posse dessas informações, podemos partir para as considerações finais sobre o trabalho proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EAD vem despertando interesse e motivando pesquisas sobre suas possibilidades de aplicações no que se refere ao desenvolvimento de recursos humanos, tanto de empresas públicas quanto de organizações privadas, com o objetivo de se apropriar do potencial das novas tecnologias na formação e atualização acadêmica, bem como no treinamento profissional mais abrangente e atual.

A acessibilidade e a conveniência da EAD colaboram para sua adoção como ferramenta de aperfeiçoamento profissional e também expansão do ensino, uma vez que permite o encontro de pessoas dispersas geograficamente em um ambiente virtual de estudos. Somam-se a isso algumas características pedagógicas típicas da EAD que permitem ao estudante, por exemplo, gerir seu próprio tempo dedicado ao estudo e aprendizagem, determinar seu ritmo de trabalho, escolher o local e a hora em que irá se dedicar ao estudo, entre outras. Tais características incentivam o melhor aproveitamento de habilidades e competências cognitivas.

Esta modalidade também apresenta peculiaridades no que se refere à flexibilização do currículo acadêmico, à possibilidade exponencial de uma abordagem democrática, horizontal, flexível e dialética. São características inovadoras que exigem uma nova atitude, tanto dos professores quanto dos estudantes para que seja possível a aprendizagem por meio da leitura de material impresso, do estudo dirigido, do trabalho científico autônomo, da comunicação pessoal e do uso de recursos audiovisuais e da Internet.

A ruptura de paradigmas, que muitas vezes se percebe na literatura sobre EAD, não parece ser tão brusca como o senso comum acredita. O que se percebe é a utilização de novos meios e novas ferramentas para um processo de aprendizagem associados às mesmas atitudes e comportamentos das formas “tradicionais”. O uso da Internet, de recursos audiovisuais, de teleconferência e toda a sorte de ferramentas disponíveis hoje, graças à evolução da tecnologia, não suprime as necessidades básicas para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma integral. A tecnologia

evolui e continuará a evoluir na medida em que a sociedade for se transformando, o que é algo extremamente positivo e deve ser usada pela educação, mas de forma complementar e não substitutiva ao que já se usa e se sabe sobre pedagogia e ensino em geral.

Como nos lembra Pretti (2000) ainda há a necessidade de produção de uma educação de qualidade, de promoção da socialização de conhecimentos, de integração social e superação da dimensão meramente reprodutivista do ensino. Fica também a questão de como compatibilizar o ensino individualizado com sua massificação, proposta pelos programas de EAD.

A EAD pressupõe também que o perfil dos alunos se modifique para que se obtenha um bom resultado no processo ensino-aprendizagem. Colocado em uma estratégia de ensino não presencial, é necessário que ele possua habilidades e conhecimentos específicos para conseguir adaptar-se a esta dinâmica diferente de interação na construção de conhecimentos. Percebeu-se que isto é identificado e defendido pelos alunos entrevistados, que destacam que a autonomia possibilitada pela EAD requer maior disciplina, força de vontade, empenho e compromisso por parte do estudante.

Por outro lado, os alunos de EAD esperam um retorno constante dos professores de maneira que estes se façam presentes, mesmo que virtualmente, durante o processo de aprendizagem. Com relação a isso, percebeu-se que os estudantes mais familiarizados com computadores e Internet tendem a ser menos pacientes na espera de resposta dos professores, ou seja, quanto mais o aluno acessa *e-mails*, plataformas e outras ferramentas virtuais, maior a expectativa da velocidade de resposta. Ao passo que aqueles menos familiarizados, ou que menos utilizam tais recursos, tendem a ser mais pacientes.

Os sujeitos dessa pesquisa percebem a necessidade de adequação do tempo de acordo com as demandas, necessidades e diferentes situações de vida dos estudantes.

Com relação à gestão do tempo, os alunos destacaram as vantagens da autonomia, porém relataram problemas relacionados à interrupção no fluxo de estudos, exatamente devido a tal adaptabilidade. Além disso, a interação com os professores e tutores foi considerada, pela maioria, como alguém das

expectativas, uma vez que as respostas não eram enviadas na velocidade em que gostariam.

Apesar de a obrigatoriedade ser um fator intrínseco aos cursos estudados, os alunos conseguem avaliar com senso crítico o processo em que estiveram envolvidos. Percebeu-se o preconceito inicial que foi superado em muitos casos: alunos que inicialmente não acreditavam no sucesso desta modalidade se viram surpreendidos e até motivados a fazer outro curso a distância.

É comum que situações novas, como o ensino a distância utilizando as TICs, causem dificuldades iniciais de adaptação e de superação de preconceitos. Sem se ater muito à questão de idéias pré-concebidas, uma vez que este não é o foco do trabalho, detectaram-se algumas dificuldades durante o processo estudado. Os alunos se referem às dificuldades com o aparato tecnológico, no sentido de este impedir e/ou dificultar a aprendizagem.

Uma relação paradoxal é evidenciada quando se averigua como os alunos se vêem enquanto discentes em um processo de EAD: são relatadas com clareza e objetividade as características que um aluno de EAD deve possuir, dentre elas, disciplina, dedicação, força de vontade e interesse. No entanto, os estudantes não se julgam possuidores de tais predicados. É como se eles soubessem o que deve ser feito, mas não conseguissem fazê-lo.

Os sujeitos analisados representam a EAD como um tipo de educação que acontece quando professores e alunos estão separados no tempo e no espaço. Eles manifestam consciência que a EAD favorece o aprimoramento profissional àqueles que não têm muito tempo disponível para o deslocamento ao local de estudo e para o próprio estudo.

Dentre as principais dificuldades por eles identificadas estão:

- A pouca intimidade com os recursos tecnológicos. Segundo sua visão, o domínio das ferramentas tecnológicas facilita a aprendizagem no ambiente virtual;
- A demora no “tempo de resposta”. Os sujeitos reivindicam uma maior agilidade no retorno de suas demandas;
- A incoerência entre o material didático oferecido e a avaliação proposta;

- O tempo destinado ao acesso e interação com a plataforma, assim como o tempo dedicado aos estudos e à realização das atividades propostas. Os sujeitos fazem referência tanto ao tempo de duração do curso como à sua capacidade de gerenciamento do tempo de estudo.

A proposta inicial desta pesquisa contemplava também sugestões de melhorias para o curso, que serviu como campo empírico. Assim, considera-se interessante que sejam realizadas atividades – antes e durante o processo - para ajudar o aluno a conhecer as ferramentas tecnológicas necessárias à participação do curso e também compreender o seu papel em um curso a distância. Dentre outros aspectos, tais atividades poderiam contribuir com o desenvolvimento das habilidades referentes à gestão do tempo de estudo e da forma independente de aprendizagem.

Para minimizar o pouco acompanhamento do aluno em determinados períodos do curso, seria pertinente uma avaliação processual. Cada módulo poderia ser disponibilizado em um espaço de tempo delimitado. As interações e os resultados seriam avaliados como condição para a progressão ao próximo módulo. Ou seja, antes de o aluno ingressar no módulo seguinte, haveria uma avaliação sobre o seu aproveitamento do anterior, numa dinâmica em que tutor e aluno estivessem em constante contato em todos os módulos.

Outro aspecto importante relacionaria ao contato dos alunos com a plataforma. Exige-se em alguns momentos um nível de maturidade além do apresentado pelo grupo, como nos casos em que o tutor solicita dinâmicas complexas em módulos iniciais. Sugere-se então, que o nível de dificuldade e exigência das atividades aumente gradativamente no decorrer do curso.

Ficou bastante evidente, durante a pesquisa, a importância da figura do tutor ao longo do curso. Infelizmente, detectou-se algum despreparo no que se refere à manutenção constante e em tempo hábil da interação com os alunos, o que pode ser evitado com a disponibilização de um quantitativo maior de tutores e capacitação dos mesmos.

Este estudo não se propõe conclusivo, ao contrário, espera-se que outras pesquisas sejam realizadas e possam dialogar com os resultados aqui obtidos para o avanço na investigação sobre a EAD.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B.; PRADO, M. E. B. B.; VALENTE, J. A. (org.). **Educação a distância via Internet**. São Paulo: Avercamp, 2003.

_____; VALENTE, J. A. (org.). **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

ARAÚJO, J. P. de. **O que os aprendizes esperam dos professores na educação a distância on-line?**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/texto37.doc>> Acesso em: 3 nov. 2002.

ARETIO, L. G. **Educacion à distância hoy**. Madrid: UNED, 1994.

ARGENTO, H. T. **Ensino online e formação continuada**: redimensionando a prática pedagógica. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/140-TC-D2.htm>> Acesso em: 20 jul. 2008.

ARMENGOL, M.C. **Universidad sin classes. Educación a distância en América Latina**. Caracas: OEA-UNA-Kepelusz, 1987.

AZEVEDO, W. **EAD: 100% não funciona?** Disponível em: <<http://widebiz.com.br/gente/azevedo/ead100.html>>. Acesso em: 8 maio 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARRETO, R. G. (org.). **Tecnologias educacionais e educação a distância**: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

_____. **Tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 271-286, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a06v29n2.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2008.

_____. **Tecnologias e educação: Trabalho e formação docente**. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v.25 n.89, set/dez. 2004. Disponível em: <http://www.oei.es/docentes/articulos/tecnologia_educacion_trabajo_formacion_docente.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2008.

BASTOS, C.; CARDOSO, F e SABBATINI, P. **Uma visão geral da educação à distância**. Disponível em <<http://www.edumed.net/cursos/edu002.2000>>. Acesso em: 17 maio 2008.

BÉDARD, R. tradução de DESCHÊNES A. J. (Télé-université) e outros. **Construtivismo e Formação a Distância**. **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v. 26, n.140. Jan/Fev/Mar. 1998.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BRASIL. Decreto n.º 2.494. Regulamenta o Art. 80 da Lei n.º 9.394/96, 1998. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2007.

BRASIL. Decreto nº 5.622/2005. Regulamenta o artigo 80 da Lei 9.394/96, 2005. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2007.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Subsídios para a fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação. SEED/MEC, Jan/1997.

CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. da S. (org.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: UCG, 2003.

CASARTELLI, C. A. **Um Estudo Sobre a Satisfação dos Alunos do Ensino à Distância**. Assembleia Anual Consejo Latino Americano de Escuelas de Administración - CLADEA, Porto Alegre, Proceedings do XXXVII CLADEA, 2002.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COELHO, C. HAGUENAUER, C. **As Tecnologias da Informação e da Comunicação e sua Influência na Mudança do Perfil e da Postura do Professor**. Colabor@, Curitiba, v.2, n.6, mar 2004. Disponível em: <<http://gemini.ricesu.com.br/colabora/n6/index.html>>. Acesso em: 19 maio 2007.

COSTAS, I; FAGUNDES, L; NEVADO, R. Projeto TEC-LEC: modelo de nova metodologia em EaD incorporando os recursos da telemática. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v.1, n1, p.83-100, 1998.

DURKHEIM, E. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

_____. **Representações Coletivas e Representações Individuais**. Revista Metafísica e de Moral. Paris, 1989.

FARIA, E. T.; MEDEIROS, M. F. (org.). **Educação a distância: cartografias pulsantes em movimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FORMIGA, M. Educação a Distância no Brasil: O que está acontecendo nas empresas e escolas. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, Setembro, 2003.

FRÓES, S; PEREIRA, R. A formação do trabalhador-cidadão em um curso de aperfeiçoamento em biossegurança por meio da educação a distância com o uso da internet. **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v.31, n.161/162, p.125-136, abr./set.2003.

GARFINKEL, Mirian, **O dialógico e o reflexivo mediando a formação dos educadores on-line**. 2005. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/086tcc3.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2008.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, F. P. **Tecnologias da informação e da comunicação na sala de aula: ampliando o sentido de autonomia na aprendizagem**. 2004. Dissertação de Mestrado em Educação - Estácio de Sá, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, L. M. **Tutoria em EaD: com a palavra tutores e alunos**. 2007. Disponível em: <http://aveb.univap.br/opencms/opencms/sites/ve2007neo/pt-BR/imagens/27-06-07/Cognitivas/trabalho_100_lina_anais.pdf>. Acesso em: 21 maio 2008.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org.). Textos em representações sociais. In: WAGNER, W. **Dimensões metodológicas da teoria das representações sociais: descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KEMCZINSKI; BRINGHENTI; CASTRO E HEINECK. **O desempenho e a satisfação discente em um modelo de ensino-aprendizagem semipresencial**, 2001. Disponível em: <<http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt20037291249O%20desempenho%20e%20a%20satisfa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2008.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 4 ed. Campinas: Papirus, 2006.

KEARSLEY, G.; MOORE, M. **Educação a distância: uma visão integrada**. Tradução: Roberto Galman. São Paulo: Thomsom Learning, 2007.

LANDIM, C. M. M. P. F. **O que é Educação a Distância**. 2003. Disponível em: <<http://www.cciencia.ufrj.br/educnet/EDUINTER.HTM>> Acesso em: 18 out. 2007.

LOBO NETO, F. J. S. **Educação a distância: referências e trajetórias**. Brasília: Plano, 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ. M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986.

MARTINS, O.B. POLAK, Y. N. S.; SÁ, R. A. **Educação a Distância: Um debate Multidisciplinar**. Curitiba, UFPR, 1999.

MORAES, R. SIQUEIRA V. **Representações em educação on-line: a perspectiva dos aprendizes**. 2002. Disponível em: <http://br.geocities.com/aulavirtualedemocracia/representacoesemead_moraes_siqueira_.htm>. Acesso em: 10 jul. 2008.

MOREIRA, A. S. P. (org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB, Editora Universitária, 2005.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NUNES, I. B. Pequena Introdução à Educação a Distância. **Educação a Distância**. nº. 1, junho/92, Brasília, INED.

OLIVEIRA E. G. **Educação a Distância na Transição Paradigmática**. Campinas, SP, Papyrus, 2003.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **Building learning communities in cyberspace: effective strategies for the online classroom**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1999.

PAULA, K. C.; FERNEDA, E.; CAMPOS F. M. P. Elementos para implantação de cursos à distância. **Colabor**, v. 2, n. 7, 2004.

PEIXOTO, J. **Apoio e Avaliação Pedagógica de um dispositivo de formação não presencial: a utilização das tecnologias em ambientes virtuais como uma possibilidade de inovação pedagógica**. Projeto de Pesquisa. Goiânia: UCG, 2006.

PETERS, O. **A educação a distância em transição: tendências e desafios**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

_____. **Didática do ensino a distância: experiências e estágio da discussão numa visão internacional**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PERRY, W.; RUMBLE, G. **A short guide to distance education**. Cambridge: International Extension College, 1987.

PRETTI, O. (Org.). **Educação a distância: construindo significados**. Cuiabá: NEAD/IE-UFMT, 2000.

_____. *Educação a Distância: uma prática educativa mediada e mediatizadora*. In: _____ (org.). *Educação a Distância: inícios e indícios de um percurso*. Cuiabá: EdUFMT, 1996.

SA, R. A. ; BARRENECHEA, C. A. **Concepção e Metodologia de Estudos em Educação a Distância I e II**. Curitiba, PR: NEAD (Núcleo de Educação a

Distância) /PROGRAD (Pró-Reitoria de Graduação), UFPR, 2000.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SALGADO, M. U. C.; MIRANDA, V. **Guia de Estudo do VEREDAS – Formação Superior de Professores**. 2002. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/ead/eadtxt3a.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2008.

SANTOS, H. REZENDE, F. Formação, mediação e prática pedagógica do tutor orientador em ambientes virtuais construtivistas de aprendizagem. **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v.31, n.157/158, p.19-29, abr./set.2002.

SARAIVA, K. **Outros tempos, Outros espaços Internet e educação**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8597/000582097.pdf?sequenc e=1>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

SARMENTO, M. L. M. O percurso da aprendizagem dos alunos em educação a distância. In: **Educação a distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem – Projeto NAVE**. São Paulo: s.n, 2001.

SILVA, M.W; BALZAN, N.C. Universidade Corporativa: (Pré-) tendência do Ensino Superior ou ameaça? **Revista de Avaliação da Educação Superior, Campinas**, v. 12, n. 2, 2007.

SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TESTA, M.; SCHULER, M. **A educação a partir de sua representação social: subsídios para o estabelecimento de estratégias no ensino através da Internet**. In: Congresso de Educação da COPPEAD, 2000, Rio de Janeiro.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record. 1993.

UPDEGROVE, K. H. Teaching on the Internet. Documento submetido como requisito parcial da disciplina N900, University of Pennsylvania, agosto, 1995. Disponível em: <<http://pobox.upenn.edu/~kimu/teaching.html>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

VIANNEY, J. **As representações sociais da educação a distância: uma investigação junto a alunos do ensino superior a distância e a alunos do ensino superior presencial**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ANEXOS

Entrevista com SUJEITO 01 (S01)

Entrevistador : Vamos lá. Você já havia feito algum curso à distância?

S01: Anteriormente não.

Entrevistador : Você procurou alguém que já havia feito algum curso à distância?

S01: Apenas o colega Elias, ele havia feito o curso superior antes, pela Fundação Getúlio Vargas e ele passou algumas orientações de como funcionava a questão de resolução de exercícios à distância, só pra ter uma idéia.

Entrevistador: E literatura sobre EAD, você procurou pra saber mais alguma coisa?

S01: Não.

Entrevistador: Então, fala pra mim assim, fica super à vontade pra falar pra mim, o que você sabe, o que você pensa sobre ensino à distância, sobre EAD.

S01: Olha a partir da minha vivência do que eu fiz, é importante que a pessoa tenha disciplina, com relação a tempo também, porque o curso à distância, ele te deixa livre pra você mesma fazer o seu horário, muitas das vezes. Então é importante que a pessoa, ela não deixa acumular as disciplinas, as missões, pra que ela possa fazer bem.

Entrevistador: Ok. Durante o curso, você conseguiu se comunicar satisfatoriamente com o professor, com os alunos, com a instituição e os tutores?

S01: Não.

Entrevistador: Fala um pouco disso pra gente.

S01: Eu enviava alguns e-mails e demorava a ter retorno. No meu caso, o curso à distância foi feito com a Universidade de Tocantins, nosso Curso Especial de Polícia. E às vezes os retornos demoravam, e tinha que insistir também. Agora, uma coisa que eu achei admirável, no meu caso, eu gostei muito da elaboração das provas. Eu achei que o conteúdo das provas foi muito em cima da vivência do próprio conteúdo que foi disponibilizado, procurando também viabilizar a questão prática do trabalho.

Entrevistador: Ok. E que tipo de processo você gostou mais de estudar, no presencial ou no ensino à distância? Fala um pouco disso.

S01: Olha, todos dois tem os pontos positivos e negativos. A questão da aula presencial, às vezes, o professor não é muito bacana. A matéria às vezes é interessante mas o professor às vezes ele desvirtua o foco, ou então deixa que um colega, um aluno fale muito fora do assunto daquela matéria que está sendo discutida. E no curso à distância você pessoalmente, sendo autodidata, você pode focalizar o seu objeto de estudo, então você não perde tanto tempo. Agora, quando você tem dúvida, ou você tem algum questionamento a mais pra fazer, é importante você ter uma pessoa a quem você possa se socorrer, entende? Basicamente isso.

Entrevistador: Você no momento fez o curso à distância porque você tinha escolha ou porque você era obrigada? Queria que você comentasse sobre isso.

S01: Não foi facultativo não. Era pra se fazer, ou fazer. Alguma carga horária mínima de aulas presencias, e a aula à distância ela foi imposta.

Entrevistador: E o que você acha disso?

S01: Achei positivo também. Nem tudo que é obrigatório é necessariamente ruim. Acho que a gente tem que estar aberto a inovações, a distância tem seu aspecto positivo. Agora, poderia ser melhor trabalhado, precisa ter mais suporte técnico, professores disponíveis, monitores, no meu caso, no caso do curso que eu fiz. Não posso falar de outros né. Com relação à equipe da Getúlio Vargas, eu tive ótimas referências. Pessoal dava o retorno muito bem. Com relação ao meu curso, no final de curso, quando era a preparação da monografia para entrega, eu tive um pouco mais de retorno. Eles me devolveram o material, algumas apontações. Então, foi válido.

Entrevistador: E o tempo que você tinha disponível foi suficiente pra você trabalhar a parte à distância?

S01: Foi, foi sim.

Entrevistador: Então pra gente finalizar, você faria outro curso de EAD?

S01: Faria, mas primeiro eu procuraria ver onde e como era o pessoal de apoio. (ininteligível) disponibilizado pra atender.

Entrevistador: Ok, obrigado.

S01: Disponha.

Entrevista com SUJEITO 02 (S02).

Entrevistador: Você já havia feito algum curso à distância?

S02: Não, foi a primeira vez, no Curso Especial de Polícia.

Entrevistador: Você procurou alguém que já havia feito um curso à distância, depois que você foi solicitada a fazer um?

S02: Não. A orientação que eu recebia na Internet era o que eu ia fazer. Não pedi orientação de ninguém não.

Entrevistador: E você procurou alguma literatura sobre EAD que te desse suporte? O que é EAD?

S02: Educação à distância. Se eu procurei alguma...? Literatura.

Pra fazer o curso a distância? Não. Pra fazer o meu curso, sim. Pra saber o que é uma orientação à distância, eu não procurei saber o que é não. Eu entrei no site e ia seguindo as orientações do professor (ininteligível), como proceder, como... essas coisa. Mas, procurar mesmo, não, literatura, não.

Entrevistador: O que você pensa sobre ensino à distância? Fique à vontade pra falar o que você achou.

S02: Olha, acho que eu só posso falar desse curso que eu fiz pra Polícia Federal Especial. Mas eu achei fraco, porque não era voltado pra minha área. Ele não é voltado pra Polícia Federal, eles não tem nem conhecimento do que é Polícia Federal. Eles deram aulas, ministraram aulas que não vai servir de nada pra mim. Não vai, nem pra minha carreira, pra minha vida social pessoal talvez, mas pra minha carreira profissional não. Eu achei o curso muito fraco. Fugiu totalmente às minhas expectativas. Tanto que depois que eu comecei a participar dos sites e a conversar com o pessoal "você já respondeu, você já...", o que você respondeu, como foi que você respondeu, de onde você conseguiu suas respostas" nos colegas aqui da Polícia eles comentavam "ahh, eu copiava da Internet". Então, copia cola copia cola. Algumas coisas não tinha muito o que fugir não. Mas os colegas que eu perguntava se eles

estavam gostando do curso à distância respondiam que não. Porque ele fugia totalmente à nossa carreira profissional. As cadeiras que eles estavam proporcionando pra gente fugia totalmente da nossa carreira profissional, não tinha nada a ver, fugia totalmente do tema. Então assim eu digo pra minha vida profissional não me acrescentou nada. Me acrescentou na minha vida social, na minha vida pessoal, só.

Entrevistador: Queria que você falasse, durante o curso você conseguiu se comunicar satisfatoriamente com os professores, os alunos, a instituição ou os tutores?

S02: Eu conseguia me comunicar com os tutores. O resto, pensando aqui, quando tinha dúvida principalmente na área da monografia, eu não conseguia. Às vezes eu ficava dois três dias sem obter resposta, mandava e-mails, telefonava. Mas com minha tutora, com os tutores em particular, eu conseguia uma resposta não imediata, mas satisfatória.

Entrevistador: E esse curso à distância que você fez, foi uma escolha ou foi uma obrigação?

S02: Obrigação.

Entrevistador: O que você acha disso?

S02: Eu acho isso péssimo, porque, por exemplo, posso tá até falando besteira, mas por exemplo, eu sou agrônoma e pedagoga. Eles podiam muito bem pegar os funcionários e perguntar "que área te interessa pra você fazer? que área você quer fazer?". Não, eles simplesmente colocavam as cadeiras que você tinha que fazer obrigatoriamente. Aí eu volto a dizer, na minha área profissional não me acrescentou em nada. Mas eu acho que se fosse direcionado pra aquele curso que você se formou, pra aquele curso que você tá fazendo, seria maravilhoso, seria maravilhoso.

Entrevistador: Então pra você, no geral, a EAD é interessante? Ensino a distância.

S02: Interessante é, mas pra mim não foi proveitoso. Profissionalmente, não.

Entrevistador: E o tempo que foi disponibilizado pra você fazer o curso à distância foi suficiente?

S02: Eu acho que as cadeiras que foram mais na área da monografia, foi um tempo muito curto, teve que correr muito. E principalmente procê só tinha duas horas no trabalho pra se dedicar e fazer monografia e fazer o curso. Então eu acho que o horário foi bem corrido, foi bem complicado.

Entrevistador: E você faria um outro curso à distância?

S02: Faria se fosse pra minha área profissional, ligado ao que me formei, por exemplo agronomia, pedagogia e dentro da Polícia Federal. Se fosse pra áreas direcionadas eu faria com certeza, faria com certeza.

Entrevistador: E que tipo de processo você gostou mais de estudar, no ensino presencial, esse tradicional, ou nessa nova modalidade que surgiu aí de ensino à distância.

S02: Ah não, presencial. Com certeza, presencial. Por enquanto, porque eu acho que o ensino à distância ainda tem muitas falhas.

Entrevistador: Por exemplo?

S02: Essa questão que a gente comentou sobre você ter dúvidas, você querer obter informações, não conseguir de imediato, às vezes era dois, três dias, uma semana, principalmente na hora da monografia. Eu achei muito impessoal, e eu gosto muito da coisa pessoal, do cara a cara, olho a olho, você conversar com o professor, tirar dúvidas, ele te responder, você tá conversando com ele, você tá olhando pra ele, se comunicando com você ali, com você ao vivo a cores. Eu sei que o ensino presencial

tem falhas, mas ao meu ver ele ainda é mais interessante do que o à distância. Não menosprezando o à distância. De jeito nenhum.

Entrevistador: Ok, tá ótimo, muito obrigado.

Entrevista com SUJEITO 03 (S03).

Entrevistador: Você já havia feito algum curso à distância anteriormente?

S03: Não.

Entrevistador: Você procurou algum colega ou alguma literatura a respeito de educação à distância, antes de começar o curso?

S03: Não, mesmo porque isso foi uma imposição da ANP. Não foi nós que escolhemos.

Entrevistador: Ok, e você fica super à vontade pra falar pra mim o que você pensa sobre ensino à distância e sobre como que é você interagiu com esse ensino à distância.

S03: A interação não foi tão intensa como deveria ser, como é num estudo presencial por exemplo. E também faltou, sei lá, a divulgação dos canais de interatividade serem mais divulgados e tal, de forma que não houve uma interação completa e intensa como eu acho que deveria ter tido.

Entrevistador: Ok, nesse contexto, como que foi essa interação, ou seja, você conseguiu satisfatoriamente com professor, alunos, com a instituição, com os tutores?

S03: Eu me comuniquei, assim, dentro daquilo que era o básico. Mas não uma interação intensa e completa não houve. A interação foi a necessária somente.

Entrevistador: Você já comentou se, foi obrigatória ou foi escolha... E o tempo que foi disponibilizado pra você trabalhar nesse ensino à distância foi satisfatório?

S03: Não, o tempo também, dada a nossa atividade que, muito embora foi disponibilizado duas horas, mas a nossa atividade aqui não permitiu a utilização desse tempo, ainda porque eu considero esse tempo pequeno, para que tivesse uma interação completa e totalmente satisfatória.

Entrevistador: Você faria um outro curso à distância?

S03: Poderia até fazer, mas eu sempre darei preferência para um curso presencial.

Entrevistador: Então nesse caso se eu te perguntar em que processo você mais gostou de estudar? O presencial tradicional ou esse ensino à distância?

S03: Com certeza o presencial é um sistema bem melhor, proveitoso, acho que a interação com o mestre, com o professor, é muito importante, e você às vezes no curso à distância você não sente isso, fica meio artificial. Então, eu acho que a presença do professor na sala e ali com você é muito importante, pro aprendizado e até pra interação professor aluno.

Entrevistador: Ok, muito obrigado.

Entrevista com SUJEITO 04 (S04)

Entrevistador: Você já havia feito algum curso à distância?

S04: Não.

Entrevistador: Você procurou alguém ou alguma literatura a respeito de ensino à distância?

S04: Não.

Entrevistador: Num contexto geral, pelo que você já trabalhou nessa área, o que você acha sobre ensino à distância, na sua experiência?

S04: Parece um método eficaz de ensino, uma vez que utiliza de uma ferramenta atual. Estou gostando.

Entrevistador: Fala mais sobre isso, não?

S04: Não.

Entrevistador: Durante o curso que você tá fazendo, você consegue se comunicar satisfatoriamente com o professor, com os alunos, com os tutores e a instituição.

S04: Olha, eu penso que a comunicação é meio truncada, uma vez que você não observa a reação dos tutores, dos outros alunos que participam do curso. Depende mais de saber se expressar da forma escrita ou não.

Entrevistador: Ok, esse curso à distância foi uma escolha ou uma obrigação?

S04: Obrigação.

Entrevistador: E o tempo que você tá disponibilizando pra você fazê-lo é suficiente ou não?

S04: Não.

Entrevistador: Por que?

S04: Porque eu continuo trabalhando, apesar de ter previsão de dispensa, então eu faço alguma coisa no trabalho e o restante tento em casa. Tem sido suficiente de forma que nós conseguimos fazer as tarefas e tudo, mas pudesse ser melhor aproveitado se houvesse maior tempo disponível.

Entrevistador: Que tipo de processo você gostou mais de estudar? No presencial, esse tradicional ou nesse à distância que você tá trabalhando?

S04: Eu prefiro o presencial, tradicional.

Entrevistador: Por que?

S04: Pela interação com outras pessoas. Talvez por isso. A dedicação, acho que não há tanta diferença nisso, mas acho que mais pela interação.

Entrevistador: E você faria outro curso à distância?

S04: Com certeza.

Entrevistador: Por que?

S04: A possibilidade de você fazer o curso em horários alternados conforme sua disponibilidade. Então eu faria sim.

Entrevistador: Pra finalizar fala sobre o aluno de um curso à distância, fala sobre você e como que você vê esse aluno do curso à distância.

S04: Sou um aluno assim, dedicado, conforme a disponibilidade de tempo que eu tenho, eu aproveito o máximo.

Entrevistador: O que você pensa de um aluno de um ensino à distância, o que ele tem que ter, ou como que é o processo?

S04: É meio virtual, só isso. Ele tem que se dedicar, ele tem que ter uma força de vontade, de forma a se concentrar, tem que ser um pesquisador, alguma coisa assim. Pelo menos no curso que eu tô fazendo atualmente. Eu iniciei um curso à distância

que não era obrigatório sobre lavagem de dinheiro, pelo SENASP, esse curso era bem mais tranquilo que o atual, da Academia de Polícia.

Entrevistador: Ok, muito obrigado.

Entrevista com SUJEITO 05 (S05)

Entrevistador: Você já havia feito algum curso à distância, antes desse?

S05: Eu já fiz curso à distância mas era por correspondência. Com a evolução dos meios de comunicação, atualmente a gente faz via Internet. Não aquele negócio de encaminhar pra você todo o conteúdo via correio, você receber, fazer, estudar, fazer os exercícios, encaminhar via correio também. Agora o correio é eletrônico, Internet.

Entrevistador: Com respeito a isso de Internet, você procurou alguém que já havia feito pra se interar melhor ou alguma literatura, ou seja, algum livro pra você saber melhor?

S05: Sim, colegas, conversei com os colegas porque há uma certa dificuldade com relação ao ass... houve na época que a gente tava fazendo, com relação ao acesso às lições. Mas com o auxílio dos colegas aqui, rapidinho a gente assimilou e conseguiu dar continuidade aos trabalhos. Os comentários e tudo.

Entrevistador: Fica bem à vontade, fala pra mim, num geral, o que você pensa e o que você acha sobre ensino à distância.

S05: O ensino à distância é um ensino que deixa, nos transforma, como eu direi, autodidatas. Estimula a gente ser autodidata. É a história do Machado de Assis, que era, que nunca, era um autodidata, um dos mais famosos escritores nossos de todos os tempos. O ensino à distância ele leva a gente a partir pra esse, como eu diria, pra um otimismo. Você mesmo se projetar, e não tem aquela coisa de, olha, vou fazer a lição, vou estudar a lição, vou fazer o exercício, não vou ficar pesquisando nem nada, vou tentar fazer de forma correta e direta. Acho que é uma relação intimista minha com ao, no caso, o educador. Eu fiz, como eu te disse anteriormente, eu fiz curso à distância pelo SENAC Belo Horizonte, por correspondência, isso na década de oitenta. A diferença do curso que eu fiz atualmente é que esse eu tenho o auxílio da Internet, do computador, tenho tudo a meu favor. Há vinte anos atrás eu não tinha isso. O que aconteceu, houve uma evolução descomunal, monumental, em relação ao que eu tive no passado.

Entrevistador: E nesse caso, desse que você fez agora, você conseguiu se comunicar bem, ou seja, sua interação com professor, os alunos, a instituição e os tutores foi boa? Me fala um pouco dessa interação, o que você achou?

S05: A meu ver, no meu caso, ela não foi melhor por deficiência minha mesmo, por eu não ter me aperfeiçoado muito com relação à evolução da Internet, do sistema que a gente tem hoje em mãos. Não foi em relação à minha pessoa com relação a isso aí, entendeu? Porque se eu tivesse me atualizado mais, principalmente com o auxílio que a gente tem hoje da Internet, provavelmente eu teria um rendimento bem melhor. Mas foi, dentro da minha limitação, foi bem, que a minha média foi acima de oito, me considero bem, poderia ter sido excelente.

Entrevistador: E esse ensino à distância que você participou ele foi, foi por escolha ou foi obrigação.

S05: O nosso, você ao refere ao Curso Especial? Foi por escolha, né? Tinha a fase presencial, tinha as duas fases, tinha a fase presencial e a fase à distância, então não teve escolha, foi uma coisa que já vinha, que já vem sendo feito pelo departamento há vários anos.

Entrevistador: E o tempo que você teve pra fazer esse curso ele foi suficiente, ou seja, disponibilizado?

S05: Não.

Entrevistador: Fala sobre isso pra mim.

S05: Foi concedido pra gente duas horas pra desempenhar as funções e duas horas pra você se dedicar a isso aí. Tanto é que eu tirei uma licença capacitação pra finalizar a monografia e tudo. O tempo acho que teria de ser maior, deveria ser em torno de quatro horas e não duas.

Entrevistador: Que tipo de processo você gostou mais de estudar, no presencial esse tradicional que a gente tem na escola, ou esse à distância que você participou?

S05: Como eu venho de uma escola tradicionalista, venho de um passado né, tenho 43 anos, então a fase presencial sim me deixou mais motivado. A fase à distância ficou assim meio...

Entrevistador: Porque?

S05: Pela deficiência minha com relação ao acesso à Internet. É um problema meu, hoje todo mundo tem... e é fácil... e a gente vai se aperfeiçoando, vai conseguindo se aprimorar mais. Mas eu tenho aquele... como eu disse né... o método, sou pelo método tradicionalista que é aula, professor, sala de aula, aquele negócio todo. E como a gente tem família, em casa pra você estudar com família fica meio complicado. Mas, os filhos querem acessar, a esposa fica querendo também, sobra pouco tempo pra isso. Por isso que eu prefiro o método tradicionalista. Mas o ensino à distância, como eu disse anteriormente, que eu já fiz, ele é muito válido.

Entrevistador: E você faria um outro curso à distância?

S05: Faria.

Entrevistador: Porque? Porque você faria um outro curso à distância?

S05: Por todo o retrospecto que eu te disse aqui. Eu já participei de ensino à distância, pelo SENAC, há muitos anos atrás. E veio essa fase, e hoje, como... taí né, a Internet taí pra ajudar, ajuda de forma excepcional. O que a gente precisa mesmo é dedicar o tempo, se você não se dedicar... é maravilhoso, você tá ali, é só você abrir, estudar, que você vai conseguir êxito e talvez até aquela coisa presencial, aquele negócio lá, é meio desgastante também. O problema é o seguinte, você saber se programar e fazer todas as fases e procurar mesmo dedicar. O que eu coloquei que a família às vezes atrapalha um pouco. Mas se a gente levar... estudar realmente e não deixar que isso atrapalhe, é excepcional, é uma coisa que realmente tem valor e a gente aprende. Aprende mais porque você se propôs a fazer, e a partir desse momento você se dedica mais. Tem a questão da aula presencial, você vai, às vezes você não assimila tanto, porque você tá num contexto mais distante, longe do núcleo familiar. Eu tô dizendo uma coisa e eu tô dizendo outra. Mas se você conseguir aplicar ensino à distância e coordenar ele, concatenar com aquilo que você tem no seu lar, o rendimento pode ser muito maior do que aquele método tradicionalista, presencial que a gente foi adaptado e que foi instituído realmente, e que a gente participou. Eu fiz duas faculdades, você ia pra faculdade depois do trabalho, cansado, sem jantar, a pé, não tinha uma estrutura. Hoje não, você tem tudo dentro da sua casa, só abrir o computador, abrir um site, ir lá, fazer a pesquisa, estudar, se dedicar. Se a gente conseguir concatenar tudo isso, o ensino, família, o trabalho, você vai ter um rendimento excepcional.

Entrevistador: É isso, querido, agradeço aí.

Entrevista com SUJEITO 06 (S06).

Entrevistador: Você já havia feito algum curso à distância anteriormente?

S06: Não, este é o primeiro.

Entrevistador: Nesse caso, você procurou alguma literatura ou alguma pessoa que já havia feito pra saber alguma coisa sobre ensino à distância.

S06: Não, as instruções que eu tive foi da própria Academia de Polícia que está promovendo esse curso.

Entrevistador: Agora você fica super à vontade e fala pra mim o que você entende e o que você sabe sobre ensino à distância. Pode falar o que você quiser da forma que você quiser.

S06: Entendo que é uma forma agora mais adequada talvez ao Departamento de Polícia Federal, pra treinar e formar todos os policias que na verdade estão aí espalhados pelo Brasil inteiro, e se fosse fazer um curso presencial acho que isso talvez tivesse um custo maior, uma dificuldade maior. E o ensino à distância acho que tá sendo usado pela Polícia Federal justamente pra diminuir o custo, pra alcançar o maior número de policiais, etc.

Entrevistador: Mas num contexto geral, tirando a questão só da polícia, o que você no geral entende sobre ensino à distância, aí já é pessoal mesmo.

S06: O que eu entendo, assim, qual a minha opinião a respeito do ensino à distância? Não, olha, eu acho que é uma ótima forma de ensino, porque você consegue, como eu disse, talvez atingir um grande número de pessoas, e da forma, eu não sei, não conheço outros cursos, mas esse especificamente que eu tô fazendo agora, tem muitos temas que eles trabalham pra gente discutir mesmo na plataforma, quer dizer, não fica algo também muito, assim, à distância né, algo muito jogado assim. Não é como eu já vi outras pessoas dizendo que jogam matéria na plataforma, você lê, e você interpreta sem saber o que o seu professor acha, o que seu tutor acham, o que os outros alunos acham. Dessa forma que eles fazem agora aqui na ANP, eles lançam o tema na plataforma e você discute, discute com outros alunos, discute com professor, com tutor. Acho interessante.

Entrevistador: Já que você tocou nesse assunto, queria que você falasse pra mim, como é que é essa interação com relação ao professor, aluno, a instituição e os tutores. O que você vê dessas interações com essas pessoas, instrutor, aluno, instituição.

S06: Olha, tutor agora, por enquanto nós tivemos quatro tutores diferentes, então posso dizer que 50% deles dou nota nove pra eles, porque foram muito eficientes, muito atenciosos com relação à matéria que eles estavam transmitindo. Agora outros dois, por exemplo, eu achei que eles eram muito [silentes], não muito preocupados como o aluno ia tá recebendo essa matéria, se existia mesmo uma compreensão da matéria colocada lá pra gente estudar. E a instituição, eu acho que a instituição é representada pelos tutores nesse caso, né, então acho que ficou aí meio 50%.

Entrevistador: E com os outros alunos?

S06: Com os outros alunos, a única interação que a gente tem é aqui né, presencial, ou no corredor converso com os outros alunos a respeito do curso, e já na plataforma, através dos temas mesmo que a gente discute. Apesar de eu não ser muito participativa nesses fóruns né, quando é obrigatório eu participo, e aí a gente tem uma maior interação com os alunos da sua turma, que somos divididos por turma.

Entrevistador: Esse curso seu ele foi uma escolha ou ele foi uma obrigação?

S06: Não, uma obrigação. Se não fosse obrigatório acho que eu não... não nesse momento da minha vida teria feito.

Entrevistador: E o tempo que você tá sendo disponibilizado e o tempo que você está utilizando pra fazer esse curso ele é satisfatório ou não?

S06: Não, pra mim eu acho insuficiente. Principalmente com relação à pesquisa pra monografia, eu tô sentindo um pouco de dificuldade em achar tempo pra isso.

Entrevistador: E você um outro curso à distância?

S06: Sim, faria.

Entrevistador: E que tipo de processo você gostou mais? O presencial, tradicionalista, que você já fez durante a sua vida, ou esse de ensino à distância que você está tendo experiência?

S06: Não, eu prefiro presencial. Se eu pudesse optar entre o à distância e o presencial, porque o presencial eu acho que, primeiro que você dedica aquele tempo integral ali, que for por exemplo duas horas por semana, três horas por semana que você é obrigado a ficar ali, quer dizer, na sala de aula e se dedicar àquele curso. À distância, como fica muito a critério do aluno, você acaba ficando dez minutos, um pouquinho hoje, aí você interrompe, amanhã você volta e fica mais cinco minutos, ou mais meia hora, uma hora, quer dizer, então parece que não tem uma continuidade né, não dá pra você ficar ciente de um tema e de qualquer outra matéria totalmente. Então você fica interrompendo isso, eu acho que atrapalha um pouquinho o entendimento mesmo das matérias.

Entrevistador: Como que você vê, pra finalizar, um aluno de um ensino à distância? O que você acha que ele tem que ter, como é que você vê esse aluno pra que ele tenha proveito?

S06: Não entendi muito bem a pergunta.

Entrevistador: Como é que você vê um aluno de um processo, ou seja, pra que seja proveitoso, pra que ele tenha um bom resultado no curso? Como é que você vê, o que o aluno tem que...

S06: O aluno tem que tá, eu acho que, muito disposto a fazer esse curso né, acho que ambas as situações, mesmo que não fosse à distância. Mas à distância acho que muito mais, porque aí você tem que assumir um compromisso de constantemente tá ali, em contato com a sua plataforma, estudando e sabendo, eu acho que o importante é o aluno separar uma parte do dia ou algumas horas do dia, ou algum período do dia pra acessar e se dedicar ao curso. Coisa que por enquanto eu não consegui fazer ainda, mas eu acho que daqui pra frente eu vou tentar essa técnica. Que as três primeiras matérias eu sofri um pouquinho por conta disso que eu te falei. Um dia acesso cinco minutos, outro meia hora e, aí eu tô aqui no trabalho, aí é interrompido por uma ou outra do trabalho e acaba prejudicando um pouquinho. Então acho que se a gente, por exemplo, dedicar das cinco as seis da tarde, todos os dias, ao curso, acho que fica mais fácil. Você se organiza melhor.

Entrevistador: Ok, tá ótimo, obrigado.

Entrevista com SUJEITO 07 (S07).

Entrevistador: Você já havia feito algum curso à distância?

S07: Só algum do SENASP né, aqui mesmo do departamento.

Entrevistador: Nesse caso, quando você foi designado pra esse curso à distância da Academia, você procurou alguma literatura ou algum amigo que já havia feito algum curso à distância?

S07: Não, até porque era de curta duração também.

Entrevistador: Queria que você ficasse super à vontade em dizer pra mim tudo que você pensa ou sabe sobre EAD, ou seja, ensino à distância. Aí você fica à vontade pra falar.

S07: Pra mim é uma experiência que tem iniciando agora, teve início há pouco tempo assim. Eu acho interessante, um novo tipo de mídia. Agora eu acho que ainda falta um pouco pra, ocupar mais espaço.

Entrevistador: Com relação ao que você viu e sentiu nesse processo, a sua pessoa?

S07: Eu acho que potencialidade, ainda falta um pouco de divulgação. E até eu vejo um certo preconceito assim contra o curso né, mas acho que tem grande potencialidade. E até pela flexibilidade também que dá né. Um ponto positivo.

Entrevistador: Ok. Gostaria que você falasse, durante o curso que você fez, como é que foi a interação que você teve com os professores, os outros alunos, a instituição ou tutores?

S07: Você tá falando do CEP, Curso Especial?

Entrevistador: Curso Especial.

S07: Foi bom assim, a interação foi boa. Agora mais especificamente na parte telepresencial eu achei que faltou uma orientação prévia. Nós fizemos primeiro a parte presencial né? Quando fizemos a parte presencial eu acho que poderia ter tido uma orientação de como utilizar né, numa melhor forma né. Apresentar o curso e mostrar como é que é a parte da navegação, principalmente né. Até no próprio site também podia, essa parte que era pela Internet, podia ter um ambiente mais favorável né, orientando quanto à navegação na sala.

Entrevistador: Só pra ratificar, esse curso que você fez, ele foi uma escolha ou foi uma obrigação da instituição?

S07: O certo é... pré-requisito pra ascensão funcional. Pra ter ascensão é obrigado a passar pelo Curso Especial.

Entrevistador: E o tempo que você teve pra trabalhar com esse ensino à distância, foi suficiente? O que você pode falar sobre isso?

S07: Foi suficiente. Agora eu particularmente fiquei um pouco prejudicado que eu tive um problema na visão, eu não podia usar o computador. Eu fiquei um bom tempo sem poder fazer a parte telepresencial. Quando eu tive alta, eu tive que otimizar o tempo.

Entrevistador: Que tipo de processo você gostou mais de estudar, o presencial, esse tradicional que a gente teve a vida inteira, ou essa nova modalidade de ensino à distância?

S07: Eu preferi o presencial mesmo.

Entrevistador: Porque?

S07: Acho que a interação é maior, você fica mais... até por ser a parte telepresencial ser uma novidade, você fica não fica tão à vontade. E tem a... eu acho que a interação é bem maior. Você troca experiências com os colegas né, coisa que na parte telepresencial é mais dificultoso assim, não vou dizer que não tem, tem a parte de correspondência com os colegas, mas sinceramente não acho que supra o contato direto.

Entrevistador: E você faria um outro curso à distância?

S07: Faria, faria.

Entrevistador: Explica isso pra mim.

S07: Não, faria, se tivesse uma necessidade ou uma oferta, não tem nenhum preconceito quanto a isso não.

Entrevistador: Ok, obrigado.

Entrevista com SUJEITO 08 (S08).

Entrevistador: Você já havia feito algum curso à distância antes desse?

S08: Não, nunca fiz.

Entrevistador: Nesse caso, você procurou alguma literatura a respeito ou então algum amigo que já havia feito pra poder se interar sobre o assunto?

S08: Também não.

Entrevistador: Outra coisa. Então queria que você ficasse super à vontade em falar pra mim o que você pensa e o que você sabe sobre ensino à distância, visto que participou de um projeto desse.

S08: Ensino à distância é uma forma de abranger mais, no caso do DPF, mais servidores né, uma vez que não há necessidade de deslocamento, você pode executar as tarefas no ambiente de trabalho, outro componente facilitador né, e uma maneira de estender o conhecimento pelos diversos colegas espalhados aí pelo país.

Entrevistador: E o que você pensa com relação ao que você viveu nesse curso à distância, a respeito da modalidade?

S08: Eu acho que deixou bem quem né, a expectativa. A gente tinha a pretensão de ter o reconhecimento de um curso de extensão, não foi contemplado com esse quesito. A instituição responsável também não promoveu um ensino com qualidade, deixou muito a desejar com relação às aulas e uma participação maior com... o aluno participante né, muito distante assim, relacionamento.

Entrevistador: Aproveitando o assunto, me fala o que você achou da interação nesse curso no que diz respeito aos alunos do curso, a instituição, aos tutores e a própria instituição. Como é que você vê essa interação?

S08: Eu achei que como era um pré-requisito pra progredir na carreira, ficou mais no campo do obrigatório. Você ter que acessar pra você ter uma nota aferida de tantos acessos, de ter comentários lá na página da instituição. Achei que foi meramente pra cumprir uma formalidade instituída pela Academia, pra questão de progressão funcional.

Entrevistador: O tempo que foi disponibilizado pra você fazer o curso ele foi suficiente? Fala sobre isso.

S08: Eu acho que foi, não teve muita sobrecarga, a gente tinha o horário dentro do expediente exclusivo pra isso. Eu acho que a carga foi bastante suficiente, não houve problema não.

Entrevistador: Ok. No tocante ao ensino presencial tradicional e o ensino à distância. Fala pra mim qual dos dois você prefere?

S08: O presencial é mais importante porque você consegue interagir de forma mais direta com a pessoa que tá repassando o conhecimento. O ensino à distância, por ser virtualizado, o relacionamento entre o aluno e quem é o responsável por ministrar o conteúdo é bem diferenciado, bem distante mesmo. A participação, acho que pra detalhar mais o conteúdo não substitui o período presencial.

Entrevistador: Nesse caso, você, se tivesse uma outra oportunidade você faria um curso à distância?

S08: Eu faria assim, se fosse meu interesse assim, e eu espontaneamente me inscrevesse, não fosse alguma assim obrigatória. Iniciativa minha, um tema do meu interesse, aí eu me dedicaria mais e até cobraria da instituição responsável.

Entrevistador: Nesse caso pra gente finalizar, como é que você vê um aluno de ensino à distância, o que você acha que ele tem que ter pra ser um bom aluno?

S08: Primeira coisa é interesse, não ser uma coisa obrigatório. Tem que ter interesse naquele conteúdo que vai ser apresentado e ele procurar por meios próprios expandir o assunto e buscar orientações com os tutores. Tem que ser o interesse principal é do aluno mesmo.

Entrevistador: Ok, obrigado.

Entrevista com SUJEITO 09 (S09).

Entrevistador: Você já havia feito algum curso à distância antes desse da FGV.

S09: Não, aquele curso foi o primeiro curso que eu fiz à distância.

Entrevistador: Nesse caso você procurou alguma literatura a respeito ou algum amigo que já havia feito um curso à distância pra se inteirar melhor?

S09: Não, não me inteirei com outras pessoas não.

Entrevistador: Ok, nesse caso eu queria que você ficasse à vontade pra falar pra mim tudo que você pensa ou sabe sobre EAD decorrente do que você viveu nesse período, fazendo o curso.

S09: Olha, eu achei um pouco difícil o curso à distância, até pra, de início, eu não tenho, não sou expert em informática. No início, achei dificuldade até de acessar o site e acessar todas os campos que eram necessários, depois que eu me inteirei dos fatos aí tive mais facilidade. Mas uma coisa que eu achei bastante difícil é porque o curso à distância só tem uma maneira da pessoa auferir se você realmente tá estudando. É passando tarefas e cobrando o resultado. Então, em razão disso, eram passadas muitas tarefas, dia de sábado e domingo, que às vezes a gente não tinha tempo nem de fazer uma pesquisa mais profunda. Então, nessa parte eu achei um pouco difícil você trabalhar e fazer um curso à distância, você encontra uma certa dificuldade, em razão da quantidade de conteúdo que é jogado, é passado pra você, e às vezes você não consegue acompanhar aquela... não só acompanhar, mas absorver também aquela quantidade de informação que é lhe repassada. Por exemplo, livros, eles passavam vários autores, o ideal era você, se você conseguisse ter tempo pra pesquisar todos aqueles autores. Então, nesse ponto que eu achei um pouco difícil o curso à distância.

Entrevistador: Então você acha que o tempo não foi suficiente pra você fazer a contento?

S09: O tempo não foi suficiente, era muito conteúdo pra pouco tempo.

Entrevistador: E como é que foi a interação, durante esse período, entre você e os outros alunos, os tutores, a instituição como um todo?

S09: A interação entre os alunos... os demais alunos foi boa, com os instrutores também... os tutores foi interação boa. Só que deixou a desejar foi no caso da monografia. O orientador praticamente não orientou você, eu fiz também a monografia, o projeto de pesquisa, toda a monografia, o conteúdo foi mais ou menos aquilo que a gente já tinha em mente. Faltou aquela orientação, aquele... a dificuldade é se você mandava aquelas dúvidas que você tinha você passava um e-mail, às vezes você não tinha respostas como você desejaria. Então se fosse por exemplo um curso presencial, você ia lá, conversava, discutia com professor, e era muito mais fácil. E o

curso à distância, com orientador à distância eu achei muito difícil e praticamente ele não sanou as dúvidas não deu orientação necessária. E isso não foi só comigo não, foi de maneira geral todos os colegas reclamaram desse... que não tiveram orientação na elaboração da monografia.

Entrevistador: Certo, e nesse caso o curso que você fez ele foi obrigatório ou foi facultativo?

S09: Ele era obrigatório. Era um pré-requisito para ascensão à classe especial de Delegado de Polícia Federal. Então se você não fizesse, você não alcançaria a classe especial. Então, de certa forma, foi obrigatório.

Entrevistador: Entre o ensino presencial que nós... você já foi moldado, e esse à distância que você fez, o que você prefere, o que você preferiu trabalhar.

S09: Como eu sempre fiz meus cursos presencial, e até um curso de especialização que eu tinha feito também na forma presencial, e esse era o primeiro à distância, eu, em razão dessas dificuldades, eu ainda prefiro o presencial. Mas eu sei que é uma modalidade hoje com o avanço tecnológico, uma modalidade de ensino muito importante. Talvez eu, em razão... todos nós temos uma dificuldade de se adaptar ao que é novo, às mudanças né. Mas o que eu acredito que é uma modalidade interessante, só que eu ainda prefiro a presencial.

Entrevistador: Ok, então nesse caso, pra gente finalizar, se você faria um outro curso à distância?

S09: Talvez faria, mas não, não por agora, que foi muito estressante esse curso à distância, muitas matérias, um espaço de tempo curto. Como eu disse, a monografia também concomitantemente com o curso à distância, você fazer três... parece que quatro ou cinco matérias e mais a monografia em quatro meses é muito, muito apertado. Então foi muito estressante esse... e talvez futuramente eu faria mas fosse um curso com uma grade horária mais flexível e com espaço de tempo maior.

Entrevistador: E pra gente finalizar novamente, com relação a um aluno de um curso à distância, o que você poderia me falar, como é que você pensa que tem que ser um aluno pra fazer um curso à distância?

S09: Tem que ser um aluno, digamos assim, um aluno disciplinado. Ele tem que praticamente entrar no site praticamente todos os dias e fazer a pesquisa e postar o resultado na data estipulada. Também eu perdi ponto numa matéria pelo fato de ter postado uma matéria... não consegui postar no dia estipulado, postei no dia seguinte, tirei dez em todas as matérias e nesse tirei dez mas ele tirou seis décimos pelo fato de ter postado fora do prazo. Então tem que ser um aluno que tenha uma disciplina rígida, senão ele perde muitos pontos.

Entrevistador: Ok.

S09: Agora um detalhe também que eu acho que eu gostei no meu trabalho era que não foi feito provas e sim tarefas e você tinha que... eles postavam um questionamento e você tinha que pesquisar, tinha que comentar as idéias dos colegas também, então tinha... logicamente você tinha que estar sempre entrando no site e verificando os trabalhos dos outros colegas. Porque você tinha que discutir entre grupos. Então achei muito interessante essa metodologia. Que não tinha prova mas era avaliado constantemente, todas as tarefas, todas as discussões, e você tinha que estar ali atento e sempre pesquisando. E não dava, por exemplo, era impossível um aluno fazer uma prova pro outro ou uma pessoa... então o aluno tinha... eles tinham como conferir se realmente aquele aluno estava participando.

Entrevistador: Ótimo.

Entrevista com SUJEITO 10 (S10).

Entrevistador: Você antes desse curso que você fez, você já havia feito algum outro curso à distância?

S10: Não, foi o primeiro.

Entrevistador: Nesse caso você procurou alguma literatura a respeito ou algum amigo que já havia feito pra tirar dúvidas ou perguntar a respeito do curso?

S10: Não mantive fiel só ao material fornecido pela instituição. Não aprofundei, não fiz nenhuma busca fora daquilo.

Entrevistador: E pra gente... queria que você ficasse à vontade de falar pra mim o que você sabe, do que você pensa agora sobre ensino à distância, já que você fez uma modalidade dessa.

S10: Bom, eu acho que tem suas deficiências mas é melhor que nada né. Acho que tem uma limitação mas depende muito do aluno, do estudante, de quem esteja fazendo curso, buscar aprofundar.

Entrevistador: Nesse caso, quais deficiências você citaria já que...

S10: Bom, eu acho que se tiver um canal pra se tirar dúvida e como tinha mas eu não recorria a esse canal, porque achei desnecessário, eu acho que se tiver uma mesa redonda, uma oportunidade de interação maior, acho que é válido, não vejo grande limitação. Eu sofro uma limitação porque eu não sou uma pessoa que tem facilidade pra lidar com informática, mas uma pessoa bem afiada nessa área com essas ferramentas, é possível fazer um curso satisfatório. Acho que é possível, depende, como disse antes, depende muito do aluno.

Entrevistador: Como é que você viu a interação nesse período entre a instituição, os outros alunos, os tutores nesse curso?

S10: Eu acho nesse curso deu oportunidade pra interação. Eu não posso (ininteligível) o resultado, mas havia abertura pra interação. E eu não me recorria a essas ferramentas mas tava disponível. Eu acho que é bem melhor você passar um curso presencial, mas eu não me detive pra analisar a fundo a eficiência, a eficácia desse método. No meu caso, era pra, com o objetivo de promoção, não tive o cuidado de aprofundar.

Entrevistador: Então nesse caso, o curso ele foi obrigatório ou ele foi facultativo?

S10: Bom, ele é condicionante, ele condicionava minha promoção à realização desse curso.

Entrevistador: E o tempo, você acha que ele foi suficiente pra você fazer o curso à distância?

S10: Não, acho que o tempo pra se fazer bem feito deveria disponibilizar mais tempo né. Acho que a instituição ou nosso próprio órgão poderia ter estipulado uma carga horária mais extensa porque você não aprofunda o tema, você pega noções né, noções gerais, não te dá uma oportunidade de você. Oportunidade existe né, se o aluno tiver tempo, dedicação e interesse pelo assunto, pra ele aprofundar, mas eu acho que como hoje, eu não sei você sabe que tem as universidades de medicina hoje estão buscando uma nova metodologia pedagógica, que é o estudo (inteligível), em que o aluno recebe, ele tem um sistema tutorial, o aluno recebe o tema, aprofunda, debate em mesa redonda e depois aquilo é avaliado em uma prova. Eu fiz medicina em Brasília, na Universidade do Distrito Federal, então o sistema é o sistema utilizado Harvard. Aqui o precedente nacional é uma escola de medicina em Florianópolis. Recentemente essa escola de medicina de Anápolis, recém-autorizado pelo MEC, tá usando o mesmo procedimento, mesma metodologia. Que é eu acho que interessante,

porque o aluno ele não é um ente passivo, ele é ativo, entendeu? Ele não só recebe, ele tem que buscar, discutir, então ele é que vai, ele é um elemento de ação. Porque aquele sistema de aluno caladinho, recebendo a matéria, então, né, acho que os pedagogos já estão sentindo que isso já não (ininteligível). Então, esse sistema é interessante. Acho que seria o ideal, e esse processo aqui que nós passamos ele pode ser melhorado até nesse sentido.

Entrevistador: Nesse caso, da sua experiência do ensino presencial clássico que você estudou, e esse agora de ensino à distância, que você preferiria fazer?

S10: Rapaz, eu no meu perfil eu preferia fazer o presencial. Porque também tem a questão já da idade e tal, eu acho que um jovem dinâmico, que tem buscar mercado de trabalho, ou por causa do trabalho, eu acho que qualquer um dos dois pode ter um bom resultado.

Entrevistador: Você faria um outro curso à distância?

S10: Faria, depende da necessidade, do contexto, da questão da adequação também do meu tempo né. Eu achei que, depende da dinâmica, da facilidade do expositor, porque naquele curso tinha bons expositores e tinha alguns com sérias deficiências né. Depende muito, se o professor for um bom comunicador... e é aquela história né, até o curso presencial o professor te dá matéria mas se você quiser aprofundar você tem recorrer aos livros didáticos né, algum trabalho científico e buscar...

Entrevistador: Nesse caso então, nesse contexto pra gente finalizar, como é que tem que ser um aluno de um ensino à distância, de um curso de ensino à distância?

S10: Eu acho que tem que ser um aluno interessado, porque se for só pra obter a classificação e pegar um certificado, é fácil. Agora, se ocê é... buscar aprender conhecimento, aí o aluno se se limitar àquilo que foi dado acho que é pouco, muito pouco né. Tem que buscar nos (ininteligível) e nos trabalhos, assim tipo monografia, teses, né. Eu acho que é por aí.

Entrevistador: Beleza.

Entrevista com SUJEITO 11 (S11).

Entrevistador: Você já havia feito algum curso à distância antes desse curso da Academia Nacional de Polícia?

S11: Não, esse foi o primeiro. Primeiro curso à distância.

Entrevistador: E você procurou alguma literatura a respeito ou amigos que já haviam feito um curso à distância pra se inteirar sobre o assunto?

S11: Não, na época quando começou o curso eu tava numa viagem internacional, lá na China, tive bastante dificuldade em iniciar na turma, mas logo na chegada, somente pelo site da FGV e com o instrutor da FGV eu consegui me inteirar e continuar o curso.

Entrevistador: Com relação a ensino à distância, queria que você ficasse super à vontade pra falar o que você sabe e o que você pensa depois de ter feito o curso sobre ensino à distância.

S11: Olha, eu achei ensino à distância uma iniciativa legal, bem econômica, prática, ela possibilita algumas que não tem disponibilidade de tempo de ficar assistindo aula, de ter aquele ensinamento, obter aquela informação. No início, eu acho que poderiam dar melhores instruções no início de como será a aula, como serão as provas, a comunicação, isso eu tive um pouco de dificuldade e vi colegas com grande dificuldade no decorrer do curso. Mas eu achei bastante interessante, eu tinha uma certa desconfiança principalmente com relação àquelas aulas interativas com o professor, achei que ele não conseguiria controlar a turma estando à distância, ou que

não conseguiria avaliar a manifestação de cada um mas ele conseguiu individualmente, todo mundo se manifestou. Ele replicou a manifestação de cada um, e ao final do debate ele até exortava as pessoas e os alunos é que pararam de se manifestar. Então eu me senti praticamente, eu já tenho hoje um certo convívio com chats né, e computador, então me senti bastante à vontade em mandar minhas informações, minhas manifestações.

Entrevistador: No geral, como é que você achou a interação entre você e a instituição, tutores, professores e colegas participantes do mesmo curso?

S11: Olha, eu achei muito boa. A FGV, que foi o meu caso, tem uma experiência muito grande disso e eu senti isso nas instruções para com os alunos, na divulgação das notas, das manifestações. Eu percebi que muitos colegas que tem uma timidez muito grande ali na aula eles conseguiam se soltar, muitos alunos que depois na aula presencial não se manifestavam, ficavam mais quietos, no ensino à distância eles se manifestavam, expunham idéias e eram até idéias boas, idéias boas mas que a timidez os impedia de falar isso numa sala padrão.

Entrevistador: Ok. Nesse caso, o curso que você fez ele foi uma escolha ou foi uma determinação?

S11: Não, foi uma determinação. Foi uma determinação, foi uma escolha da nossa instituição Polícia Federal.

Entrevistador: E o tempo que você teve para estudar e para participar do curso à distância foi suficiente? Queria que você falasse sobre isso.

S11: Foi suficiente, foi suficiente, por que, na verdade eu não consegui ler todas as obras que o nosso instrutor, o nosso monitor indicava, nossos professores. Porque o nosso curso foi muito rápido, ele foi à distância se não me engano dois meses e presencial um mês. Então esse tempo do curso foi pequeno. Acredito que se fosse um curso de um ano, de um período maior, seis meses, seria viável ler toda literatura que ele sugeriu. Então, o nosso curso específico acho que foi curto, mas foi suficiente, eu estudei toda a literatura que me interessava, fiz a monografia no tempo hábil, apresentei pessoalmente, fiz sozinho e tirei nota dez.

Entrevistador: Ótimo. Em que tipo de processo você gostou mais de estudar, o tradicional presencial ou esse à distância?

S11: Olha, à distância foi o primeiro e único até então. Toda a minha vida, todo o meu passado eu estudei no tradicional, mas eu gostei muito do ensino à distância. Eu acho que o ensino à distância, bem coordenado, com algumas aulas presen... participações presenciais em algumas provas, algumas palestras, eu acho que é o ideal. Eu gostei muito. Gostei do... eu gostaria e faria um outro.

Entrevistador: Vou te perguntar isso, você faria um outro à distância?

S11: Faria com certeza. É eu acho que hoje, em razão do dia-a-dia muito ocupado, eu acho que seria a única forma de fazer um curso hoje, seria à distância. E os cursos presenciais tradicionais eles já não me empolgam mais, pelo contrário, você tem que sair da sua casa, você tem uma família, tem um trabalho que te consome o dia todo, tem uma família, há a necessidade de você se dedicar a ela, você sair do convívio familiar, pra ir num curso, isso aí gera um desânimo muito grande, cansaço, sono, né, o sistema tradicional. Já o ensino à distância não. Se ele for bem organizado, bem disciplinado é muito interessante.

Entrevistador: Pra gente finalizar, como é que você um aluno de um ensino à distância? Que ele tem de característica pra ter um melhor aproveitamento ou não?

S11: Com certeza ele tem que ter um domínio de informática. Ele tem que ter, ele ter que aceitar essa concepção de ensino do futuro, tecnologia da informação, ele tem

que gostar disso, acreditar nisso daí, porque a distância, o fato de não estar visualmente vendo o professor, os outros colegas, uma pessoa que não é preparada pra isso, talvez pode provocar algum sentimento ou até algum desinteresse pra algumas pessoas. Não foi o meu caso, mas acredito que isso possa acontecer com alguém. Talvez o implemento de videoconferência, até no EAD, eu acho que seja uma das formas de minimizar isso daí.

Entrevistador: Ok, obrigado.

Entrevista com SUJEITO 12 (S12).

Entrevistador: Antes de curso que você fez na Academia Nacional de Polícia, você já havia feito algum curso à distância antes?

S12: Nunca. Nunca tinha feito um curso à distância.

Entrevistador: Nesse caso você procurou alguém que já havia feito ou alguma literatura a respeito de ensino à distância pra poder se aprimorar?

S12: Não, durante o curso eu mesmo tentei progredir sozinho, autodidaticamente né.

Entrevistador: Ok. Nesse caso, Valcir, queria que você explicasse pra mim ou falasse super à vontade o que você entende e o que você sabe sobre ensino à distância, de acordo com a sua experiência.

S12: Um curso à distância seria um aprimoramento de seus conhecimentos, sem estar presente na sala de aula. E também interagindo com outras pessoas, e era feito isso, tinha fóruns. Também o tempo, a necessidade do tempo, você tá, na tua hora que você tem à disposição, não é um horário programado todo dia, você vai lá hora que você puder você faz essa pesquisa.

Entrevistador: Nesse caso, como é que você achou a interação entre o curso, entre você, as pessoas, o curso, e os tutores e outros alunos?

S12: Foi muito boa. Quando eu... em razão da função policial não era todo dia que eu poderia tá acompanhando, mas quando eu tinha tempo de tá participando dos fóruns era muito bom. A interação muito boa, excelente.

Entrevistador: Esse curso que você fez foi uma escolha pessoal ou foi uma obrigação?

S12: Foi é obrigatório né.

Entrevistador: E o tempo que você utilizou ele foi suficiente ou ele foi... fala sobre o tempo disponível.

S12: Foi suficiente, foi suficiente. Deu pra...

Entrevistador: Nesse caso, que tipo de processo você gostou mais de estudar. No presencial, esse que você tem costume de trabalhar, ou esse à distância que você fez?

S12: Na verdade eu prefiro o presencial. O presencial você tá, obrigatoriamente você tem que tá ali, então você tem que ter o tempo pra fazer isso. À distância você fica meio relapso com a hora, ah se sobrar um tempo eu faço. Então o presencial você é obrigatório tá lá na sala de aula.

Entrevistador: Você faria um outro curso à distância?

S12: Faria sim, tranquilamente. Inclusive já me inscrevi no ENAD, nesses cursos que tá tendo.

Entrevistador: E pra gente finalizar o que você acha que tem que ter um aluno de um curso à distância? Característica dele, com referência a um curso presencial, ou seja, como é que você vê o perfil desse aluno?

S12: Interesse no assunto, né. Ele que tem que tá interessado ali pra fazer esse curso. Disponibilidade de tempo.

Entrevistador: Beleza, obrigado.

Entrevista com SUJEITO 13 (S13).

Entrevistador: Antes desse curso da Academia Nacional de Polícia você já havia feito algum curso à distância antes?

S13: Nenhum. Foi o primeiro que eu fiz.

Entrevistador: Sendo assim você procurou alguma literatura ou algum colega que já havia feito pra se inteirar a respeito de EAD?

S13: Procurei um colega de nome [Gladston] da Polícia Federal, lotado em Curitiba, que ele fez o curso antes de mim, pra me inteirar a respeito. Me deu as instruções de como era o procedimento junto à instituição, só que acabou que a minha instituição foi outra, então acabou que eu nem usei os conhecimentos que ele me passou.

Entrevistador: Ótimo, nesse caso eu queria que você ficasse bem à vontade pra você explanar pra mim o que você pensa e o que você acha sobre ensino à distância.

S13: Bom, é uma ferramenta muito boa, principalmente pra quem não tem condição de acessar um grande centro onde ele pode tá usufruindo de estruturas boas e de bom material humano pra poder aprender. Acho que assim, se não tem condição de ter acesso a esse tipo de material, humano e institucional. Mas quem tá num centro urbano eu não vejo porque tá usando... de um grande centro tá usando um sistema desse né. Hoje em dia as faculdades são muito bem desenvolvidas aqui, a gente tem praticamente de tudo. Não vislumbro porque a não ser a grife né. Fiz o curso da universidade tal, à distância. Pra mim...

Entrevistador: Ok. Como é que você foi, foi no curso que você fez, como é que foi a interação entre aluno, instrutores, tutores e alunos do curso, outros alunos?

S13: Foi muito fraca. Porque na verdade o que a gente dispunha era de um site com essas informações. E num site ela acaba sendo muito unilateral. Eu ia lá e buscava as informações. Eu não tive aulas expositivas, eu não tinha nenhum feedback dessas aulas lá. O material tava todo disponível, tinha que fazer download do material, depois estudava por conta própria. Não tive nenhum contato mais próximo de alguém ou um retorno instantâneo daquilo que eu tava precisando. Tava lá, ia lá e buscava (ininteligível).

Entrevistador: Com relação ao curso, foi uma escolha ou foi uma obrigação?

S13: Uma obrigação. Uma obrigação. Se tivesse que escolher eu não optaria por fazer à distância, eu queria fazer presencial.

Entrevistador: E o tempo que foi disponibilizado pra você fazer o curso à distância, foi suficiente?

S13: Perto do material que foi oferecido foi mais do que suficiente. Não tinha assim uma obrigação de tá indo lá buscar essas informações ou uma determinação de você chegar e tal hora vai tá sendo exposta tal aula pra você, não tinha, ficava a meu critério, então...

Entrevistador: Que tipo de processo você gostou mais de estudar? Presencial tradicional ou esse à distância?

S13: Presencial tradicional sem dúvida.

Entrevistador: Fala pra mim porque.

S13: Muito melhor. É porque aí você tem feedback, né. Você ir pra uma sala de aula, você sentar e você não poder discutir, então você não precisa ir pra uma sala de aula. Você não precisa desse sistema. Eu prefiro esse debate, eu prefiro tá ali falando, o professor tendo esse retorno, do que um lugar que você só vai lá e não tem essa troca de experiência e de informação.

Entrevistador: Ok. Você faria um outro curso à distância?

S13: Não

Entrevistador: Porque?

S13: Porque a experiência foi ruim, acho que não... eu descobri que eu sou aluno de presencial, eu gosto de ter um retorno das discussões, ali de forma instantânea. E o ensino à distância não proporciona isso. Nesse sentido eu achei muito unilateral.

Entrevistador: Pra gente finalizar o que você acha de... que um aluno, qual a característica que um aluno tem que ter pra... pra um ensino à distância, pra ele fazer um bom curso?

S13: Eu não diria característica do aluno, eu acho que antes e acima de tudo tem que ver a característica do curso. Porque o aluno ele tá ali pra aprender, pra mostrar o que... pra absorver o que foi ensinado pra ele. Quanto melhor, quanto mais troca houver de conhecimento vai ser melhor pro aluno. Então eu acho que é o curso. Eu acho que tem que ter essa estrutura toda, de repente eles podem criar um sistema que possa lhe dar um feedback ali instantâneo pra pessoa, eu nunca vi, ouvi falar que existe mas eu nunca assisti aula desse jeito. Mas eu acho que é muito mais o curso do que o aluno.

Entrevistador: Ok, muito obrigado.

Entrevista com SUJEITO 14 (S14).

Entrevistador: Antes desse curso da Academia Nacional de Polícia, você já havia feito algum outro curso com ensino à distância?

S14: Não, é a primeira vez.

Entrevistador: Nesse caso você procurou alguma literatura ou algum amigo que já havia feito pra te dar informação sobre o curso?

S14: Não.

Entrevistador: Ok. Então eu queria que você me falasse, o que você pensa, de acordo com a sua experiência, o que você pensa o que você acha de ensino à distância.

S14: Bem, o ensino à distância ele veio viabilizar esse problema da distância, da instituição com o aluno. Eu achei bom, gostei do estilo de trabalho porém o que eu (ininteligível) fazendo pelo EAD, eu achei que tão querendo colocar muita coisa, muita matéria pra pouco prazo. A gente tem lições toda semana, tarefas, isso é muito bom pro curso. Mas não é só de uma matéria. São de três, de duas, três matérias ao mesmo tempo. Então acaba apertando um pouquinho pra aquele que estuda fora, aquele aluno que precisa de um tempo também pra dedicar ao estudo. Mas no contexto em geral, eu acho que ele consegue abranger a capacitação, o aprendizado do aluno, eu não vi problemas não.

Entrevistador: E queria que você me falasse com relação a esse curso como é que tá a interação entre você, aluno, com a instituição, com os tutores e com outros alunos do curso. Como é essa interação?

S14: Olha, da parte dos outros colegas eu vejo que eles ainda estão se interagindo bem. Eu abro os fóruns e tudo. Mas não me despertou o interesse de ir pro bate-papo, de ir pros fóruns de discussão não. O assunto que apresentou lá não me interessou de participar. É mais tirar dúvidas sobre o curso, que data de prova, quanto que vai valer tal prova, discussão acerca do assunto mesmo até agora, não achei interessante não.

Entrevistador: E com os tutores?

S14: Os tutores eles atendem perfeitamente suas dúvidas, mas eu sinto assim que se você mandar uma dúvida num final de semana ou coisa assim você vai ter sua resposta só na segunda-feira à tarde, por exemplo.

Entrevistador: Então, esse curso foi uma escolha ou foi obrigatório?

S14: Esse curso que eu estou fazendo ele é pra poder mudar de classe, eu vou ganhar tipo uma promoção. Eu tenho dez anos de polícia e por eu ser policial e cumprido esses dez anos, pra eu poder ganhar minha promoção eu tenho que fazer esse curso.

Entrevistador: Você já comentou sobre o tempo que você está disponibilizando pra fazer o curso, ele tá sendo suficiente ou não.

S14: Achei pouco. É pouco pela quantidade de matérias que estão sendo lecionadas. Porque a gente tá tendo... se fosse uma matéria dava pra você levar numa boa. Fazer o curso nesse ritmo. Porém três matérias eu acho puxado. Duas horas por dia eu acho pouco pra fazer um negócio bem feito. E o que eu senti também, porque eles tão apertando muito nessa parte de estudos, de matérias e a, como se diz, a monografia em si, tá sendo deixada de lado.

Entrevistador: Com relação ao ensino presencial tradicional, você já conhece, e o ensino à distância, o que você mais gostou de fazer?

S14: O ensino à distância.

Entrevistador: Porque?

S14: Porque não enrola, é na sua velocidade. Eu prefiro. Eu, o meu estilo de ser gosta mais desse do que de sala de aula.

Entrevistador: E você faria então no caso um outro curso à distância?

S14: Sim.

Entrevistador: Pra gente finalizar, como é que você vê um aluno de ensino à distância, ou seja, as características, principalmente com relação ao ensino presencial. Como é que você vê aluno pra ter um bom aproveitamento?

S14: O aluno que não tem obrigatoriedade de fazer o ensino à distância e que está lá, creio que ele tá interessado realmente em aprender. E se ele tá interessado em aprender, não tem necessidade de querer questionar através de avaliações se ele tem estudado ou não. Eu acho que ele tá estudando sim, é o fato já de ele tá entrando nas plataformas, acessando e estudando, creio que já, já em si, já dá pra tirar um grande aprendizado. E os tutores estão ali também pra tirar suas dúvidas. Então eu acho que é uma troca, um estudo assim mais individualizado, porém com um acompanhamento, não fica tão solto. O tutor quando você não acessa ou se demora ele manda um aviso, porque não tá acessando, demorou, tem tantas semanas que você não acessou a plataforma. De certa forma ele te dá um certo rigor também pra você acompanhar as matérias.

Entrevistador: Ok, obrigado.

Entrevista com SUJEITO 15 (S15).

Entrevistador: Antes desse curso à distância que você fez na Academia Nacional de Polícia, você havia feito algum curso anteriormente?

S15: À distância?

Entrevistador: É.

S15: Não.

Entrevistador: Nesse caso, você procurou algum amigo ou alguma literatura a respeito de ensino à distância pra poder se inteirar a respeito?

S15: Também não.

Entrevistador: Também não?

S15: Não.

Entrevistador: Então tá, com a experiência que você teve nesse curso à distância, eu queria que você falasse pra mim o que você pensa e o que você acha sobre ensino à distância.

S15: Particularmente não gostei não. Eu achei que não foi um... não teve um bom resultado. Acho que uma lição presencial ainda é bem melhor do que ensino à distância.

Entrevistador: Mas porque? O que te levou a ter essa visão?

S15: Olha, é... não sei talvez esse método que a instituição usou. Eu sei que... eu acho que no final do curso o resultado alcançado não foi o ideal. O que a gente ali de aproveitamento realmente não foi tão interessante não.

Entrevistador: E no tocante à interação entre você e a instituição, outros alunos do curso e os tutores? Como é que foi essa interação? Fala sobre isso.

S15: É, tinha um fórum lá, no site lá da instituição. Eu particularmente acho que foi umas dois ou três que eu acessei esse... que eu utilizei esse tipo de comunicação lá e também assim ficou uma coisa vaga, (ininteligível), uma opinião ou outro, mas na verdade assim um aprofundamento mesmo do negócio acho que não teve não.

Entrevistador: Esse curso que você fez ele foi uma escolha ou foi uma obrigação?

S15: Não foi o que tinha na época pra você passar pra ascensão de cargo, de cargo não, de nível no caso, e era a instituição (ininteligível) não tinha como ser diferente.

Entrevistador: O tempo disponibilizado pra você fazer esse curso foi suficiente?

S15: Foi suficiente.

Entrevistador: Entre o ensino presencial que você já trabalhou a vida inteira e esse à distância, o que você prefere?

S15: Eu prefiro o presencial, apesar do que eu não sei se vai ser... seja essa a abordagem tua. Por exemplo esse cursos preparatórios que usam vídeo-aula, seria mais ou menos a mesma coisa pra ti ou não?

Entrevistador: Mais ou menos.

S15: Porque aí sim, eu fiz um, passei mais ou menos ano fazendo um curso com vídeo-aula mas aí é só transferência de conteúdo, não tem esse enfoque que tem esse tipo de trabalho que você tá querendo analisar. Mas aí sim, já é... já gostei, foi uma experiência melhor. Porque acho que o nível dos professores é bem melhor, são expoentes nas matérias que estão ali, então ali eu gostei, mas acho que não o tem enfoque, não sei se...

Entrevistador: Acaba englobando. Você faria um outro curso à distância?

S15: Desse tipo lá eu faria sim. Agora desse daqui eu não sei, depende muito das circunstâncias.

Entrevistador: Pra gente finalizar, fala um pouquinho o que você acha que um aluno de EAD tem que ter, ou seja, qual a característica pra ele tirar melhor proveito de um curso à distância? Em comparação com o presencial.

S15: Eu acho que deve haver uma comunicação constante com o instrutor. No meu não houve. Talvez até essa questão da vídeo-aula pode ser importante também nesse da Academia que foi proporcionado não teve isso, pelo menos no meu, a não ser que cada curso que teve foi de uma (ininteligível) diferente. Então não sei como é que foram as outras. No caso do meu foi dado pela Unitins, que é da Universidade do Tocantins. Eu sei que já foram quatro escolas. Mas no meu especificamente não teve esse tipo de situação. Então talvez isso, mas principalmente maior comunicação entre o aluno e o professor.

Entrevistador: Beleza, obrigadão.

Entrevista com SUJEITO 16 (S16).

Entrevistador: Antes desse curso à distância que você na Academia, você havia feito algum curso anteriormente?

S16: Não. À distância não.

Entrevistador: Nesse caso, você procurou alguma literatura a respeito ou algum amigo que já havia feito esse curso pra poder se inteirar das características?

S16: Bom no meu caso o curso... a instituição foi mudada né, o Curso Especial de Polícia foi mudada a instituição. Era a Unitins e passou a ser o SESC Rio, então não procurei nenhum material didático, foi tudo que foi fornecido... apenas o que foi fornecido pela instituição.

Entrevistador: Certo. Então você fica super à vontade pra falar pra mim, através da sua experiência, o que você pensa o que você acha de ensino à distância? Um opinião sua, de acordo com essa experiência que você teve nesse curso.

S16: Bom, com relação à parte, o que vi foi assim, a parte de aprendizagem ela funciona, de certa forma funciona bem, depende da aplicação do aluno, da vontade do aluno ela vai funcionar. O que eu senti uma dificuldade foi na questão das dúvidas. Às vezes você não conseguia, a resposta não chegava em tempo hábil, porque tinha fórum, então às vezes você não conseguia uma resposta rápida né. E outra coisa que eu achei pelo menos em relação ao curso que eu fiz foi a questão da avaliação. O material didático fornecido e o cobrado às vezes eles não estavam de acordo, algumas coisas que eram cobradas às vezes não estavam no material didático fornecido pela instituição.

Entrevistador: Certo. E a interação entre você e a instituição, outros alunos e os tutores, como é que foi isso aí?

S16: É como eu falei, os tutores às vezes você não encontrava, você não conseguia o contato imediato. Não sei se aquele costume da aula presencial você levanta a mão a pergunta é feita na hora, diretamente. Então você tem esperar uma resposta, às vezes você tá querendo aquela resposta urgente e não tem. Mas, é complicado porque o tutor ele tem muitas pessoas pra atender. Então às vezes ele não consegue atender essa demanda toda, dependendo da quantidade. E eu senti isso às vezes você esperava e a resposta não vinha, talvez ele nem porque não tivesse, digamos assim, o conhecimento ou a vontade, mas pela disponibilidade de tempo. E acho que você no

corpo a corpo, aula presencial você resolve sua dúvida naquele momento, você não espera pra depois. Mas foi um contato relativamente bom. Com os colegas, foram um contato maior com os que estavam na... que fizeram o curso comigo e eram da Superintendência de Goiás.

Entrevistador: No caso esse curso foi uma escolha ou foi uma obrigação.

S16: Obrigação.

Entrevistador: E o tempo foi suficiente que foi lhe dado pra fazer o curso à distância?

S16: Eu considero que sim, foram sete meses o curso, seis ou sete meses, um tempo razoável. O que não significa que o tempo do trabalho final do curso foi bom. Você usou, passou muito tempo preocupado com as questões do curso à distância e a parte no final você um tinha trabalho final. E esse tempo foi apertado.

Entrevistador: E você, o curso presencial que você já conhece e o à distância, o que você mais de fazer?

S16: Complicado, né. O à distância acho que tem a vantagem da sua disponibilidade de tempo. Uma coisa que não dá no presencial, você tem que tá lá todo dia. Agora eu acho que a única desvantagem que tem no presencial e a questão das dúvidas e do debate, de vez em quando tá presente no fórum, o fórum tem um horário, às vezes você estando num curso presencial você é obrigado a estar participando daquele negócio, a participar daquilo ali. Então não tem como você fugir. E no outro não, você tem que entrar no horário certo no fórum, às vezes nem sempre, digamos assim você adquire uma certa comodidade e termina que não aproveita tão bem dela.

Entrevistador: Você faria um outro curso à distância?

S16: Faria, faria com certeza. Inclusive já tem até um outro disponível, não tive foi tempo ainda, aí já é um problema da disponibilidade de tempo né.

Entrevistador: Pra gente finalizar, eu queria que você falasse pra mim do perfil, de como é que você vê um aluno à distância. Porque um aluno presencial você já tem essa experiência né. E desse que você teve à distância, o que você visualiza um perfil de um aluno pra fazer um bom curso à distância?

S16: Pra fazer o curso tem que ter dedicação, compromisso, mais compromisso do que um aluno de um curso presencial. Presencial você tá lá né, quer queira ou quer não, alguma coisa vai você vai assimilar. Já no à distância não, se você não for atrás, então eu acho que o principal é dedicação e compromisso.

Entrevistador: Beleza, obrigado.

Entrevista com SUJEITO 17 (S17).

Entrevistador: Antes desse curso à distância que você fez na Academia Nacional de Polícia, você já havia feito algum curso antes?

S17: À distância não.

Entrevistador: Não?

S17: Não.

Entrevistador: Nesse caso você procurou alguma instituição ou literatura a respeito, ou algum colega pra poder tirar alguma dúvida ou se inteirar sobre o assunto?

S17: Não, só Internet.

Entrevistador: Certinho. Então aproveitando a sua experiência nesse curso à distância que você fez, eu queria que você falasse pra mim sobre ensino à distância. O que você pensa, o que você acha sobre EAD.

S17: O que eu penso sobre ensino à distância? É a nova solução pra capacitação, educação e capacitação dos elementos sociais porque a facilidade de penetração dos professores é muito grande e a possibilidade de utilização de multimídias pra instrução e capacitação de um aluno é muito maior e muito mais fácil do que num ensino convencional.

Entrevistador: Certo. Você conseguiu se comunicar nesse curso? Queria que você falasse sobre a interação entre você, professores, alunos e tutores.

S17: Sim, consegui. Conseguimos sim. Quando a gente precisou, a gente mandava mensagem pros professores, pros... acho que eram tutores, e eles respondiam pra gente.

Entrevistador: E com a instituição, também?

S17: Também, também.

Entrevistador: E outros alunos do curso?

S17: Bom, os outros alunos que a gente procurava manter contato era com os colegas de grupo, ou então da mesma área. Eu como fiz a minha tese de conclusão, foi individual, então eu procurei mais sozinho mesmo e depois mandei pro meu orientador.

Entrevistador: Esse curso que você fez, ele foi uma escolha ou foi uma imposição?

S17: O curso? Ele não é uma imposição porque se você não quiser fazer você não faz, mas acaba sendo coercitivo sim porque se você não fizer você não muda de classe.

Entrevistador: E o tempo que foi lhe dado, foi suficiente pra você fazer o curso?

S17: Eu achei tempo um pouco exíguo.

Entrevistador: Certo, da sua experiência nessas duas modalidades, presencial e a distância, que você gostou mais de trabalhar?

S17: Pela possibilidade de interação com o instrutor, você acaba ainda preferindo a presencial. Mas o ensino à distância também não deixa tanto a desejar.

Entrevistador: Você faria um outro curso à distância?

S17: Com certeza, hoje com mais maturidade sim.

Entrevistador: Pra gente finalizar, a gente falou de maturidade, como é que você um aluno de um curso à distância? Porque você tem essa visão tradicionalista de presencial e como é que você vê a característica de um aluno pra ele ter um bom aproveitamento num curso à distância?

S17: Eu acho que o aluno do ensino à distância, ele tem que ter a mola mestre do ser humano muito forte, que é a vontade. Porque até você chegar o fim, a essência do que você tá buscando ali, então você tem um monte de outras janelas abertas, seja na sua casa, ou num outro lugar. Então a sua força de vontade, a do aluno do ensino à distância tem que ser muito grande. Porque ele não vai ter a capacidade de dispersar e voltar e perguntar pro professor: "ó, aquele ponto agora há pouco que o senhor falou?". Não, passou, ele vai ter pegar uma fila, talvez ele não consiga interagir, porque outros alunos de diversas partes onde tá chegando aquele curso à distância também vão querer fazer algumas intervenções. Então ele tem que tá muito voltado pra aquilo que ele quer. Ao passo que no ensino presencial você tem a possibilidade de interagir com os colegas do lado, ali mesmo na sala de aula. Outra coisa, no meu

ver, o ensino à distância ele não é... penso que não tá pros adolescentes e pras crianças ainda não. Quando a gente fala que, lá naqueles portais de TV, Discovery Kids, é uma modalidade de ensino à distância, que você tem ali programas pedagógicos. Mas esse ensino à distância como a gente quer ou como é apresentado pra gente ainda não tá... aí já acho que não atende ainda a criança e adolescente.

Entrevistador: Porque?

S17: Porque, hoje por exemplo uma criança e um adolescente eles conseguem prestar atenção num National Geographic, num Discovery Channel, num Discovery Kids, porque a riqueza, o poder financeiro, o que é gasto ali, também é bancado pela iniciativa porque há o interesse econômico nisso, então a qualidade do material produzido é muito maior. Ao passo que as universidades formais que tão aí no ensino à distância, eles podem ter o timing às vezes acelerado e tudo o mais, mas não chega a equiparar com uma produção comercial. Ele tá passando conhecimento, tá passando informação, tem uma didática muito boa, mas por trás daquilo há o interesse comercial em manter aquela estrutura.

Entrevistador: Perfeito, obrigado.

Entrevista com SUJEITO 18 (S18).

Entrevistador: Turíbio, você já fez algum curso à distância antes desse na Academia Nacional de Polícia?

S18: Não, antes desse não tinha feito nenhum curso à distância.

Entrevistador: Partindo desse pré-suposto, você procurou alguma literatura ou alguém que já havia feito pra se inteirar melhor sobre o que é ensino à distância, sobre o curso?

S18: Não, já tinha lido alguma coisa até pela Internet mesmo já tinha lido como é que funcionava o curso à distância, mas não procurei ninguém que tinha feito. Até porque isso é uma coisa mais ou menos recente, né. Não tem muita gente que tenha feito cursos assim à distância.

Entrevistador: Certo. Então aproveitando a experiência que você teve nesse curso da Academia Nacional de Polícia, eu queria que você falasse à vontade o que você pensa e o que você acha sobre ensino à distância.

S18: A comodidade no ensino à distância é muito. Você tendo os meios na sua residência pra ter o acesso ao material, a estudar, é uma comodidade muito grande. No futuro, isso, no presente já né, e no futuro isso deve significar um grande ganho pra nossa sociedade. Isso porque a pessoa vai evitar aquela perda de deslocamento que tem pra faculdade, ou pra escola, que é muito grande em alguns centros, grandes centros, você perde uma hora, duas horas pra deslocar pra ir, uma hora duas horas pra se deslocar uma outra... esse tempo que você perderia se deslocando você vai ter mais tempo pra você estudar, se dedicar ao curso e com isso com certeza o ganho vai ser maior pra educação.

Entrevistador: Ok. Nesse caso, você escolheu fazer o curso à distância ou ele foi obrigatório?

S18: Não, na Academia tem uma fase que é presencial e há uma fase que é obrigatório o ensino à distância. Que foi no nosso caso ministrado pela Unitins, Universidade do Tocantins.

Entrevistador: E o tempo foi suficiente pra você fazer esse curso?

S18: Foi, foi. O tempo... ele iniciou em março né, então foi um tempo bom pra (ininteligível) estudo e...

Entrevistador: Gostaria que você falasse durante o curso que você conseguiu se comunicar satisfatoriamente com os instrutores, os tutores, a entidade e os alunos que faziam o curso com você.

S18: No caso da Universidade do Tocantins ela já tem uma experiência grande nessa área. Então foi fácil a comunicação, o site dela era explicativo e era muito bom da gente estudar por ele.

Entrevistador: Então você considera satisfatório a interação?

S18: Satisfatório.

Entrevistador: Em que tipo de processo você gostou mais de estudar? O tradicional presencial, ou esse à distância que você foi inserido?

S18: É o que eu disse, eu acho que no futuro devido à perda de tempo que você tem no deslocamento, que nesse caso você não tem, vai ser muito mais fácil você estudar no ensino à distância. Mas para isso a pessoa também que estuda tem que ter força de vontade. Exige mais força de vontade você estudar à distância do que estudar presencial. Até porque no presencial você é obrigado a ir até lá e tem chamada, tem... No à distância também dá pra se fazer isso, dá pra se controlar a presença do aluno de alguma forma, mas é mais complicado.

Entrevistador: Você faria outro curso à distância?

S18: Faria. Eu acredito que no futuro se fosse fazer um curso optaria por curso à distância, ao invés de um curso presencial.

Entrevistador: Porque?

S18: Pela facilidade de estudar, do horário você tem um horário mais flexível de estudar, você pode estudar, em regra você pode estudar de manhã ou de madrugada, ou à tarde, o horário que é mais disponível. Não precisa... o dia que você tá cansado você muda o seu horário, flexibiliza o seu horário e estuda em outros horários.

E pra gente finalizar, eu queria que você falasse pra mim sobre como é que você vê um aluno de um curso à distância, isso é, a visão que você tem pra ele ser um bom aluno dum curso à distância.

Digo que tem que ter força de vontade né, porque como no presencial ele também tem que ter força de vontade, ele tem que estudar, ele tem que prestar atenção nas aulas, no à distância ele tem que ter um pouquinho mais de força de vontade de vontade, tem que superar nisso aí porque a tendência dele é desvirtuar, a tendência é não prestar atenção. Então ele vai ter que ter um pouco mais de força de vontade. Mas é um ganho realmente muito grande pra qualquer aluno.

Entrevistador: Ok.